ARTE POETICA, E DA PINTVRA, E SYMMETRIA, COM PRINCIPIOS da Perſpectiua.

Compoſta por Philippe Nunes natural de Villa Real.

Com as Licenças neceſſarias.

Em LISBOA, por Pedro Crasbeeck. Anno 1615

Eſtà taxado eſte Liuro a reis em papel.

1.379.806 AA
05.02.2013

LICENÇAS.

VIſte Liuro intitulado Arte Poetica, & da Pintura, & não tem couſa contra a Fè, & bons coſtumes, pello q̃ não tenho duuida a ſe poder imprimir. Em S. Dominguos de Lisboa 12 de Iunho. 1614.

Frey Vicente Pereira.

VIſta a informação podeſe imprimir eſte Liuro, & depois de impreſſo torne a eſte Conſelho para ſe conferir, & dar licença para correr, & ſem ella não correrà. Em Lisboa 16. de Iunho de 1614.

O Biſpo de Nicomedia. Antonio Dias Cardoſo Bertolameu da Fonſequa.

POdeſe imprimir eſte Liuro por parecer proueitoſo, & não ter couſa que incontre os bons coſtumes, aos 20. de Iunho de 1614.

Damião Viegas.

POdeſe imprimir eſte Liuro intitulado Arte Poetica, & da Pintura viſto a licença q̃ tem do S. Officio, & do Ordinario, & depois de impreſſo tornará a eſta meſa para ſe taxar, & ſem iſſo não correrà, aliàs. Em Lisboa a 26. de Iunho de 1614.

Franciſco Vaz Pinto. Luis Machado de Gouuea.

ERRATAS.

Pag. 4 col 2 lin. 22.	la naris afilada diga Afilada la naris.
Pag. 9. lin 17.	& quebrado diga & o quebrado.
Pag. 10. col. 2 lin. 23.	teniendo diga remiendo.
Pag 19.	Retorgado diga Retrogado.
& col. 2. lin 9.	en ti diga en ti.
Pag. 22 lin 6.	tunerable diga funebre.
Pag 23 lin 1.	conſontia diga conſoante.
& lin. 13.	conhas diga conchas.
Pag. 25 lin. 21.	deſpus diga deſpues.
Pag. 44. lin. vltim.	pelas quais diga pelos quais.
Pag. 45. lin 9.	obruzo diga obtuzo.
& col 2 lin 7.	aparecem diga parecem.
Pag 46 lin 2. & 3.	aparecera diga parecera.
& lin 9.	aparecem diga parecem.
& lin 13.	aparece diga parece
Pag 54. col. 2 lin. 8.	talem vno diga talum vna. lin. 14 retro retro.
Pag 55 lin. 11.	oculos diga oculi.
Pag. 69. col. 2. lin.	antepenultima, acresẽte, & aſsi as mais por eſta ordẽ
& lin. 21.	outro diga outra.
Pag. 71 lin. 15	leue diga ſeve.
Pag. 62. col. 2. lin. vlt.	do branco diga o primeiro do branco.

EV el Rey faço saber a os q̃ este Aluara virem, que attendo respeito ao q̃ na petição atras escripta diz Philippe Nunes natural de Villa Real, ey por bem, que por tempo de dez annos que começarão da feitura deste; Imprimidor, Liureiro, nem outra pessoa algũa de qualquer calidade que seja, não possa imprimir, nem vender nestes Reynos, & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles o Liuro que compos intitulado Arte Poetica, & da Pintura, cõ principios da Perspectiua; saluo a quelles Liureiros, & pessoas q̃ para isso tiuerem seu poder, & licẽça, & qualquer q̃ imprimir, ou vender o dito Liuro, ou de fora o trouxer impresso sẽ sua licẽça, perderá pera elle todos os volumes q̃ lhe forẽ achados, & alem disso encorrerà em pena de 50. cruzados, ametade para minha Camera, & a outra ametade para quẽ o accuzar. E mãdo a todas as justiças, officiaes, & pessoas a q̃ o conhecimẽto pertẽcer, cũprão & guardẽ este Aluara como nelle se cõtẽ, & quero q̃ valha como carta sẽ embargo da Ordenação em cõtrario o qual se trasladarà no principio de cada Liuro. Ioão de Sousa a fez em Lisboa a 7. de Agosto de 1614. E eu Ioão Pereira de Castel brãco o fiz escreuer.

REY.

PRO-

ESTIMANDO *mais o proueito q̃ posso dar cõ estas duas Artes assi de Poesia, como da Pintura, q̃ meu credito, ousei sair a luz cõ ellas. Se ajuntei estas duas Artes não foy sem fundamẽto, pois se vê quãto comercio tẽ a Pintura cõ a Poesia, & Oratoria, q̃ dizia Simonides:* Picturam esse tacentem poesim, poesim autem esse loquentem Picturam. *Quer a Pintura era hũa Poesia calada, & a Poesia hũa Pintura que falaua. E Platão de pulcro lib. 26. vem a dizer o mesmo.* Graue id habet o Phædre scriptura, & picturæ re vera persimile. Picturæ nãque opera tãquam viuentia extant: si quid vero rogaueris verecũde admodum silent. Non aliter sermones putabis fortasse quasi aliquid ipsos intelligentes dicere, &c. *E Filostrato in princ. iconi. diz assi:* Quicumq; picturam minime amplectitur nõ modo veritatem, verum etiam, & eamquæ ad Poetas pertinet iniuria afficit sapientiam. Eadem enim est vtriusq; ad Heroum tam species, quam gesta intentio. *He o fim, & a intenção de ambas estas Artes hũa mesma, assi para significar os effeitos dos homẽs heroicos, & valerosos, como para pintar suas figuras, & retratos. Donde Horatio in Arte Poet.*

Pictoribus atque Poetis,
Quidlibet audendi séper fuit æqua potestas.

A meſma licença tem para fingir aſsi Poetas, como Pintores. Donde Greg.Niſſ.homil.1.in Cant.chama aos Cantares de Salamão pintura de varias còres. Vt autem in pingendi ſcientia materia omnino quædam eſt diuerſis in coloribus,quæ animalis imitationem perficit: atqui ad imaginem reſpicit,quæ per colores arte abſoluta eſt,nõ inunctis tabulæ coloribus ſpectando in hæret,ſed tantum ad formã ipſam reſpicit,quam per colores expreſsit artifex, ſic etiam præſenti in pictura nõ ad materiam colorum qui ſunt in verbis reſpiciẽdum eſt,ſed quaſi quædam regis in illis eſt intuenda forma, quæ per cogitationes puras exprimatur, &c. *E que os Cantares foſsem em verſo, proua Greg.Nazian.orat. de veris ac gẽuinis ſcripturæ libris, a onde diz.* Quinque libri ſacri verſibus cõſtant. Iob,Dauidis,Pſalmi,& Salomonis tres,nimirũ Prouerbia Eccleſiaſtes,Canticum Canticorum. *Não quiz trazer outros exẽplos ſenão os meſmos que trazem os Autores que tratão da Poeſia,ou de Poetas illuſtres, & laureados,& ſes na lingoa Caſtellana,por ſer mais vulgar, & tambem porque já pode ſer que ſe os buſquara na lingoa Portugueſa dos meſmos,os não achara de toda a ſorte. Pode emendar,& acreſcentar quem ſouber,& quem não ſouber aprenda,& todos dem gloria ao Senbor.* Qui viuit,& regnat in ſæcula ſæculorum.

Louuores

A ARTE Poetica como a couſa diuina lhe chamarão os Antigos a primeira Philoſophia, a qual nos inſinaua logo em tẽra idade o modo de viuer, & moſtraua noſſos cuſtumes, & affeiçoẽs. Donde Horatio.

Os pueri tenerum, balbumque Poeta figurat,
Mox etiam pectus præceptis format amicis
Inſtruit exemplis, inopem ſolatur & ægrum.

Pela qual rezão os Gregos a primeira couſa q̃ inſinauão a os mõços era a Poeſia, dizendo que ſó o Poeta era ſapiente. E como diz S. Agoſtinho, os Poetas foraõ chamados Theologos, porque eſcreuião muytas couſas dos Deuſes, porque Theologo quer dizer homem que trata com Deos, & deſtes foraõ Orphæo, Muſeo, Linæo, & outros. Deſta Arte diz Cicero, que emnobrece os mancebos que a ella ſe daõ, alegra a velhice, dà ornamento ás couſas proſperas, & nas aduerſas dà conſolação: agrada em caza não impide fora, dorme com noſco, peregrina, & ſe faz laudadora. Ajuntaſe a iſto que não ha Orador que ſe não aproueite de ſua fermoſura, & de ſeu ornato. Donde diz Cornelio com Theophraſto, q̃ importa muyto ao Orador a lição Poetica, na qual ſe acha ſpiritu nas couſas, nas palauras hũa grandeza, & nos affeitos todo o mouimento, & nas peſſoas fermoſura: por onde Cicero manda que todo o Orador a trate, porque nella ſe acha toda a elegãcia no falar, donde ſe vè quanto ſaõ conjuntos, Poeta, & Orador. Diz mais o meſmo Cicero, que ouuio a muytos homẽs doutos do ſeu tempo, que conſtando todas as mais Artes de preceitos, & de doutrina, ſò os Poetas os fazia a natureza, & aſsi ſe exercitauaõ com as forças do entendimento, & parece q̃

com hum diuino ſpiritu ſe inflamauão. Donde Platão diz lib.3.de legibus poetarum genus eſſe diuinum que a geração dos Poetas he heroica. E o meſmo lib.de furore poetico, diz que os Poetas inſtigados, & mouidos de hum certo inſtinctu,dão o meſmo furor a ſeus interpretes, & que imitaõ a natureza da pedra de çeuar, a qual não ſò atrae aſsi o ferro,mas ainda virtualmente moſtra ao meſmo ferro eſſa força que lhe faz. Origines in periarchon, diz que os Poetas tem hũa certa virtude eſpiritual que inſpira nelles. A eſte parecer de Origines,& de Platão fauorece Ouidio quando diz.

Eſt Deus in nobis, agitante cãleſcimus illo,
E alibi.
Eſt Deus in nobis, ſunt & comercia cæli
Sedibus æthereis ſpiritus ille venit.

Por eſta rezão os antigos lhe chamarão ſagrados como diz o meſmo Ouidio.

At ſacri vates, & diuum cura vocamur.

E Calphurnio in bucol. diz. *Ille fuit vates ſacer.*
E Lucano. *O ſacer, & magnus vatum labor.*

Ennio lhe chamaua Sanctos por lhe parecer que erão dignos que os Deuſes (falando a ſeu modo) lhe fizeſſem eſta honra. E daqui vinha que antigamente eraõ tidos em grande veneraçaõ dos Reys,& Principes,& huns os hõrauão,& acreditauão, outros os enriquecião, & de todos finalmente eraõ amados. Donde Naſo falando a eſte propoſito, diz aſsi.

Cura ducum fuerunt olim regumque Poetæ,
Præmiaque antiqui magna tutele chori.
Sanctaque maieſtas, & erat venerabile nomen,
Vatibus, & largæ ſæpe dabuntur opes.

Muyto

Muyto eſtimado foy o Poeta Ennio de Scipião Africano, amado Archias,& Lucullo. Cherilo teue Alexãdre. Virgilio a Auguſto, cujos verſos lendoſe no theatro, todo o pouo Romano ſe aleuantou, & aſsi honrrarão a Virgilio como ſe fora o meſmo Auguſto. Horatio reue ſeu Mecenas. Tibulo a Meſſalla. Domitiano coroou a Papinio. Gratiano deu o conſulado a Auſonio. E não ſò em vida forão honrrados,mas ainda depois de mortos, & ſe não vede o que aconteceo a Alexandre,que hum cofre de muyta eſtima que tomou dos deſpojos de Dario, o guardou para nelle trazer as obras de Homero, & aſsi a ſua Iliada a que chamaua *Viaticum rei militaris*. Sempre a trazia conſigo,& quando dormia debaxo da cabeceira a punha, a onde punha hum punhal para ſua defenſaõ; de modo que com Homero dormia,& com Homero vigiaua. O meſmo Alexandre deſtruindo a Thebas não quiz que ſe toquaſe na caza de Pindaro,nem em couſa ſua,nem de ſua familia. Outro Alexandre que foy Emperador Romano, em tanto tinha a Virgilio,que lhe chamaua Platão dos Poetas,& aſsi lhe mãdou fazer eſtatua. Ælio Vero Romano,em tanta eſtima teue a Martial, que lhe chamaua ſeu Virgilio.

E não ſómente os Reys, & Principes os fauorecião, & emparauão,mas ainda os Deuſes da gentilidade forão conſeruadores dos Poetas,aſsi como forão juizes para os caſtigar. Donde o Oraculo de Apolo (como nota Euſebio Pamphilo) louuou grandemente a Euripides, mas tambem a Archias como a mau, & profano o mandou ſayr do Templo, porque matou ao Poeta Archilocho. Bacho mandou ſepultar honrradiſsimamente a Sophocles a quem em vida amou muy grandemente.

Forão algũs de tão graues ditos, & ſentenças,que Platão, Ariſtoteles,& muytos outros doutos approuarão, & corroborão

corroboratão ſuas ſentenças. E ainda Iuriſcõſultos muytas vezes alegão verſos de Poetas. *Leg.* 1. §. *Sedan.* aonde tres vezes fala nos verſos de Homero, *& ff. de contrahenda emptione & vend. & in §. item præcium, cum. §. ſeq. inſtit. eod. tit. & in lege aut facta. §. fi. ff. de pœnis,* aonde ſe chama a Homero Principe dos Poetas. *Et in leg. non facile. §. affines, ibi, viri ſoror ff. de gradibus.* E tambem de Virgilio ſe faz mẽção, *in lege In tantum in fine, ibi, ff. de rerum diuitione, & in lege. Quæ extrinſecus in principio ff. de verborũ obligat.* ſe poem a quelle verſo de Virgilio.

Arma virumque cano. Nos decretos tambẽ ſe trazem verſos de Virgilio, *vt in cap. nunquam de conſecrat. diſt. 5. & ibi in cap. legimus,* ſe alega tambem Horatio, & Lucano, *in cap. nec mirum. §. magi. 26. q. 6.*

O Glorioſo S. Paulo parece que tambẽ leu os Poetas, pois *Epla ad Titũ. cap.* 1. ſe lè nelle a quelle verſo de Parmenides. *Cretenſes ſemper mandaces, malæ beſtiæ, & vẽtres pigri.* E diſputãdo no Areopago de Athenas, trouxè outro verſo de Arato Poeta. *In quo viuimus mouemur & ſumus.* Como ſe diz. *Act.* 17. & tambem no *Exod. 3. & 11.* E ſe refere *in cap. legimus, d.* 37. que mandou Deos aos Iſraelitas q̃ apanhaſem a prata aos Egypcios, aonde pela prata ſe entende no ſentido tropologico, a eloquencia achada nos Poetas, & aſsim o explica o *cap. legimus.*

Dauid tambẽ compos o ſeu Pſalteiro em verſos, & delle diz S. Hieronymo q̃ vay ao modo de Homero, & Pindaro, ora com verſos Iambicos, ora Alcaicos, ora Saphicos. Iſayas, Iob, & Salamão (como nota Ioſepho, & Origines) em verſos Exametros, & Pentrametros eſcreuerão no Hebreo. E como diz Caſsiodoro, toda a elocuçaõ Poetica tomou principio das diuinas letras, & eſcripturas, & ſenão vede a Ouidio como foy imitando a ſeu modo nas ſuas transformaçoẽs o Geneſis.

Tanta

Tanta ſuauidade tem os verſos que tiueraõ para ſi os Antigos q̃ então podiaõ applacar aos ſeus Deuſes quando lhos canteſem em boas cõſonancias donde Horatio.

Carmine dij ſuperi placantur, carmine manes.

E Lucrecio ao meſmo propoſito.

Calliope requies hominum, diuumque voluptas.

Logo venerado deue ſer o nome de Poeta, pois he venerado de Imperadores, Reys, è Principes, & hõrrado dos bõs cujos verſos até os homẽs doutos os eſtudaõ, & recitaõ, porque com ſertos fingimentos, & ſombras, daõ muytos cõſelhos, & muy neceſſarios, & as ſentẽças mais eſcondidas da Philoſophia, a Poeſia, as tras a luz como diz Manlio.

Omne genus rerum docti cecinere Poetæ.

Ornaõ a lingoa, acreſentaõ a facundia, & fazem alfayariqua de excellentes palauras. Donde Socrates, & Platão aconſelhaõ que naõ tenhamos a Poeta algum por inimigo, porque aſsi como com ſeus verſos fazem quaſi immortais os louuores daquelles a quem louuaõ como diz Horatio.

Dignum laude virum muſa vetat mori,
Cælo muſæ beat.

Tambem aſsi deshonraõ, & acanhaõ com os meſmos verſos a quem querem. Quem quizer ver mais louuores da Poeſia, veja a Budeo, *in ſuis annotationibus in lege prima ff. de contrahenda empt. & F. Patritius in lib. 3. de inſtitut. Reipub. & tit. 6.* Veja tambem a Textor, *tit. de Poetis Græcis, & Latinis.* Aulo Gelio nas ſuas noytes aticas, *lib. 15. cap. 24.* Thomas Garçon diſ. 154.

ARTE DE POESIA.

CAPIT. I.

Da Definição & partes da Poesia.

DOCTRINA he cõmua, que auendo-se de tratar de qualquer arte, se ha de co meſſar primeiro por ſua definição, pela qual ſe conhece a natureza de qualquer couſa, & aſsi auendo de tratar da Arte da Poeſia, ſera bem dizer que couſa ſeja, o que farey o mais breuemente que puder ſer. Platão diz que a Poeſia he hum habito do entendimento que rege ao Poeta, & lhe dá regras para compor verſos com facilidade Ou arte que enſina a falar com limitação, ordem, & ornato.

Em tres partes ſe diuide. Em inuenção, diſpoſição, & ellocução. Cõ a inuenção buſquamos a materia, a qual podera ſer verdadeira, ou aparente, & que não contradiga ao entendimento, ainda que ſeja fingida. Com a diſpoſição ſe ordena a forma, concertando & diſpondo o eſtilo & a materia que ſe tiuer ja buſcada, no verſo que melhor parecer, & for mais conueniente. Com a ellocução ſe alcança o fim de que forçadamente ha de conſtar qualquer compoſto.

CAPIT. II.

Do Accento, Synalefa, Sinereſi, & que couſa ſeja ſyllaba.

SYllaba he hũa letra, que por ſi ſó faz forma & ſonido que ſe não pode diuidir, como ſaõ. A. E. I. O. V. a que chamamos vogais. Sem eſtas não ſe pode fazer ſyllaba: & quantas vogais ouuer na dição tãtas ſyllabas diremos que tem. Mas aduirtaſe, que I. & V. quando ſe ſeguem outra vogal ſe fazem conſoantes, & então não ſe contão por ſyllabas. Exemplo. *Viuo*, ainda que tem duas vezes. V. ſomente. I. & O. ſaõ ſyllabas, porque aqui. V. perde ſeu officio & ſe faz cõſoãte, & o meſmo faz. I. aſsi como *Iuan*, onde. I. he conſoante & não ſyllaba.

Accento, a quem os Latinos chamaõ Tonus ou Tenor, porque ahi aleuanta ou abaixa o canto, alguns o diffinem, dizendo que he a voz da ſyllaba, outros dizem que he alma das palauras. Tres modos ha de accento, hum ſe chama agudo, outro graue, outro circunflexo. O agudo ſe chama aſsi, porque alli ſe aleuanta mais a voz naquella ſyllaba, & eſte ſe chama predominãte. O graue ſe chama aſsi, porque na tal ſyllaba abaixa a voz & he cõtrario ao agudo. O circunflexo he hum myxto de ambos, começſa em graue & acaba em agudo. E tratando do accento agudo, ou predominante, digo que accento he hum ſonido agudo, ou longo que eſtà em hũa ſyllaba das vltimas do vocabulo, na qual ſobe mais a voz q̃ nas outras, & nella nos detemos mais na pronũciaçaõ. Exemplo. *Mano*, o accento eſtà no à, porque alli ſobe mais a voz & tarda mais. E naõ hâ diçaõ que naõ tenha hum accento. Eſte ordinariamente eſtà, ou na ſyllaba

vltima

vltima,ou penultima,ou antepenultima. Exemplo. *Mano. Próspero. Perù. Viéne. Nobilíssimo.* E notai que toda a syllaba onde estiuer accẽto he longa,& as mais saõ breues. Falo aqui somente do accẽto predominante em cada dição,& naõ do graue,& circunflexo, os quais para nosso intento não importaõ. E deste predominante não pode auer mais que hum em cada diçaõ. Contamos muitas diçoins de huá syllaba as quais não tem accento predominante, senaõ saõ breues como as mais do vocabulo a que se arrimaõ assi como, *la, lo, me, te, se, sin, con, a, de, por, en, &c.* assi como, *En, vida, con emparo,* aonde, *en & con,* naõ tẽ accento por si, senão saõ breues como as mais a que se aiuntão. Donde não se podem deixar de vituperar os que tiraõ o accento do vocabulo,& o mudaõ da syllaba antepenultima,a penultima: ou da penultima a vltima, assi como. *éolo, Eólo, Océano, Oceáno, Mártyr, Martír.*

Synalepha.

A synalepha he quando dentro de hum verso ha duas diçõins,que a primeira acaba em letra vogal, & a segunda começa em vogal; então da vogal da primeira diçaõ não se faz conta na medida. Exemplo. *Prado alegre,* aquelle,o , en que acaba prado, não se conta ainda que seja vogal.

Tem esta regra tres exceiçõins. A primeira he que quando a primeira diçaõ não tem mais de hũa syllaba então não ha synalepha. Exemplo. *O Alma,* todas as tres syllabas se contão. A segunda exceiçaõ he quando a syllaba que se auia de tirar he longa por ter em si o accento. Exemplo. *Corrí a las montañas. De tú alma cuydadoso.* Não se tira aquelle I em que acaba corri, antes se conta por syllaba, nem se tira aquelle V. do segundo verso, porque nestas letras està o accento. A tereeira exceiçaõ he quã-

do a diçaõ ſegunda comeſa em. H. os que dizem que he letra conſoante não faraõ ſynalepha, mas os que tiueré que he final de aſpiraçaõ, eſtes haõ de fazer ſynalepha.

Sinereſi.

Sinereſi ſe permite, quando dentro de hũa diçaõ concorrem duas vogais iuntas ſem que aja conſoante no meio, entaõ as podemos contar por hũa ſó, aſsi como, *Myſterio*, aonde aquelle, I. & O. derradeiros não fazem mais de hũa ſyllaba A eſta figura ſe reduzem os diphtõgos. AV. EV. OV. EI. Exemplo, *Europa. Ley*, aonde as primeiras duas vogais fazem hũa ſô. Tambem. V. deſpois de G F. Q. ſe ſe ſegue detras della outra vogal, por eſta figura ſe contaõ por hũa ſyllaba. Exemplo. *Agua, Fuero, Quiero, Perſuadir, Aguero, Quando, Quanto, Lengua.* Tiraſe daqui, que quando na primeira das vogais que ſe encontrã ſe poem o accento, ambas tem força de vogais, aſſi como. *Alegria. Deſſeó.* E quando o accento eſtá na ſegunda vogal, entaõ ambas fazem hũa ſyllaba, aſsi como, *Victorióſo. Ocióſo.* Ou quando eſtà na antepenultima, & depois ſe ſeguem as duas vogais. Aſsi como. *Gloria Notario.* Entaõ valem por hũa ſò ſyllaba. Algũas vezes no principio das diçõis podem hũa & outra ſer ſyllabas, aſsi como. *Triumfo Dialago.* E outras ſemelhantes.

CAPIT. III.

Que couſa ſeja Conſoante, & Aſſoante.

COnſoante chamamos a hum vocabulo ſemelhante ao outro nas letras finais, deſde aquella vogal em que ſe poem o accento. Exemplo. *Tierra. Guèrra.* Tres generos ha de conſoantes. O primeiro quando o vocabu-

vocabulo tem o accẽto na vltima ſyllaba aſsi como *Vencio. Salio.* O ſegundo quando tem o accento na penultima, aſsi como. *Mala. Zagala.* O terceiro, quando tem o accento na antepenultima, aſsi como. *Prólogo. Theólogo.* Em cada hum deſtes tres generos baſta para ſer conſoante, que ſejão todas as letras ſemelhantes deſde a vogal em que ſe poem o accento atè o cabo, & qualquer letra que diſcrepar, naõ ſera conſoante, ſenaõ aſſoante o qual pede ſemelhança nas vogais, & naõ nos conſoantes.

Dos conſoantes equiuocos ha duuida: mas reſoluem os que melhor entendem que ſe podem vzar muito bem & ſaõ elegantes, quando ſe vſaõ em differentes ſentidos, aſsi como. *Duda*, nome & verbo, & muitos outros. Mas noteſe, que naõ baſta mudar os cazos, aſsi como, *Delcielo. Alcielo.* Porque ſempre he o meſmo ainda que ſeja vario o ſentido. Tambem ſe pode vzar das diçõis, que ſendo partidas, fazem hum ſentido, & ſem ſe partir, fazẽ outro, aſsi como. *Buenauentura.* Porque ſendo inteira, ſignifica o Sancto, & ſendo partida, ſignifica a felix ſorte, & boa ventura.

CAPIT. IIII.

Que couſa ſeja verſo.

VErſo he hũa oraçaõ trauada & preſa com certa limitaçaõ ſogeita a certo numero de ſylabas com ſonora cantidade. Todo o verſo comummente ha de ter a penultima ſyllaba longa, que he a vogal que eſtà antes da vltima: tirando quando o verſo acaba em diçõis agudas ou longas, que tem na vltima o acento. Exemplo. *Perdèr, animal, amarás.* O verſo que acabar em aguda, terà hũa ſyllaba menos do que custuma a ter, & a

rezaõ he porque na pronunciaçaõ da tal ſyllaba aguda ſe tarda,& gaſta tanto tempo, como em pronunciar as duas que o naõ foraõ,& aſsi aquella vltima aguda vai por ſi & pela penultima. Donde todo o verſo que naõ acabar em aguda ſerà melhor,& melhor compoſtura principalmente no verſo Heroico. Tambem ſe haõ de euitar conſoantes que não diſerem ou pertencerem a copla, nem ſe ha de vſar de vocabulos duros de pronunciar. Aſsi como Xerxes, Almoxtarife, & outros ſemelhãtes.

CAPIT. V.

Da differença de verſos.

MVitas differenças ha de verſos, mas os que mais comũmente ſe vzaõ, ſaõ os ſeguintes, Redondilho perfeito, Redondilho menor, Redondilho quebrado, ou cola, Verſo de arte mayor, Verſo Italiano, ou Heroyco, Italiano quebrado, ou Heroyco menor, Exdruxulo, Verſos Franceſes, Verſos q imitaõ os Latinos, Verſos truncados. E tratando de cada hum em particular digo, que o Redondilho perfeito ha de ter oito ſyllabas, as ſeis primeiras haõ de ſer longas & breues como quiſerem, com tal condiçaõ, que nem ſejaõ todas longas, nem todas breues, ſenão interpoladas, a ſetima ſerà longa, & a oitaua breue. Exemplo, *Açuſenas oloroſas.* E os mais elegantes ſaõ os que alem da ſylaba penultima leuão outra longa ſòmente, Exemplo.

leua hũa	*Sacratiſsima Señõra*
leua duas	*Reparo de nũeſtras vĩdas*
leua tres	*Dãd ayũda en mĩs caydas,*
leua quatro	*Põrque doy mĩl en cãda õra.*

Re-

Redondilho menor.

O Redondilho menor ha de ter seis syllabas, & das tres primeiras a hũa, ou duas podem ser longas, mas ha de ter a penultima sempre longa, & a vltima breue. De outros modos se fazem, mas este he o melhor. E notai que se a quarta he longa que não faz bom verso. Exemplo.

Vi mi pensamento
Lleno de amargura.

Outro.

Alma desdichada
Como no te quexas.

Redondilho quebrado.

O Redondilho quebrado, ou como outros lhe chamaõ cola tem quatro syllabas, a terceira sempre longa, & a quarta breue. Exemplo. *Ninfa bella. Contemplando.*

Verso de arte mayor.

O verso de arte mayor se compoẽ de dous versos iuntos em hum dos de redondilho menor: de modo que vẽ a ter doze syllabas, & o mais perfeito he aquelle que se compoem de dous menores que tenhaõ as segundas syllabas longas. Exemplo. *Perdõe quien puede peccãdos tan grãdes.* Tambem pode ter duas syllabas menos como se compoem de dous versos, hũa no meio, & outra no fim. Exẽplo. *Entre en vn iardin, herido de amor.*

Verso

Verſo Italiano, ou Heroico.

O verſo Italiano que chamaõ Heroico de Heros, que quer dizer meio deus,& homem famoſo,ou tambẽ porque neſte verſo ſe coſtumaõ cantar as couſas diuinas & famoſas, ha de ter onze ſyllabas. Das noue primeiras pode ter atè quatro ou cinquo lõgas interpoladas com as breues, & ſe forem mais,farà duro o verſo, & hà de ter a penultima longa,& a vltima breue,& a ſexta ſempre longa. Exemplo.

Pràdos alegres,càmpo verde ameno.

Eſtes pera ſerem verſos ſoltos naõ pedem conſonancia,nem reſpondencia nos fins,antes total diſſonancia, Exemplo.

Qual iauali que de la red prendido
La libertad y vida procurando,
Mas ſe embaraça quanto mas porfia
Salir de la priſion que le detiene,&c.

Italiano quebrado,ou Heroico menor.

O Italiano quebrado ou heroico menor conſta de ſete ſyllabas diſpoſtas as longas pela ordem que diſemos no maior,tẽ ſempre a ſexta longa & a ſetima breue, Exẽplo. *Mas blanco que el armiño. La naris afilada.*

Exdruxulo.

O Exdruxulo mayor & menor atè o vltimo acento tem a meſma cantidade & numero de ſyllabas, & pela meſma

meſma ordem que o Italiano maior & menor, que ſò ſe differençon em acabar em diçõis que tem a antepenulti ma ſylaba longa, & a penultima & vltima breues, & aſsi ſobrepujaõ naquella ſylaba que tem demais depois do accento Italiano, porque o Exdruxulo mayor tem doze ſylabas, & o quebrado, ou menor tem oito como ſe vè no exemplo.

Eſtamos de las almas deſcuidandonos
En vicios embolçandonos.

Exdruxulo quer dizer o meſmo, que acelera..o por reſpeito daquellas duâs ſylabas vltimas. E notai que em as peſſoas dos verbos que tiuerem o acento em a vltima ſe podem fundar Exdruxulos acreſentandolhe duas par ticulas: aſsi como, *matomele, perditele, hurtomelos, perditelos, &c.* E deſtes verſos ſe fazem todas as inuençõis que ſe fazem com os outros verſos, por onde não ponho exem plo, mais que na octaua ſeguinte, a S. Lourenço.

Amenazas ni açotes crudeliſsimos,
Ni los ardientes hyerros y luciferos
Apagan de Lorenço los puriſsimos
Deſseos buenos, ſantos, y frutiferos,
Que por no hazer erros indigniſsimos,
Por los hyerros paſſar quiere mortiferos,
Y el fuego que apagar quieren glorifico,
Lo aumentan mucho mas con el horrifico.

Verſos Francezes.

O verſo Frances, ſe compoem de dous verſos de Ita-

liano,& Heroico menor juntos em hum. E pode tambẽ leuar que brados, como se vè por exemplo desta cançaõ.

Amar sin esperança lo jusgo a gran locura,
Y por trabajo vano sin fruĉto lo condeno,
Como aquel que enel rio sembra trigo,o senteno,
Pierde el trabajo, y premio de tal agricultura,
Enfermedad sin cura,
Veo en el çiego triste,que ama desta suerte,
La qual acabar puede solo la triste muerte
Sustentar el gemido,
Y alcançar tan solo vn perdurable oluido:

Versos que imitão os Latinos.

Outros versos ha,que imitaõ os Latinos, seguindo o estilo de cada genero de versos,como se vé neste distico.

Trapala,trisca, brega, grita, barahunda, chacota,
Hundese la casa,toda la gente clama.

Por este mesmo modo se fazem todos os mais versos, como se vè nestes Saphicos,& Adonicos,imitando sempre o melhor sonido,que tem no latim.

Venga en buen hora,en hora buena venga,
Gloria tan alta,que a la España honra,
Como se honra con el Sol el cielo
Lleno de estrellas.

Sien-

Sienten los cielos la real venida,
Siente la tierra celeſtial contento,
Viendo preſente lo que a los ſentidos
Era increible.

Verſos troncados.

Outros verſos ha a que chamaõ troncados, por ſerem cortados na derradeira diçaõ, & ficão aonde ſe faz o accento, & a vltima ſyllaba breue, he a que ſe corta: não ſaõ vſados, & ſómente neſte tempo os tras Miguel Ceruantes no ſeu dom Quixote, exemplo:

Si de llegarte a los bue
Libro fueres con letu
No dira el boquirru
Que no pones bien los de

CAPIT. VI.

Das coplas, & redondilhas.

TOda a copla para ſer perfeita, ha de ter perfeição de ſentido, de modo que não fique a oraçaõ pendẽte para aſeguinte. Chamaõ os Rethoricos a iſto periodo. Copla ſe diz de Copula vocabulo latino, q̃ quer dizer vniaõ, & junta, porque a copla he iunta de verſos.

Aos Reys.

Pues ſois luz tan clara y bella, A
No encubrais ſacra donzella A
Al Sol nacido en el ſuelo, B
Pues del alcacar del cielo B
Nos lo deſcubre la eſtrella. A

Outro modo.

Lo que no quiero eſſo hago, A
Lo que hago no me agrada, B
Lo que me agrada me enfada, B
Lo que me enfada deſhago, A
No tengo firmeza en nada. B

Outro modo.

Es la gloria deſte ſuelo, A
Edificio ſin cimiento, B
Nuue que paſſa de huelo, A
Flor que la marchita el yelo, A
Y paja que lleua el viento. B

Outro modo.

La vida humana es tan breue, A
Que apenas hombre ſe mueue, A
Quando ſe deſhaze luego, B
Como al Sol delgada nieue, A
Como cera puesta al fuego. B

Copla Real.

Quien ſe atreue a nauegar A
En tan peligroſo mar, A
Donde el Piloto es incierto, B
Y ay peligros nel puerto, B
No menos que en alta mar? A

Outro modo de coplas á Magdalena.

Poniendo amor en ſudores A
A la Magdalena bella, B
Haze que al momento della B
Salgan los viejos humores. A

Terçada à Magdalena.

En la Magdalena bella A
Hizo amor vna mudança, B
Que el infierno llora a ella, A
Y el coro celeſtial dança. B

Podeſe tambem fazer hum pe quebrado primeiro, neſta forma.

De contento A
Eſtara neceſsitado, B
Y abundante de tormento, A
El que viuiere en peccado. B

Quintilhas ao Naçimento.

Porque al Infante offreceis A
Dones de tanta grandeza, B
Porque ſu ſer conoçeis? A
O por comprar ſu riqueza? B
O porque pobre le veis? A

Outro modo aos Reys.

No tengais Virgem reçelo, A
De paz vienen, no de guerra B
A jurar vueſtro chicuelo, A
La eſtrella por Rey del cielo, A
Los reys por Rey de la tierra. B

Outro modo.

Determino cada dia A
Boluer ſobre lo ſeguro, B
Y quanto mas lo procuro B
Rehuza la carne fria, A
Y el coraçon frio y duro. B

Outro com pè quebrado a S. Ioão.

A vos cupo el braço y pecho, A
San Iuan, como a regalado, B
En el combite ſagrado, B
Entrado os aura en prouecho A
Tan buen dado. B

Redon-

Redondilla de oito verſos.

Quien con el mundo ſe caſa,	A
Ama bien y poco dura,	B
Y no es bien ſino locura,	B
Y aun eſſa la dà por taſſa,	A
Su hermoſura es tan eſcaça,	A
Su fortuna tan mudable,	C
Su riqueza tan inſtable,	C
Que antes de llegar ſe paſſa.	A

Outra cõ quebrados a S. Louréço.

En las barras cruçiadas,	A
Que abraçadas,	A
Con el fuego chiſpeauan,	B
Las eſpaldas le dexauan	B
Con marca de Crus marcadas,	A
Que con zelo	C
De ſobir al ſacro cielo,	C
Para eſtrellado viuir,	D
Quizo freydo morir	D
Por lleuar ſeñal del ſuelo.	C

Outro modo.

No puede tener ſoçiego,	A
El que çiego,	A

Con

Con vn torpe amor mundano,	C
Sin quererse ir a la mano	C
Se dexa abrasar del fuego	A
Y no mira,	D
Que aquella por quien supira	D
Burla del,	E
Y quanto mas ama el,	E
Ella del mas se retira.	D

Outro modo â morté.

La muerte lo arrasa todo,	A
Y el mas alto Emperador	B
Iguala con el pastor,	B
Y el mas chiquo	C
Va mas seguro que el riquo,	C
Porque va menos cargado.	D
De lo que pone en cuydado,	D
Y en aprieto.	E

Outro modo a S. Ioão.

Si el Rey del cielo os dá pecho,	A
Diuino Iuan con razon	B
Le dais vos el coraçon,	B
Porque con honra y prouecho	A
Salgais en esta ocasion	B
Gran largueza,	C

Que

Que pecho de tanta alteza,	C
Os offreſca Chriſto a vos,	D
No teniendo el miſmo Dios	D
Do reclinar la cabeça.	C

Redondilha miſta de noue verſos.

Aunque agora el viento aſpira	A
De la bienauenturança,	B
En medio de la bonança	B
Rebuelue el cielo ſu ira,	A
Y en eſta nauegacion,	C
Donde la mar es el mundo,	D
En no lleuando el timon,	C
En la mano la razon,	C
Se và la naue al profundo.	D

Tambem ſe faz hum quartete, como o da redõdilha aſsima, & depois ſe ſegue eſta ordẽ de quebrados, & quebrado hè o que varia as conſoantes.

Ao Naſcimento.

En el ſuelo	A
El calor tiembla del cielo,	A
Fatigado	B
Con el frio del peccado	B
Mucho mas que con el yelo?	A
C	Ou-

Outro modo.

Si es aqueſte el prendedero, A
Con que prendeis los q̃ os miran, B
Pedir las albricias quiero, A
A los que por vos ſuſpiran. B
Paſtores venid a ver, C
Sin miedo de padecer, C
Priſion, deſdenes, y enojos, D
De mi Paſtora los ojos, D
Que ya no pueden prender. C

Deçimas.

Coraçon graue, y pezado, A
Con terrenas afficiones, B
Cargado de mil priziones, B
Y de mil hyerros cargado: A
Pues hallar no puedes vado, A
Por no poder vadear, C
Sin perecer al paſſar C
La corriente arrebatada, D
De tu paſsion deſbocada, D
Arrojate en alta mar. C

Outra de ſeis verſos:

A la voluntad los ojos, A
La voluntad al peccado, B
Dan entrada, C

No viuirás ſin enojos, A
Mientras no eſtê con cuydado, B
Bien cerrada. C

A redondilha menor, ſe compoem de verſos de ſeis ſyllabas, neſta forma.

Dexome mi padre A
Lleno de amargura, B
Niño delicado, C
Pobre, y ſin ventura. B

Eſparſa.

Coraçon deſpierta, A
Mira dó te empleas, B
Vanidad deſſeas, B
Y mentira cierta. A
Del alto veniſte, C
No trueques (ſi vienes) D
Por otros los bienes, D
Para que naciſte. C

Do verſo de arte mayor, ſe faz hũa copla de oito verſos, neſta forma.

Yá viles plazeres, yá mundana gloria, A
Conoſco tu amarga, y cara dulçura, B
Y quan poco tiempo tu contento dura, B

16

Y que tu riqueza ſe buelue en eſcoria A
Enfada tu guſto, canſa tu memoria, A
A hito me tienen tus falſos fauores, C
Ya no me contentan las triſtes colores, C
Es ya tu vileza de todos notoria. A

CAPIT. VII.

Dos Romanços.

O Romançe ſe faz de redondilho inteiro, & não cõſta de certo numero de verſos, porque ſe pode ampliar, ou encurtar conforme a materia, nem tambẽ tem conſoantes: mas notay que em cada quatro verſos ſe faça ſentido, & ſeja elegante com ſentenças, & conceitos, & figuras Iuntamente ha de acabar o ſegundo, & quarto verſo nas duas derradeiras vogaes, que ſempre ſejaõ as meſmas. Exemplo.

Vendida tu libertad,
Y enpeñada la eſperança *aa*
Arrematado el conſuelo
Por vna affcion humana: *aa*

Outro modo hà de Romances de diſſonantes de termos que não tem muitas conſoantes.

En braços de vn fiero monſtruo,
Teniendo el nefando eſtupro
Eſtaua vna bella Nimpha
Vi illas de vn rio turbio.

Y está de temor tan debil,
Que no le menea pulso,
Entona el monstruo vn responso,
Por mejor dezir rebusno.

Diziendo, mi dulce trebol
Cogido en el mes de Iunio,
No llores, que te hazes torpe,
Mira que contigo burlo.

Outros Romanças fazem no meio hũas coplas, & então se chamão endechas, & depois tornão a proseguir o Romançe. Outros tem estas coplas no fim, & então se chamão desfeitas. Outros tem no cabo de cada oito versos dous heroicos, como os derradeiros da octaua.

Exemplo.

Coronado con la yedra,
Cercado de peñas duras,
Aunque de mas duros pechos,
Está Pelayo en Asturias.
Viendose rey elegido,
Y como por tal le juran,
Tales razones dezia
Aquella gente robusta.
Al arma, al arma, guerra fiera y dura,
Muera la Moreria, y viua Asturia.

Tambem se fazem Romanças de redõdilho menor,

os quais leuão a meſma ordem dos primeiros.

Exemplo.

Noble deſengaño,
Gracias doy al cielo, eo
Que cortaſte el lazo,
Que me tenia prezo. eo
Por tal beneficio,
Colgare en tu templo, eo
Las graues cadenas,
De mis graues hyerros. eo

CAPIT. VIII.

Dos Villancicos.

OS villancicos conſtaõ de cabeças & peis, & à cabeça chamão comũmente letra. A cabeça que tiuer dous ou tres verſos, terá hũa copla de ſete verſos, & o derradeiro ſerà o derradeiro da cabeça, ou outro ſemelhante no ſentido & conſonancia, que chamão retornelo. E na cabeça ha de leuar algũ dito agudo & ſentencioſo, & pode ſer de verſos inteiros, ou quebrados.

Exemplo ao Naſcimento.

cabeça. *Oy riega de lloro el ſuelo,*
El ſummo plazer del cielo.

Peis *Subjeto al lloro, y dolor,* A
Por dar al hombre alegria, B
Vna noche elada y fria, B

Naſce el ſummo Redemptor: A
Y por darte ſu calor, A
Eſtà teritando al yelo,
retornelo *El ſummo plazer del cielo.*

Outro modo ao Sãtiſsimo Sacramẽto.

Viendo Dios que el hõbre humano, A
Por hombre fuera tomado, B
Oy ſe dà en vn bocado. B

Peis *Queriendo al hombre engañar,* C
Sathan que le conoció, D
Vn bocado le offreció, D
Que Dios lo huuo de pagar, C
Y para lo reſgatar, C
El precio rico, que ha dado, B
retornelo *Es ſu cuerpo en vn bocado.* B

Outro de quatro ao Santiſsimo Sacramento.

cabeça *Hizo tal guizado amor,* A
Que no ay otro que le yguale, B
Que tanto como Dios vale, B
Que no puede ſer mejor. A

De carne y ſangre vn guizado, C
Hizo eſte amor ſoberano, D
De ſi con ſu propria mano, D
Con eſpecie aderecado. C

mudança *Cozido con el calor,* A
Que de ſus entrañas ſale, B
retornelo *Que tanto como Dios vale.* B
Que no puede ſer mejor. A

Outro modo à Magdalena.

En mudar de parecer, A
Bien muger eis parecido, B
cabeça. *Mas en tambien eſcoger,* A
Mas que muger aueis ſido. B

La muger quando es mudable, C
Nombre de imperfecta alcāça, D
Pero vos ſereis loable, C
Por auer hecho mudança, D
Con termino tan notable. C
mudāça. *Porque el viejo proceder* A
En vn momento eis perdido, B
retornelo *Y aſsi en tambien eſcoger,* A
Mas que muger aueis ſido. B

Villancicos de pés quebrados.

Amor con amor ſe paga, A
No con menos, B
Entre enamorados buenos. B
Como no ay paga que yguale, C
Al amor, D

El

El nuestro quiere el Señor, D
Aunque vale C
Muy menos, y desiguale, C
No ay dar menos B
retornelo *Entre enamorados buenos.* B

Outro modo.

Quando el coraçon se abraza A
Echa luego, B
Por las ventanas de casa A
Viuo fuego. B
No se puede reprimir C
El amor, D
Aunque mas quiera encobrir C
Su feruor, D
Que como es niño, y ciego B
Dá sin tassa, A
Por las ventanas de casa A
Viuo fuego. B

Outro modo.

Caualhero, A
No creas al lisongero A
Ni te midas, C
Con mentiras conocidas C
Sea tu pecho, D

La medida cierta, y fiel	E
Entra en el,	E
Y veraſte alli deshecho,	D
Y ſatisfecho,	D
De tu valor verdadero	B
Cauallero.	B
No creas al liſongero	B
Que te alaben,	F
O baldonen por detras	G
No eres mas,	G
De lo que tus obras ſaben,	F
Sino caben,	F
En tu paño ſus medidas,	C
No te midas	C
Con mentiras conocidas.	C

Outro modo.

	Si tu Dios te eſtá llamando,	A
cabeça.	Y combida,	B
	Di peccador para quando	A
	Pienſas de emendar tu vida?	B
pè.	A que guardas?	C
	Pues agora eſtá en tu mano.	D
	Como tardas,	C
	Meter en caſa el verano.	D

mudãç. *Si llamando* A
Está tu alma dormida, B
Para quando, A
Pienſas emendar la vida. B

Vilancicos de Redondilho menor ao Naſcimento.

Soles claros ſon, A
cabeça. *Tus ojuelos bellos,* B
Oro los cabellos, B
Fuego el coraçon. A
pè. *Rayos celeſtiales,* C
Echan tus mexillas, D
Son tus lagrimillas D
Perlas orientales. C
mudãç. *Tus labios corales,* C
Tu llanto es cancion. A
retorn. *Oro los cabellos,* B
Fuego el coraçon. A

Outro modo.

De mi bien paſſado, A
Y acabada gloria, B
Solo me ha quedado A
La triſte memoria. B

Outro modo ao Naſcimento.

Vn hermoſo niño	A
Vi rezien naſcido,	B
Mas blanco, y polido	B
Que el mas blanco armiño.	A

Outro modo.

Quando yo me acuerdo	A
Del plazer auzente,	B
Se augmenta la pena	C
Del dolor preſente.	B

CAPIT. VIIII.

Das inuençoẽs de Grozas.

AS Grozas conſtão de Texto, & Groza, o Texto hẽ o mote, ou ſeja de hũa ou duas regras, ou de qualquer outro modo q̃ ſe oferecer. E pode ſer de Sonetos, de Ouctauas de Lyras, ou a aluedrio do Poeta, merendo o verſo q̃ groza no fim do Soneto, Outaua, ou Lyra. E noteſe que quando grozarem vão ſempre ſeguindo algũa materia, & não hũa para hum verſo, & outra para o outro que he deffeito grande.

TEXTO.

Quanto conſuela el miraros.

GROZA.

No ſabre tambien juſgar,
Como mi alma ſentir
Si es la pena del ſofrir,

Mayor que el bien de esperar
Del que os mira sin sentir.
Que si llega a contemplaros,
El culpable atreuimento
Recibe tanto tormento,
texto. *Quanto consuela el miraros.*

TEXTO.

Contentamento dó estàs,
Que no te tiene ninguno?
Si piensa tenerte alguno,
No sabe por donde vas.

GROZA.

Contento si tu viniesses,
Como te receberia,
Siempre te importunaria,
Que nunca me despidiesses,
De tu dulce compañia.
Pero pues menos te dás
A quien mas te ha menester,
No quiero pedirte màs,
De que me des a entender,
texto. *Contentamento dó estás.*
Estás en caza de riquos,
No, que nunqua estan contentos,

Duras mucho en aposentos
De grandes? no, que son chicos,
Sus breues contentamientos.
Tienete algun importuno,
Que dio alcanse a su dezeo?
Bien puede tenerte alguno,
Pero alfin sabes que veo,
Que no te tiene ninguno. &c.

E assi consequintemẽte se vão grozãdo os outros dous versos que se seguem no Texto.

Outra de Lyras.

TEXTO.

Sientome a las riberas destos ryos.

GLOZA.

Vnos por se alegrar,
Busquan floridos prados, y sombrios,
Mas yo para llorar
Los tristes males mios,
texto. *Sientome a las riberas destos ryos.*

Outra de versos heroycos.

TEXTO.

A quien pudiera igual tormento darse.

GROZA.

En centellas de amor està abrazada
Mi alma, y con el frio del inuierno,

De tã

De tu cruel rigor atormentada
Tormento me pariece del infierno,
Pues de vn cõtrario, y otro es fatigada
Conſuelame el ſaber q̃ no es eterno,
Que ſi aqueſto no vuiera de acabarſe
texto. *A quien pudiera igual tormento darce.*

Quando ſe grozão os Romances ordinariamẽte ſe acabão em dous verſos jũtos do meſmo Romance. Exẽplo.

TEXTO.

De las batallas canſado,
Se ſale el Rey don Rodrigo.

GROZA.

El poſtrer godo de Eſpaña,
Viendo ſu gente perdida
Lleno de verguença, y ſaña,
Por eſcapar con la vida,
Vza de vn ardid, y maña.
Por vn valle muy cerrado,
Huye del vando enemigo,
De las batallas canſado,
Se ſale el Rey don Rodrigo.

Outra Groza.

TEXTO.

Con los mejores de Aſturias,
Sale de Leon Bernardo.

GROZA.

Porque el Rey Alfonso intenta,
Dexar España a Franceses,
Limpiando estan los paueses
Por salir de aquesta afrenta,
Asturianos, y Leoneses,
Y con animo de furias,
Por vengar estas injurias,
En exercito gallardo
Con los mejores de Asturias,
Sale de Leon Bernardo.

Outra Groza.

TEXTO.

Qualquiera humano contento,
Es vn viento.

GROZA.

Ni alto, ni el humilde estado,
Viue ninguno sin quexa,
Que vno con hambre se quexa,
Otro muere de opilado.
Nunqua falta algun tormento
En qualquier humana gloria,
Porque al fin es vil escoria,
Qualquiera humano contento.

No sè peſo, ni medida
Por dó ſe nos dé el plazer,
Pues ninguna puede ſer
Tan pequeña que lo mida.
Y ſi alguna peſa ciento
Con que ſe peze eſte guſto,
La que viene más al juſto,
Es el viento.

Outro modo de Groza epilogando no vltimo verſo as repoſtas das preguntas.

Quien menos caba mis bienes?
desdenes.
Y quien augmenta mis duelos?
los celos.
Y quien prueua mi pacencia?
auſencia.

Deſe modo en mi dolencia,
Ningun remedio ſe alcanſa,
Pues me matan la eſperança,
Desdenes, celos, y auſencia.

CAPIT. X.

De todo o modo de Sonetos.

A Ordem de fazer Sonetos, he que hum Soneto não ha de ter mais que hum conceito, & em cada quatro verſos dos primeiros ſe ha de concluyr ſentido perfeito; & dos ſeys derradeiros, a cada tres ſe ha de fazer tambẽ clauſula. Neſtes ſeys verſos ha de eſtar a ſuſtancia do Soneto. Os oyto dantes hão de vir diſpondo, & fazendo a cama a eſtes derradeiros. Pode ter comparaçoẽs, ſemelhanças, preguntas, repoſtas, & ſeruem para tudo, para louuar, & vituperar, perſuadir, cõſolar, animar & para tudo o que ſeruem os Epigramas latinos.

Soneto ſimple a Saõ Lourenço.

Como el vnico Phœnix deſeoſo A
De renouar ſu vida en el oriente, B
Con ſus alas batiẽdo el ayre ardiẽte, B
En fuego lo conuierte luminoſo. A

Y con aquel deſſeo tan gozoſſo, A
De verſe en vida noua renouado C
De ſus proprias cenizas engẽdrado, C
Acaba alli la vieja muy gozoſſo. A

Tal el ſacro Lorencio dezeando, D
En otra vida verſe ya triunfante, E
Las alas de virtud rezio batiendo, F

Y el

Y el fuego de diuino amor ſoplando, D
Paſo fin a la vida militante E
De ſi para la otra renaciendo. F

Soneto terçado.

Deſpeñan a los Angeles maluados, A
Del eſtrellado troño.y alto aſsieto, B
So los primeros padres deſterrados A
Del ameno Parayſo,y ſu cõtento. B

Son todos los mortales anegados, A
Confundenſe Ciudades del cimieto, B
Traſtruecãſe los tiepos cõcertados A
Eſcupe el Cielo rayos,brama el viẽto. B

Padece Dios aſotes,llagas muerte, C
En quãto a hõbre,muere perſeguido, D
Y todo por la culpa del peccado. E

Y eſtaſe el hõbre en el tan obſtinado, E
Que no tiene otra coſa en mas oluido D
Como es el mejorar ſu mala ſuerte. C

Soneto continuo.

Acuerdome Dios mio del peccado, A
Conoſco ſu vileza,y baxa eſtima B
El temor,y verguença me laſtima, B
De verme ſin tu gracia eſtoy penado. A

Veome

Veome a pena æterna condenado, A
Si tu misericordia no me anima, B
Y quando tu poder no me reprima B
No soy para boluer por mi cuytado. A
Viendome Señor mio tal parado, A
Quien aura que mi lastima no gima, B
Y rasgue el coraçon de lastimado. A
Vuestra preciosa sangre me redima B
Del infernal poder q̄ me ha engañado, A
Y vuestra omnipotencia la cōprima. B

Soneto encadeado.

A *Perdidos mancebitos trasijados,* A
B *En cuydados enormes consumidos,* B
A *Corridos mas que galgos afrentados,* A
B *Priuados de razon, y de sentidos.* B
A *Gemidos para amar son escuzados,* A
B *Ducados son los q̄ hazen ser queridos,* B
A *Ydos si no los ay para apocados,* A
B *Desconsolados, tristes, y afligidos.* B
C *Zamarras andais hechos mēdigando,* C
D *Desenpedrando calles con guitarras,* D
C *Mudarras os fingiendo blasonando,* C
D *No aprouechando ya sino son arras,* D
C *Agarras del amor q̄ andais bribando,* C
D *Cantando qual frāces, o qual cigarras:* D

Pera

Pera fazer Sonetos de duas lingoas tomarão os termos q̃ em hũa,& outra tenhão o meſmo ſentido, & delles o fazão como ſe ve por exẽplo neſte que he latim,& romãce.

Soneto de duas lingoas.

Furia quę Sanctas matas innocentes,	A
Quę publicando gracias myſterioſas,	B
Coronas de martyrio luminoſas	B
Eſperan claras puras refulgentes.	A
Martyres ſacros aſſas obedientes,	A
Claras flãmas applicas glorioſas,	B
Dulces penas inuentas amoroſas	B
Paſsiones dàs ſuaues excelentes.	A
Tu de induſtria mortifera fabricas	C
Chimeras de tormento aſpero duras.	D
Legiones infernales prouocando.	E
Victimas ſacroſanctas ſacrificas,	C
Inmaculatas,luminoſas puras	D
Penas contra Chriſtianos publicando.	E

Outro modo ha de Sonetos a que chamão Retrogado, quando os verſos ſe lem ao reuez sẽ desfazer o verſo,nem a compoſtura. Exemplo.

Soneto Retorgado.

A	*Humano vil ceniza,congellada,*	A
B	*Cuitado hombre,meſquino,y afligido*	B
B	*Acoſtumbrado al lloro,y al quexido,*	B
A	*De vn pãtano,bijo,nieto de no nada.*	A

Herma-

A Hermano eres de tierra, y de cernada, A
B En peccado, en miseria, concebido, B
B Culpado naſces, del morir rendido, B
A De guſano comida, y vil morada. A
C Conſpiras contra Dios, ſoberbio triſte? C
D La arrogãcia, porq̃ tiene en ti calma? D
E Contienes mil razones de humillarte. E
D La ſuſtancia ſacando de tu alma, D
E No tienes coſa eu ti de q̃ preciarte, E
C Si miras q̃ eres, q̃ has de ſer, q̃ fuiſte. C

Soneto com repetição.

Guarda mundo tu flaca fortaleza, A
Fortaleza de carne no la quiero, B
Quiero ſeruir a aquel en quien ſi eſpero, B
Eſpero hará de roble mi flaqueza. A

Flaqueza en la virtud es gran vileza, A
Vileza no conſiente vn cauallero, B
Cauallero en la ſangre, no en dinero, B
Dinero que eſcurece la nobleza. A

Nobleza verdadera en Dios ſe halla, C
Hallala el que aſi miſmo deſpreciando, D
Preciando a ſolo Dios en el ſe honra. E

Honra Dios a los ſuyos, quando calla, C

Calla

Calla porque en cilencio esta ayudando, D
Dando paciencia, y borra en la deshorra. E

Soneto com Eco.

MVcho a la Mageſtad ſagrada, agrada, A
Que entiẽda a quien eſta el cuydado, dado, B
Que es el Reyno de aca preſtado, eſtado, B
Pues es alfin de la jornada, nada. A
La ſilla real por afamada, amada, A
El mas ſublime, el mas pintado, hado, B
Se vé en el ſepulchro encarcelado, elado, B
Su gloria alfin por deſechada, echada. A
El que ver lo que aca ſe adquiere, quiere, C
Y quanto la mayor ventura, tura, D
Mire que a Reyna tal ſo tierra, tierra. E
Y ſi el que ojos tuuiere, viere, C
Pondra o mundo en tu locura, cura, D
Pues el que fia en bien de tierra, yerra. E

Outro com cola.

Artifice rariſsimo que a Apeles, A
A Zeuſis, a Parraſio, a Metrodoro, B
Venceis en precio, como al plomo el oro, B
En modelos, en tablas, y papeles. A
Suſpended las colores, y pinzeles, A
Pues os ſuſpende el alma, el bien q adoro, B

Y no

Y no perdais el tiento en su decoro B
Pues imitais jasmines, y claueles. A
Que si vos viera del Tormes, al Hidaspe C
Medir llorando el aspero camino, D
No me ablandara mas q̃ brõze, o jaspe. C
Que si vos sois de ser Apeles digno, D
Yo para dar mi celestial Campaspe, C
De ser magno Alexandro soy indigno. D
Que fuera desatino, D
Daros yo su belleza, E
Y en el fue poco amor si fue grandeza. E

Outro com cola a nossa Senhora.

Los ojos de honestissima paloma, A
O del octauo cielo las estrellas B
Relumbrantes, C
La frente de la aurora quando asoma A
A las granadas, las mexillas bellas, B
Semejantes. C
Los labios qual carmin desbecho engoma, A
Palabras, y meneos de donzellas B
No arrogantes, C
El pecho qual confecionada poma A
Los pies quales rubis que dan centellas, B
O diamantes, C

La estatura qual de vna hermosa palma, D
Y de marfil el blanco cuello, y manos E
Son dotes deste cuerpo sacrosanto F
De Maria. G
Porque los interiores, y del alma, D
Venid, ó Cherubines soberanos E
A los contar que, ya no puede tanto F
Mi Talia. G

Soneto dobrado.

Amor es lazo en tierra solapado, A
Ladron dissimulado, A
Ponsoña entre la dulce miel metida, B
Serpiente en frescas hieruas encogida B
Que dá mortal herida, B
Hondura en el seguro, y ancho vado. A
Leon junto al camino agaçapado A
De hambre fatigado, A
Centella entre las pajas escondida B
Halago con que muere nuestra vida, B
Entrada sin salida, B
Castillo que debaxo está minado. A
Celada de inimigos en la sierra, C
Fingido lamentar de Cocodrilo, D
Candela sin pauilo, D
Veleta de tejado variable. E

De lana por texer delgado hilo, D
Engaño manifesto, y deleytable, E
Calentura incurable, E
Promete pas, mas es la misma guerra. C

Outro dobrado differente, aos Innocentes.

Nueuo esquadron de gente señalada, A
Tierna, y no acostumbrada A
Al exercicio de la guerra, B
Los filos de la mas cruel espada, A
Que fue en el mundo vzada A
Sin os dexar poner el pie en la tierra. B
Batalla atroz, sangrienta, y desestrada, A
Tublican, o sagrada, A
Y fuerte compañia, en quiẽ se ensierra B
La fortaleza, y gracia anticipada, A
Ay dad la vida amada, A
Que vuestra madre en defederla yerra. B
El niño que ha nascido está a la mira, C
Y por vos otros mira, C
Mirando que vós otros degollados, D
Qual victima por el sacrificados D
Del padre mitigais la justa ira, C
Y quanto mas se aira C

El Rey

El Rey, y sus ministros desalmados, D
Mas son vuestros triũfos afamados. D

Outro dobrado de outro modo.

Debaxo de vn alisio, donde el viento A
Suauemente entraua, B
Y vn manso, y apazible syluo daua, B
Templando el calor el cresimiento, A
Sobre la yerua estaua B
El bello Daphe echado, do gozaua. B
Con Tyrso, y Coridon del fresco alieto, A
Cada vno guardaua B
Su hato, y desde alli se acareaua, B
Y quando cometia el lobo ambriento, A
La honda disparaua, B
Y el hurto de los dientes le sacaua. B
Todos tres eran moços cuydadosos, C
Sueltos en el correr, y diligentes, D
Robustos, y valientes, D
En el tocar los caramillos diestros. E
Y en el baylar a todo son, maestros E
Resabios, o siniestros, E
De torpes Zagalejos codiciosos, C
A ellos no llegauan a los dientes. D

CAPIT. XI.

Dos Sermonteſios.

OS verſos Sermonteſios ſaõ para Eglogas paſtoris, & ſe fazem de muytos modos, chamanſe aſsi por reſpeyto da lingoajem montanhes. Exemplo.

Las victorioſas palmas alcanſando,	A
En trueco el texo tunerable tomando.	A
Las inſignes vanderas arraſtradas,	B
Las retumbantes caxas deſtempladas.	B
Los Cangueſes ſelebran con gran planto,	C
La muerte de Pelayo aquel eſpanto.	C

Outro modo.

Si ſon para leer mis penſamientos,
Seran vanos intentos.
Porque es forma de letra,
Que nunca humana viſta la penetra.
Y es agrauiar mis ojos,
Pedir que los cumplais, y darme enojos.

Outro modo.

Dichoſo el que de pleitos alexado	A
Qual los del tiempo antiguo.	B
Labra ſus heredades no obligado,	A
Al logrero inimigo.	B

Agora os que se seguem mudão a consontia, & assi vão de quatro, em quatro.

Outro modo.

Vn niño es el amor ciego, y alado,	A
Con llamas, y desnudo de arco armado,	A
Que no fie	B
Ninguno del, pues llora quando rie,	B
Ciego porque por el nadie se guie.	B

O pè quebrado, he o que varia os versos nas consonancias.

Outro modo.

El que viste de lana los ganados,	A
A los peces de conhas, y de escamas.	B
De verde hyerua, y rosas a los prados,	A
Y a los copados arboles de ramas.	B

Os versos q̃ agora se seguem vão com outras consoantes, & assi vão tambem de quatro, em quatro.

CAPIT. XII.

Dos Tercetos.

OS Tercetos se fazem de tres versos, & acabão em quatro, & saõ para materia larga, & não se ha de suspender o conceito de hũ Terceto para outro, ainda que Garcilazo o fez. Saõ para Eglogas, lamentaçoẽs, & para cartas amorosas, & para casos funebres, &c.

Exemplo.

Veiò la freſca hierua tan contentá,	A
Que la vicioſa punta al agoa inclinà,	B
Pareciendo tenella algo ſedienta.	A
Y con eſto el ſpiritu imagina,	B
Como la hierua humilla ſu cabeça	C
Al Cielo de miralle ſiendo indigna,	B
Haziendo acatamiento a ſu grandeza:	C

Outro modo.

La Mageſtad, y gloria de los Reyes,	A
El cetro, y la corona desfalece,	B
Y todo quamto el falſo mundo offrece,	B
Tiene la honrra, el mando el ſeñorio,	C
El deleyte, y regalo deſta vida,	D
La entrada dulce, amarga la ſalida.	D

A eſte modo de Tercetos chamão os Italianos Solaio, ou Solao, que quer dizer cantiga de ſoalheyro.

CAPIT. XIII.

Dos Madrigais.

OS Madrigais ſaõ do meſmo modo dos Trecetos, tirado que no cabo tem mais hum verſo, o qual concorda com o derradeyro. Vem eſte nome Madrigal de Mandra, q̃ ſignifica a cabana do paſtor, & he para paſtoril eſte modo. Exemplo.

Deſenlazad los ojos ſonolientos,	A
Paſtores, y ſacad de los ſurrones,	B

Los

Los dulces, y acordados instrumentos. A
Y con la variedad de vuestros sones, B
fim. Acompañad los Angeles del Cielo, C
Que en loores de Dios dan mil pregones, B
Y de velle se espantan en el suelo, C
verf. ã mais. Hecho el eterno, tierno niño al yelo. C

Outro modo a Saõ Hilario.

Ya la celestial lampara salia, A
Las tenieblas del orbe desterrando, B
Prometiendo a los hombres claro dia. A
Quando el padre Hilario con interno C
Affecto, estaua puesto de rodillas, D
Contemplando en el bien alto, y superno. C
Passaua el claro Phebo el orizonte, E
fim. Y otro dia lo auian coronado F
Las cumbres, y collados de aquel monte, E
verf. ã mais. Y aun el Sancto hermitaño estaua orando. G

Outro modo.

Quando la carne, a carne te prouoque, A
Per IESV Chisto hermano q̄ te acuerdes B
Del mal que ganas, y el gran bien q̄ pierdes. B
Contempla a Dios por ti crucificado, C
Y a Satan que vengar tu furia quiere, D
Yescoge el que mejor te pareciere. D

Outro modo.

Sacrificad à Dios las voluntades	A
Hombres que las teneis tan derramadas,	B
Que eſtan para el infierno dedicadas.	B
Y dexad ya de ſer triſtes cofrades,	A
Y raeos del libro del infierno,	C
Antes que el mortal mato lo haga eterno,	C
Temed el lacrimable lago abierto.	D

Outro modo.

Los que por falta alguna de ſuſtento,	A
Quebrais de vueſtro Dios los mãdamiẽtos,	B
Mirad que hazeis offenſa a la eſperança.	C
No veis que a la auezilla da alimento,	A
Guiandole el moſquito por los vientos?	B
Pues como en ti faltô la confiança?	C

CAPIT. XIIII.

Das Octauas, & Sextas Rimas, & Quartetes.

ESte genero de verſos ſerue nas comedias para praticas,& para oraçoẽs; & fora dellas para deſcripçoẽs, Encomios, Eglogas,& hiſtorias ſeguidas. As Eſtancias de ſeys verſos ſe chamão Sextas Rimas, & fazenſe deſte modo.

Sexta

Sexta Rima.

El furibundo Marte poseya, A
Con subiection tyranica las tierras, B
Y la humana soberbia pretendia, A
Allanar las encumbradas sierras B
Con esto, vnos imperios, y reynados C
Fueron perdidos, otros ensalçados. C

A este modo se reduzem os modos seguintes de Lope de Vega.

Outro modo.

Que aprouecha que adornes el cabello A
De la mirra de Orontes perfumado, B
Y el pecho tierno, y bello A
Cubras del velo en purpura bañado, B
Ni que tus perfeciones C
Traygan como auender agenos dones. C

Outro modo.

Sola esta vez quisiera. A
Dulce instrumento mio me ayudaras, B
Por ser ya la postrera, A
Y que despus colgado te quedaras B
De aqueste sauze verde, C
Donde mi alma llora el bien que pierde. C

Octaua Rima.

Enmudescase ya la ronca trompa, A
Y gentilicos hechos publicando B

Los

Los Christianos oydos ya mas rompa,	A
Y vaya hasta los Cielos rebombando	B
La fama de los Sanctos con gran pompa,	A
Sus victorias eternas celebrando,	B
Para que viua siempre la memoria	C
De quien eternamente viue en Gloria.	C

Octaua repetida.

	Llorad peruersas almas vuestra vida,	A
A	*Vida que muy mejor se dize muerte,*	B
B	*Muerte causando triste, y dolorida,*	A
A	*Dolorida miseria, y dolor fuerte:*	B
B	*Fuertemente llorad vuestra caida,*	A
A	*Caida por la flaca, y debil suerte,*	B
B	*Suerte que desde Adan viene caiendo,*	C
C	*Caiendo de vno en otro, y descendiendo.*	C

Rima encadeada tem na quarta, & quinta sylaba a consoante, & no cabo acaba como Octaua.

Rima encadeada.

Sus colores al mundo restituye,
El Sol que huye del Neptuno vado
En su dorado carro por el Cielo,
El frio yelo en agua destilando
De su rocio al campo despojando.

Taõbem

Taõbem pode leuar a consoante na sexta,& septima syllaba. Exemplo.

Ribera de Narcea caudalozo,
Cuyo curso furioso riega, y baña
La tierra q̃ en España es reputada,
Por la mas señalada. &c.

Os Quartetes seruem para Epitafios,& podense proseguir quanto quiserem.

Si el que recibe a dar queda obligado, A
Que te darê mi Dios por tantos bienes, B
Pues nada puedo darte que no tienes, B
Y nada tengo que no me ayas dado. A

CAPIT. XV.

Das Lyras.

AS Lyras constão de sinco versos cada hũa,& todos quebrados, tirado o segũdo,& quinto, que saõ inteyros. Como se cantão à viola, de Lyra tomarão o nome Lyras. Exemplo.

A nossa Senhora, & ao Nascimento.

Está mil bezos dando A
La Virgen soberana al niño tierno, B
Aquel ser contemplando, A
Que siendo sempiterno, B
Sin tiempo, en tiepo nasce del Enuierno. B

Outro

Outro modo de Lyras, de Iorge de Montemayor de tres verſos inteiros, & os mais quebrados.

O alma no dexeis el triſte llanto,	A
Y vòs canſados ojos,	B
No os canſe deramar lagrimas triſtes,	C
Llorad pues ver ſupiſtes	C
La cauſa principal de mis enojos.	B

CAPIT. XVI.

Das Balhatas.

BAlhata vem do verbo Italiano *ballare*, que quer dizer baylar, porque com eſtas cançoẽs cantauão, & baylauão. Ha muytas enuençoẽs dellas, mas sò porey aqui as mais ſeguidas. A primeira copla ſe chama repreza, a ſegunda ſe chama primeira mudança, a terceira ſe chama ſegunda mudança, & logo ſe ſegue a volta.

Exemplo.

	Deleites me combidan, y aunque veo	A
repreza.	*El deſabrido fin de ſu dulçura,*	B
	Atanto llega ya mi deſuentura,	B
	Que lo que mas me daña, mas dezeo.	A
mud. 1.	*Queria verme libre, y ſoy cautiuo,*	C
	Queria no querer lo q̃ mas quiero,	D
	Y lo que menos baze a mi prouecho.	E

Queria

mud. 2. *Queria mas viuir, y menos muero,* D
Que quando muero, mas entõces viuo, C
Y màs abarco, quanto mas deshecho. E
volta. *Sigo lo ancho, y huyo de lo estrecho.* E
Y no miro que al fin de la estrechura B
Està la deleytosa, y dulce anchura, B
A donde para siempre me recreo. A

Outra de Petrarcha a Saõ Ioão.

Iunto el luzero al Sol, resplandecia A
Que no se deslumbraua, B
Porque del Sol el rayo que le daua, B
Mas claro, y mas hermoso le hazia. A
Fue tal el resplandor deste luzero, C
Que viendole tan bello, y tan lustroso D
Sin conocer de tanta luz la fuente: E
El pueblo deslumbrado, y no dubdoso, D
Iuzgò ser el Apolo verdadero C
Al que era vna centella solamente. E
Mas al luzero aquello conuenia, A
Pues quizo Dios que fuesse F
La luz que de su luz, la nueua diesse, F
Y de que ya llegaua el claro dia. A

Outra de Petrarcha. 13.

Tras su manada Elisio lamentando, A

Mit

Mil vezes este verso repetia, B
Ay quien se viera, qual se vio algũ dia. B
Vime yo tan señor de mi fortuna, C
Tan libre de dolor tan prosperado: D
Que no temi yamas mudança alguna, C
De aquel primero, y vẽturoso estado. D
Ya toda mi ventura se ha trocado, D
No soy, ni ya seré quien ser solia, B
Ay quiẽ se viera, qual se vio algũ dia. B

Outra de Petrarcha. 4. a S. Ioão Baptista.

Diuino Iuan que solo en la montaña A
Viuistes escondido, B
Dizidnos lo que aueis alla aprendido? B
Con quien aueis asolas conuersado? C
En cuya disciplina: D
Aueis los tiernos años empleado? C
Que theſoro, que mina, D
Os descubrio la soledad vezina, D
Que della enrequecido, B
Riberas del Iordan aueis salido? B

Outra do mesmo 33. ao Sanctissimo Sacramento.

Pues oy tal muestra de su amor, y gloria, A
El soberano Dios al mundo ha hecho, B

Dando

Dando en manjar su pecho, B
Cantad de amor, o Cielos la victoria. A
Blanco manna nos llueue, mas sabroso, C
Que quando del Gitano D
Poder, con fuerte mano, D
Sacò Moysen al pueblo mas querido. E
Diuino pan, bocado mysterioso, C
Manna que al pecho sano, D
Sabe al diuino grano, D
Que en llamas de amor puro fue cozido. E
Manna con que se ponen en oluido, E
Los gustos, y sabores deste suelo, F
Y para mas consuelo, F
Se queda entre nós otros por memoria. A

Outra do mesmo. 43. a Saõ Ioão Baptista.

Si de vós gran Baptista, A
Fue coronista el Verbo soberano, B
Que mas podra añadir mi lengua, o mano? B
Borrar podré con mi grosera pluma, C
La perfecion primera, D
Con que resplandeciste encerrado: E
Mas quando ya saliste acà fuera, D
No puedo en breue suma C
Dezir la dignidad dó aueis llegado. E

Pues

Pues Christo os dio el primado, E
Y os escogio, y despuso tan temprano, B
Que màs podra añadir mi lẽgua, o mano. B

Ha tambem outras ao modo de Vilancicos com sua cabeça, peis, & repetição, ou retornelo. Exemplo.

CABEC, A.

Nolite cõfidere in principib⁹ *No querais esperar en quien no tiene,*
Lo que a su propria vida le couuiene.

PEIS.

En Principes del suelo nunca esperes, A
De qnien prouecho, y honrra no se alcança. B
Que alfin son hijos de hombres, y mugeres, A
Y en otros tambien tienen su esperança, B
En su gracia no fies, ni priuança, B
Que el hombre miserable nunca tiene C
retor. *Lo que a su propria vida le conuiene.* C

Outra a Magdalena.

Para ablandar de Christo el pecho ayrado,
La Magdalena está sus pies lauando,
Con suspiros ardientes los secando.

Pè.

Tiene sus claros ojos hechos fuentes, A
Por donde brota aquel licor precioso B
En dos abundantissimas corrientes, A

A Christo fue este lloro tan sabroso, B
Que con rostro apazible, y amoroso, B
Està todas sus culpas perdonando, C
Y ella de solocar ya mas cessando. C

CAPIT. XVII.

Das Cançoẽs.

ESte nome Cançaõ he nome generico de qualquer genero de versos para cantar. As Cançoẽs seguidas saõ para Eglogas, Lamentaçoẽs, Louuores, Cõselhos, Descripsoẽs. Ha muytas differẽças como se pode ver em Petrarcha, mas porey sò as q̃ andão mais em vzo. E notay que ordinariamente no remate fala o Autor com ella, variando às vezes o proposito que atè ali troixe, & às vezes tambem seguindo.

Cançaõ seguida.

El rutilante Phebo ya dexaua A
Al Capricornio elado, B
Y en su fogozo coche va arrojando C
La radiante garrucha, y leue xara, A
Al gran toro estrellado, B
Verse ya entre sus cuernos deseando, C
Quando hiua contemplando C
Mi alma en el embez del claro Cielo, D
Que si lo desbazia el suelo, D
Es tan hermoso, bello, y estrellado, B
Qual serà lo sublime, y lleuantado. B

Remate.

Faltante las alàs,	E
Cancion para bolar a tanta cumbre,	F
De mas que ay mucha lumbre,	F
Y morirás qual Icaro opilado,	B
De neſcio a fuego, y agua condenàdo,	B

Outra á Gula.

Gula beſtial, fiera, hambrienta,	A
Por ti la muerte vino a los humanos;	B
Por ti qualquier virtud luego perece,	C
Contigo Satanas a Chriſto tienta,	A
Poniendole las piedras en las manos,	B
Y quanto al cuerpo, al vicio fortaleces,	D
La alma, y las virtudes enflaqueces.	D
Procura alma Chriſtiana ſubjetalla,	E
Que ſi aqueſta inſaciable furia domas	F
La mayor fuerça tomas,	F
Que entre ſus enimigos todos ſe halla,	E
Para alcançar victoria en la batalla.	E

Remate.

Procura Cancion mia deſuiarte,	G
Y del todo apartarte	G
De manos de Epicuros, y Glotones,	H
Si quieres no morir a morduſcones.	H

Outro modo á Magdalena.

Rendida está a los pies de vn dulce amado,	A
Vna mudable, firme, y fiel amante,	B
De ver a otro amado arepentida,	C
Moriendo por aquel que está doliente,	D
Porque su libertad le ha cauptiuado,	A
Y por darle en su pecho mas cauida,	C
Aquella cierua herida,	C
El viejo amor despide,	E
Porque el nueuo le impide,	E
Por los mismos lugares que viniera,	F
Que por las mismas partes brota fuera,	F
Porque el rezien venido	G
La occupa de manera,	F
Que busquar puede el viejo nueuo nido.	G

Remate.

No passes mi Cancion mas adelante,	H
Que en semejante caso,	I
Basta tocar vn passo,	I
Para que la alma dulce, y amorosa,	L
Deste amor deseosa,	L
Entre si considere el dulce intento,	M
Sin que cantes la cosa,	L
Que no alcança tu baxo entendimiento.	M

E notay que em cada Canção ha de auer Estancias, & Remate, ainda que algũas vezes se remata com a vltima Estancia. Estas podem ser quantas o Poeta quizer, ainda que o ordinario he auer dez, ou doze. Chamase Estancia hũa parte da Canção dentro da qual ha todos os Cõsoantes que pede a Canção, cuja Estãcia he. E quaes forem as Consoantes da primeyra Estancia, taes hão de ser nas mais: tirado o Remate que será das que quizerem. Exemplo de Petrarcha na Canção 34.

Primeyra Estancia.

Deleite que me matas alagando,	A
Fildora, que dorada por defuera,	B
Encubres la amargura de manera,	B
Que con el oro azibar voy tragando:	A
Mas ay que apenas he comido, quando	A
Se passa la dulçura,	C
Y queda la amargura,	C
Que largo tiempo dura	C
El paladar, y estomago azedando.	A

Segunda Estancia, continuando nos Consoantes.

Tu rostro es aparente, y de Ramera,	B
Que con la tez fingida de hermosura,	C
La vista del mancebo honesta, y pura,	C
Lleua tras si, y del alma se apodera:	B
Todo el mundo te sigue, y te venera,	B
Y tienes de tu vando	A

Los

Los muchos que prouando A
Del vino que vás dando, A
Se quieren estar siempre en su segera. B

Terceyra Estancia continuando.

Qual Circe entre las flores, y frescura, C
Los fuertes coraçones ablandando, A
Estás a tus queridos trasformando, A
Sin les dexar de hombres ni aun figura: C
rem. *Y poneslos en tanta desuentura,* C
Que en bestia torpe, y fiera, B
Se conuierte qualquiera, B
Que en ti se refrigera, B
Mientras en tu seruicio, y caza dura. C

Do mesmo à Morte. Can. 47.

Amarga, malicenta, desmembrada, A
Quien te dio priuilegio tan cumplido, B
Que al Monarca del mundo mas temido; B
No respetan los filos de tu espada? A
Quien te viere temblando, y desarmada, A
rem. *Tendrate compassion; mas ay traydora,* C
Que en llegando tu hora, C
No basta contra ti mortal potencia, D
Ni haze resistencia D
A tu guadana corua, ineuitable, E

Doblado peto, o fuerça inexpugnable. E

Do meſmo á Senſualidade. Can. 29.

Senſualidad de mil engañ̃s llena, A
Veneno disfraçado: B
Sierpe cruel, que mata adormeciendo, C
Falſo plazer, tormento açucarado: B
Muſica de Syrena, A
Que con fingido canto enterneciendo, C
Me vàs entreteniendo, C
Sin que vida ſienta que ſe paſſa. D
Porque me hinches de eſperanças vanas? E
Porque encubres mis canas? E
El vil ſujeto, la ſalud eſcaſſa, D
Los dolores ſin taſſa, D
Coruada la eſtatura, F
La falta de calor, el negro diente, G
Y la mort al figura, F
Arada con las rugas ya la frente? G

Outra de Garcilazo.

Quan bienauenturado, A
Aquel puede llamarſe, B
Que con la dulce ſoledad ſe abraça, C
Y viue deſcuydado, A
Y lexos de empacharſe B
En lo que al alma impide, y embaraça, C

No

No vé la llena plaça, C
Ni la ſoberbia puerta D
De los grandes Señores, E
Ni los aduladores E
A quien la hambre del fauor diſpierta, D
No le ſerá forçoſo F
Rogar, fingir, temer, y eſtar quexoſo. F

Outra do meſmo.

A la ſombra holgàndo, A
De vn alto pino, o robre, B
O de alguna robuſta, y verde enzina, C
El ganado contando A
De ſu manada pobre, B
Que en la frondoſa ſombra ſe avezina: C
Plata acendrada, y fina, C
Y oro luziente, y puro, D
Baxo, y vil le parece, E
Y tanto lo aborrece, E
Que aun no pienſa que dello eſtá ſeguro: D
Y como eſtà en ſu ſeſo, F
Rehuye el graue pezo. F

Outra de Petrarcha. 18.19.20. a Iezabel.

Es eſta la inſufrible A
Reyna, que con furioſa rabia, y ſaña, B

Sin causa perseguia al Sancto Elias? C
Aqui parò su estraña B
Soberbia, y crueldad? ó quan terrible A
Es Dios en castigar las tiranias: C
Tus inuenciones locas, y porfias, C
O Iezabel injusta, y atreuida, D
Aqueste amargo fin pronosticauan: E
Y los que te mirauan, E
Tal remate esperauan de tal vida, D
No quizo el Cielo verte F
En la prosperidad no merecida, D
Pues no supiste en ella conocerte, F
Y a Dios atribuyr tan alta suerte. F

Outra do mesmo. Can. 39.

A dò està la madexa de oro fino, A
Que tanto hermoseaua tu cabeça? B
A dó la gentileza, B
La gala del vestido refulgente, C
Y del vngido rostro la viueza? B
En que parò el espejo christalino, A
A donde tan sin tino A
Mirauas el color resplandeciente, C
En la mexilla, que del roxo Oriente, C
Y del dorado Sol escarnio hazia? D

La

La frente alabaſtrina, no arrugada, E
La mano blanca, liſa, y torneada, E
El oyó garco, y claro que atraia, D
A quantos el queria? D
Ay como en vn momento te han faltado, F
O bien, no bien llegado, F
Quando te vâs, y dexas de tu gloria, G
Triſte lamentacion, cruel memoria. G

Outra do meſmo.

Herido eſtoy de vna mortal herida, A
Que en lo inmortal del alma me ſue dada, B
Sin repararla yo, para que dure, C
Mi natural brauẽza contraſtada, B
Quiziera ſolo aſegurar la vida, A
Mas no ſe hallará quien la aſegure, C
Ni de tan rezio golpe el alma cure: C
Porque es mi mal tan entrañable, y graue, D
Que remediarle otro no es baſtante, E
Sino la que ignorante E
De mi dolor, la medecina ſabe, D
O herida ſuaue, D
Que con dulçura puedes dar la muerte, F
Al animo mas fuerte, F
Que en la region de Tyro, y de Iudea, G
Ya mas reconocio la gente Hebrea. G

Outra

A.379.806 AH 2013

Outra do meſmo. Can. 45. à Pharão.

Portentos prodigioſos, y ſeñales,	A
No ablandaron el pecho empedernido,	B
Del ſoberbio Gitano que en dureza	C
Vencia ya los duros pedernales:	A
Mas preſto recebio ſu merecido,	B
Moſtrando Dios ſu ira, y fortaleza,	C
Entonces ſe eſpantô naturaleza	C
De ver ſangrieto el Nilo, el ayre horrible,	D
La tierra eſteril, de beldad agena	E
De ſauandijas llena:	E
Mas no ſintio ſu culpa el inſenſible,	D
Ni le mouio caſtigo tan horrible,	D

Outra do meſmo. Can. 24.

En el profundo del abiſmo eſtaua,	A
Del no ſer encerrado, y detenido,	B
Sin poder, ni ſaber ſalir a fuera,	C
Y todo lo que es algo en mi faltaua:	A
La vida, el alma, el cuerpo, y el ſentido,	B
Y en fin mi ſer, no ſer entonces era:	C
Y fuy deſta manera	C
Eternamente vil, y deſpreciado.	D
De ſuerte que la mas menuda arena,	E
Era en el ſer mas buena,	E

Y el guſanillo minimo hollado, D
Vn Rey era comigo comparado. D

Otra do meſmo. Can. 48.

Sali por vn deſierto cauernoſo, A
Lleno de deſconſuelo, y amargura, B
A buſcar mi ventura, B
Suſpiros encendidos deſpediendo, C
Y entreme poco a poco en la eſpeſura, B
Que a caſo ſe offrecio de vn valle vmbroſo. A
Pensé hallar repoſo, A
Y fueron me mis ancias afligiendo, C
Y en tanto grado el alma enterneciendo, C
Que buelta de repente para el Cielo, D
Dexô el cuerpo en el ſuelo, D
Y ſe quedò en vn extaſi traſpueſta E
Mas quien dirá la fieſta E
De aquel dichoſo rapto, no eſperado, F
Y el coraçon en llamas abraçado? F

Outra do meſmo. Can. 40. a noſſa Senhora.

Virgen la mas gracioſa, y la mas alta A
De quantas ſon, y han ſido, B
Gloria de los mortales, luz del ſuelo, C

De aquel

De aquel licor que a vida eterna falta, A
Derrama en mi sentido B
Vna feruente gota, desde el Cielo: C
Para que el duro yelo C
De mi interior tibieza ya deshecho, D
Entrar pueda en mi pecho D
El fuego de tu amor con que abrazado, E
Amandote, me vea en ti mudado. E

Outra. M. Cino ao passar do mar roxo.

Las crespas ondas, milagrosamente A
Se vieron en dos partes diuididas, B
Y dieron passo a la afligida gente, A
Colgadas en el ayre, y detenidas, B
Quales murallas firmes, constrenidas, B
Por el poder Diuino, C
Aguardar el camino, C
Por donde el pueblo amado D
Passaua el mar bermejo, a pie calçado. D

Canção seguida he a Sextina, a qual consta de seys versos soltos sem Consoantes, & todas hão de acabar em os seys vocabulos em que acaba a primeyra pela traça que logo se verà. Por remate tem hũa estancia de tres versos onde se haõ de comprender todos os seys vocabulos. Exemplo.

Sextina

Sextina ao Sanctiſsimo Sacramento.

Para manifeſtar el largo pecho,
No ſolo quizo Dios baxar del Cielo,
Y dar por nueſtro bien ſu cara vida,
Mas porque la memoria de los bienes,
Se ſuele deslizar dentre los hombres,
Quizo quedar con ellos en la tierra.
Y aunque es guſano el hombre de la tierra,
Se apoſenta en ſu falſo, y flaco pecho,
Que dize es ſu regalo eſtar con hombres,
Y que lo truxo aqueſto deſde el Cielo,
Cargado de riquezas, y de bienes,
Para le rendir a gracia, y vida.
En prendas dá ſu cuerpo de la vida,
Y en rehenes ſe queda en nueſtra tierra,
De la ſuprema Gloria, y de ſus bienes,
Nada pudiera hartar del hombre el pecho,
Sin eſte pan, que harta todo el Cielo,
Y el guſto refocila de los hombres.
No ſupieran pedir los triſtes hombres
Remedio tan perfecto de ſu vida,
Ni tal imaginar ſupiera el Cielo,
Que Dios del alto Cielo baxe a tierra?
Y rompa con la muerte el ſacro pecho,
Abriendo los theſoròs de ſus bienes.

Y auien-

Y auiendonos dado tantos bienes,
Se quede haſta la fin entre los hombres,
Dandoſe por manjar? ò largo pecho!
O merced no pagada con la vida,
Ni con quanta riqueza ay en la tierra,
Ni (ſacando el dador) ay en el Cielo!
Inuencion fue de amor, amor del Cielo
Nos truxo eſtas preſeas, y eſtos bienes,
Dexando enriquecida la vil tierra,
Para endioſar los miſerables hombres,
Y aquel que puede dar inmortal vida,
Se anida en corruptible, y mortal pecho!

Remate.

Tales bienes al fin de tan buen pecho,
La vida repararon de los hombres,
Haziendo de la baxa tierra Cielo.

CAPIT. XVIII.

Dos Echos.

ECho naturalmente he a reflexão da voz que da cõ-ſoi-ſa em algũ vale concauo, que ferindo a voz nos corpos q̃ acha oppoſtos torna ao ouuido o fim della. Eſta reflexão pode ſer de hũa até quatro Sylabas do fim do termo, & ſerâ ſempre ſignificatiuo. Eſtes podem ſer no fim, ou no meyo, ou no principio, & quando for em proza ſerà a onde quizerem, & vier mais a propoſito. E notay q̃ as reflexas do Echo haõ de ſer de tal modo cor-

do cortadas do vocabulo que ſignifiquem outra couſa, do que dantes ſignificauão. Aſsi como preſtado, eſtado. E que não fique o verſo mal ſoante. E notaſe mais que as reflexas de duas, ou tres Sylabas quãdo começão & acabão em vogal ſaõ as mais elegantes,& as q̃ ſe não diriuão de diçoẽs compoſtas,ſenão de ſimples. Aſsi como, lloro, oro, tierrà, yerra.

Soneto com Echo ao Sanctiſsimo Sacramento.

Oy es vn pan al combidado, dado,
Muy celeſtial con vn diuino, vino,
Del Cielo porque aſsi conuino, vino,
En amor puro, y no taſſado, aſſado.
Para ſanar al reuelado, elado,
Y hazer del peccador indigno, digno,
Dando (apartado el deſatino) tino,
Para que no ande el deſterrado, errado.
Y el pobre, pan que le mantenga, tenga,
Mas quando al paladar eſtraga, traga,
La muerte, y aſsi en tal comida, mida.
Su alma el hombre, y qual conuenga, venga,
Si quiere que prouecho en la llaga, aga,
Y no lleuar otra enxerida, herida,

Reflexão no meyo.

Virgen ſocccorre, corre no ay preſteza,
Sin ti Señora, ora vna alma fria,

Quieres

Quieres que clame? ame: porque via,
Que el dezeo me sobra: obra. &c.

Reflexão no principio.

Ya la florida, y fresca Primauera,
Era llegada, ya de su thesoro,
Oro daua la tierra, y el decoro,
Coro de Apolo andaua en la ribera.

Taõbem se fazẽ em Redondilhas, & em todo o modo de verso que quizerem.

Mi descontento, es contento,
Mi descansar, es cansar,
Mi despenar, es penar,
Mi desaliento, es aliento,
Mi desamar, es amar.

CAPIT. XIX.

Dos Laberintos.

OS Laberintos se fazem de Quartetes, ou Quintas como se verà nos Exemplos abaixo. Outros ha de versos de Arte mayor, os quaes como jà disse se fazem de Redondilhos menores. O artificio està, q̃ lendose como Redõdilhas façõ sentido, & lendose de dous em dous fazendo verso de Arte mayor, façõ sentido tambem.

Laberinto.

Bocado tu tienes,
La triſte amargura,
Suaue dulçura,
En ti no contienes,

Comida ſabroſa,
En ti no ſe anida,
Tienes recogida,
La hiel amargoſa.

Crias, y mantienes,
El triſte peccado,
El ſiglo dorado,
A dar ya mas bienes,

El alma precioſa,
Tu has deſtruydo,
Por ti ha venido,
La vida afrentoſa.

Por tu cauſa vino,
Triſteza, y dolor,
Prouecho, y honor,
Pierde el hõbre indigno,

Gloria, y alegrias,
De nós deſterraſte,
En nós ayuntaſte,
Penas, y agonias.

Por ciego camino,
Lleuas nueſtra vida,
Cauſaſte comida,
Ciego deſatino,

Al alma no guias,
Por derechos paſſos,
Esfuerço a los laſſos,
Quitas, y deſuias.

Tambem ſe fazem outros Laberintos de letras acroſticas, ou ao comprido, ou ao largo, ou como eſtrella, ou como cruz, ou como quer o Poeta que todas venhão a dizer algũa couſa. Acroſticas ſe chamão, porque com ellas ſe faz dição, & oração nas primeyras letras dos verſos. E noteſe que para ſe diuizarem as letras que ſiruirem no Laberinto, ſejão mayores, & para ſe fazerẽ bem,

primeyro se haõ de pór as letras, & depois se haõ de encher com a Poesia como se vè no Exẽplo que diz. Basta por Exemplo.

SONETO.

BASTA POR EXEMPLA

Bien fue de azero, y bronze aquel primero,
Aquel que de tablas confió su vida,
Saliendo al mar con lienço, y cuerda asida,
Todo bien dando al viento lisongero.

Aquel que no temio del Orion Nero,
Por mar sue spada de la mar teñida,
O arco doble al Austro, y la ceñida
Radiante Luna de nublado fiero.

El que fio mil vidas de vna lengua,
Ximia que a cien mil partes va mostrando,
En lineas treinta y dos, tres mil mudanças.

Mas duro fue por cierto, y muy mas mengua,
Puso en si, el que puso en (contemplando)
La mar de vna muger sus esperanças.

Esta

La Virgen ſanta Maria,
Con ſus entrañas de amor,
Oy nos ha dado el Meſia,
Amanço Dios ſu furor,
Cumplioſe la profecia.

Con el parto virginal,
Fue nueſtro gozo cumplido,
La clemencia celeſtial,
De charidad encendido,
Hizo perdon gener[illegible],

En vna noche muy fria,
Naſcio de oueja el paſtor,
El que mal no merecia,
Porque ceſe mi dolor,
En vn peſebre plañia.

Ha ſanado nueſtro mal,
Como eſtaua prometido,
Haziendoſe Dios mortal,
Vna Virgen lo ha parido,
Quien imaginara tal!

Por ſola ſu corteſia,
Por ſaluar al peccador,
Pagò quien no lo deuia,
Hecho hombre mi criador,
Con amor que nos tenia.

Con vn hijo que pario,
Siendo Virgen eſcogida,
Segun nos lo prometio,
Lucifer và de vencida,
Quando al hombre reſgatò.

Remediò nueſtro peccado,
Eſta nueſtra madre Eua,
Por aquel caro bocado,
Hizo Dios tan alta prueua,
De ſu clemencia forçado.

La que Virgen concebiò,
Fue cauſa de nueſtra vida,
De mi culpa ſe cargò,
Con amor que le combida,
En el Verbo que encarnò,

Siendo de tan gran dechado,
Porq̃ mas ſu amor nos mue-
A quel Leon figurado, (ua,
Salio manſo de ſu cueua,
Encogido, y abreuiado.

A todo el mundo librò,
Con charidad nunca oyda,
Porque yr pudiera yo,
A mageſtad ofendida,
Con ſi miſmo ſe applacò.

Del mucho que conuenia,
Ha parido el Redemptor,
Para nueſtra mejoria,
Aueis viſto tal primor,
No ſerà como ſolia.

Dando de ſu amor ſeñal,
Recupero lo perdido,
Fue paga mas que cabal,
En vn peſebre metido,
Con afficion paternal.

Como norte que nos guia,
Quitandonos el temor,
Ya pues peccador confia,
Sale Dios por mi fiador,
Venciendo el que nos vẽcia.

Veſtioſe Dios mi ſayal,
De puro amor conſtreñido
En ſaluo eſtà mi caudal,
Lucifer queda vencido,
Hecho mi Dios temporal.

Siendo pues la culpa mia,
Y aun otra de rigor,
Y ora llora la alegria,
Pagaſe el miſmo criador,
Porque el hombre no podia.

Nueſtro peccado pagò,
Por lleuantar mi cayda,
Humilde por mi naſcio,
Quedò Virgen la parida,
Y mi ſuerte ſe trocò,

En vn peſebre eſtà hechado,
El que nueſtros males lleua,
En mi carne disfarſado,
Porque Lusbel no ſe atreua,
Dios ſe puſo en tal eſtado.

A buen pueſto nos ſacò,
Con tan humilde venida,
Pues Dios tanto ſe abaxò,
Y hizo paga mui crecida,
Por el hombre que peccò.

El ſac[illegible] Verbo encarnado,
[illegible]emediò la culpa de Eua,
Teniendo tal auogado,
Aunque mas el hobre deua,
Para que quede pagado.

Con nos otros conuerſò,
La mageſtad no creyda,
Ceſa el mal que Adan cauſò,
Sobra mucho la venida,
En grande precio quedò,

Siendo de tanta contia,
O que ſupremo fauor!
Pues Dios Padre anſi lo ẽbia,
Moſtrandonos ſu valor,
Esforsò mi couardia.

Nueſtro Cordero paſqual,
De carne humana veſtido,
Ha naſcido en vn portal,
Nueſtro defenſor ha ſido,
Tomando nueſtro metal.

O dichoſa compañia,
Aquel caudaloſo aſor,
Mirad que buelo daria,
Como ſacro caſador,
Que al mundo deſcendia.

Haziendoſe nueſ[illegible] igual,
El miſmo que fue on[illegible]do
Confuſo eſtaua el leal,
Dixo Dios biẽ ha cumplido,
Las coſtas, y el principal.

En Belen naſcio eſte dia,
Nueſtro gran Dios, y Señor,
Con ſu gran ſabedoria,
Para ſaluar al deudor,
De ſu caſa le ponia.

Son veynte y ſinco, no mas,
Si de repente las cuentas,
Si las andas al compaz,
Son quinze mil, y quinientas.

Al derecho, y a[illegible]s,
Y a la larga por de[illegible],
Y a la moriſca, deſpues,
Tomando dos, o tres pies,
Hallaràs el conſonante.

Esta he a ordem das Consoantes q se guar-
da neste Laberinto.

A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A
C	G	C	G	C
D	H	D	H	D
C	G	C	G	C
D	H	D	H	D
C	G	C	G	C
A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A
C	G	C	G	C
D	H	D	H	D
C	G	C	G	C
D	H	D	H	D
C	G	C	G	C
A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A
B	F	B	F	B
A	E	A	E	A

E notay que da letra A. ha 27. Cõsoantes, & da letra B. ha 18. & da letra C. ha 18. & da letra D. ha 12. & da letra E. ha 18. & da letra F. ha 12. & da letra G. ha 12. & da letra H. não ha mais que 8.

As Satyras, & Odas se fazem de qualquer sorte de cõposturas das q̃ já estão dittas. E chamase Satyra quasi Satura, assi por respeyto da variedade diuersa que nella antiguamente vzauão, ou pela copia de cousas que nella se tratão, ou porque farta a pessoa de quem se murmura. Porq̃ ordinariamente seruem para maldiçoẽs, para oprobrios, & para reprençoẽs de vicios. Chamase tambem Satyra porque vem de Satyro, que antiguamente quãdo nas representaçoẽs introduzião hum Satyro era para chocarrise, & cousa de rizo, assi a Satyra he tambem para cousa ridiculosa. O de se diz assi que he o mesmo q̃ Cãto, ou Cação.

CAPIT. XX. *Das Seladas.*

HA tambem outro modo que chamão Ensalada, o qual se compoem de todo o modo de versos, & a todo o proposito, & nas lingoas que querem de modo que por estas misturas se chama Selada. Mas aduirtase q̃ sempre o Retornelo ha de ser o mesmo do mote, ou cabeça.

Dexalde llorar
Orillas de la mar,
Orillas de la mar.
Este bello Infante,
Que veis reclinado,
En el portalejo
Fuera del lugar,
Es Dios infinito,
En carne abreuiado,
Que al linage humano
Viene a remediar,
Dexalde llorar
Orillas de la mar,
Orillas de la mar.

Por consolar vuestra madre,
Teplad IESVS los enojos,
Que lagrimas d'esos ojos,
Vna basta para el padre.
En vuestros ojos se mira
La madre q̃ os ha ẽgẽdrado,
Y del coraçon llagado,
Saetas de amor os tira.
Al fin como tierna madre,
Siente mas vuestros enojos,
Sabiendo que de'sos ojos,
Vna gota basta al padre,
Dexalde llorar
Orillas &c.

Logo Frances, & Italiano, logo Lyras, logo Endechas, Quartetes, &c.

ARTE DA PINTVRA.

SYMMETRIA, E Perſpectiua.

Compoſta por Philippe Nunes natural de Villa Real.

Em LISBOA, Anno 1615.

Prologo aos Pintores.

VANDO aprendi eſtes principios, & pratica da Pintura, não foy minha tenção ſaindo com ella a luz enſinar a os Sabios, & peritos na Arte, mas sò a os que aprendem, & a os curioſos della. Moueume a iſto ver a falta que ha de quem trate eſta materia, & aſſi quiz dar motiuo a os que mais ſabem, de ſairem a luz com mais experiencias, para q̃ aſſi não cuſte tanto a os aprendiſes a q̃ ordinariamente os Meſtres eſcondem os ſegredos da Arte, & para que aſſi mais depreſſa ſe ſayba. Por onde lhes digo aqui breuemente o mais cõmum, & que mais cõmũmente ſe coſtuma a vzar, porque vzando irão deſcobrindo mais ſegredos. Pera os Meſtres podem ſeruir os principios da Perſpectiua, por ſerem tão importantes para o bom vzo della, & juntamente a Symmetria de que ha tanta falta nos liniamentos, que ainda Pintores que ſabem muyto bem colorir, os não ſabem, dõde vem auer tantas imperfeiçoẽs nas figuras. Emmende, & acreſcente quem ſouber, & aprenda quem não ſouber, & todos dem Gloria ao Senbor. Qui viuit, & regnat per omnia ſæcula ſæculorum.

Louuores da Pintura.

HE a Pintura hũa Arte taõ rara, & tem tanto que entender, & moſtra tanta erudição que deixo de lho chamar rara, por lhe chamar quaſi diuina, & não digo muyto pois he taõ rara, & excelente, que toca quaſi a conhecimento diuino, ternamente taõ viuas as eſpecies das couſas, que aſsi ſe poſaõ pór em pratica, & Pintura que parece que lhe não falta mais que o ſpiritu. Teſtemunho

temunho deſta verdade he aquella hiſtoria celebrada da contenda de Zeuxis, Heracleotes com Parrhaſio, como conta Plinio, libr. 35. capit. 10. que pintou com tanta propriedade hum ceſto de vuas, que as aues do Ceo ſe vinhão a ellas cuydando que erão verdadeiras, & a toalha que Parrhaſio pintou tanto ao natural, que enganou com ella ao meſmo Zeuxis.

Budeo in l. Athletas, ff. de hijs qui notantur infamia, diz q̃ ouue antiguamente Pintores taõ inſignes, que não ſó fazião Iconicas imagẽs, ſenão tambem as Ethicas. Chama Iconicas imagẽs, porq̃ era coſtume em a Cidade Olimpia, donde ſe diſerão jogos olimpios, que aquelles q̃ venciaõ tres vezes a eſtes, lhe fazião retratos do tamanho do ſeu corpo, & muyto ao natural, a eſtas chamão Iconicas, & as Ethicas quer dizer que moſtrauão ao viuo os coſtumes, & natureza de cada couſa.

Não ſò deleyta, & agrada a os olhos a Pintura, mas faz freſca a memoria de muytas couſas paſſadas, & nos moſtra diante dos olhos as hiſtorias muyto tempo ha acontecidas. Serue mais a Pintura que vendo pintadas as façanhas, & cazos illuſtres nos excitamos, & animamos para cometter outros ſemelhantes como ſe as leramos em hiſtoriadores. *S. Damaſcen. ſidei orthod. c.* 17. *& S. Greg. lib.* 9 *Epiſ. q. ad Serenum Epiſc.* falando a eſte propoſito diz aſſi. *Sunt quidem picturæ in doctorum hominum libri, & ſcripturæ, nam quod legentibus ſcriptura, hoc idiotis præſtat pictura cernentibus: in ipſa & ignorantes vident quod ſequi debeant, & in ipſa legunt qui literas neſciunt.* E iſto de Saõ Gregorio fortalece, & corrobora o ſegundo Synodo. *Niceno, act.* 2. *&* 4. a onde proua cõ ditos de Sanctos como a Pintura boa, & de doutos Pintores (que a Pintura roim ſerue de rizo a quem a vé) he mais poderoſa para mouer o affecto que a hiſtoria. *S. Chryſoſt. orat. quod vet. & nou. teſt. vnus ſit legiſ-*

lator. Diz que teue sempre em muyta estima hũa pintura q̃ tinha colorida cõ cores de cera. E S. Gregorio Nisseno, *orat. de vnit filij, & Spiritus Sancti*, diz de si que muytas vezes pòs os olhos em hum paynel em que estaua pintado o Sacrificio de Abrahão, & que jà mais o vio sem lagrimas lembrandose da historia verdadeyra. *Vidi sæpius* (diz elle) *inscriptionis imaginem, & sine lacrymis transire non potui, cũ tam efficaciter pictura ob oculos poneret historiam.* Ainda os Philosophos antiguos para persuadirem a os homẽs a deixarem as dilicias, pintarão hũa taboa com as Virtudes q̃ todas estauão seruindo como criadas (sendo Virgẽs, & muyto fermosas) a hũa Raynha muyto fea a qual estaua em hum throno alto, & muyto aparatado, & se chamaua *Voluptas* o deleite do peccado. Para darem a entender quão abominauel era aos homẽs seruirem a quem taõ mal o merecia, & assi quando querião reprẽder quẽ não viuia bem, lhe punhão diante dos olhos esta taboa, da qual faz menção Cicero. lib. 2. de finibus, & diz que a pintou Cleantes Stoico. Donde se podem reprender os Hereges que pretendem tirar o culto, & vzo das imagẽs, & das pinturas, pois até os Antigos entendião de quanta importancia erão.

A authoridade, & estima em que se teue antiguamẽte esta Arte se pode ver do que diz Plinio. lib. 35 à cap. 1. vsque ad decimum. De Phamphilo refere que jà mais quiz insinar o discipulo que lhe não desse dez annos, & hum talento attico q̃ agora em nossa moeda he seys centos cruzados, tudo isto lhe deu Apeles, & Melãthio por serem seus discipulos, & com o exemplo de tan grandes Mestres procedeu em Sicyone Cidade antiquissima jũto a Corinto, & celebrada pela imagẽ da occazião q̃ fez Lisippo depois em toda a Grecia, q̃ os moços antes de saberẽ algũa Arte os insinauão a debuxar ẽ taboas de buxo

que

que para isto tinhaõ concertadas ao modo que hoje custumaõ os Oriues insinar aos que aprendem o officio, & tudo isto era para effeito de fazerem, que esta Arte tiuesse o primeiro lugar entre as liberais, porque sempre foy tratada de excellentissimos engenhos.

Tenhaõ os Pintores lugar muito honrado (*diz F. Patricio, de instit. Reipub.*) Porque com a honra delle se animem a procurar mayores honras, & assi dem tambem animo, aos que ouuerem de aprender tal Arte, como diz o Poeta, *honor alit artem, &c.* Naõ se pejou, nem enuergonhou aquelle grande Fabio Patricio Romano, do qual se dezia, que vinha por linha direita do grande Hercules, naõ se desprezou de a aprender, & vzar, & tanto que della tomou o sobre nome, chamandose Fabio Pictor. Nem ã desprezou Marco Antonio Emperador doctissimo, pois á aprendeo & exercitou com o Pintor Diogenes. Tambem lemos de Plataõ, que nella se exercitou, & foy curiosissimo della. Cicero diz della que sempre lhe foy afeiçoado. Alexandro a louua grandemente, & manda q̃ os moços se dem a ella, & a aprendaõ. O glorioso S. Lucas nella se exercitou, &c. Serue esta Arte a Escultura, & Celatura, & Architectura, que sem ella se naõ pode dibuxar nada.

Quais fossem os primeiros Pintores, & de quais foraõ as obras antigamente mais estimadas, se pode ver em Plinio no lugar assima alegado, des do primeiro capitulo, atè os onze. Os primeiros que começaraõ a vzar hũa sô cor com que pintauaõ, que a natureza lhe ensinou sem arte, foy Polignoto, & Aglaophon, antes destes ouue outros, dos quais se naõ diz bẽ da sua pintura, pois era necessario por hum letreiro sobre o que pintauão para se diuizar que cousa era, porque pelas sombras que as cousas faziaõ, por ali debuxauaõ, destes foy hum delles

Canacho, & hoje pode ser aja muitos. Tambem ouue outro chamado Calamides, do qual diz Cicero, que ja pintaua melhor que Canacho. As pinturas de Mioron, ja hião sendo melhores: & dahi por diante sempre foy melhorando a Arte atè o tẽpo de Prothogenes, Actião, Nicomacho, & Apelles, & acabaraõ de perfeiçoar a Arte segundo lhes parecia, ainda que depois se acharaõ, & inuentaraõ muitas cousas, porque Zeuxis. & no mesmo tẽpo Parrhasio (que viueraõ no tempo de Socrates) muytas cousas acrescentaraõ à Arte, porque à Zeuxis atribuem os claros & escuros, & as luzes nas figuras, & foy tanto o que ganhou com suas pinturas, que jà as naõ vendia, mas as daua, dizendo que naõ auia preço igual a ellas, & fez o seu nome de letras de ouro, que pòz na cidade Olympia celeberrima, por ser frequentada de todos os bons engenhos. Parrhasio foy o que lançou as linhas sutilmente, & ajuntou à pintura certas cousas de Geometria, & foy o primeiro, que deu à pintura a Symmetria, ainda que Plinio diz foy Polycleto, que saõ as medidas, & cõmensuraçõens, & foy o primeiro que deu a perfeiçaõ aos cabellos, & áboca, & nisto leuou a palma a todos. Entre as suas obras de fama, foy o Archigallo, q̃ era o principal dos Sacerdotes de Cybeles de quem deziaõ que era a grande mãy dos Deoses, pintura taõ estremada, que deu por ella o Principe Tiberio seiscentos sestercios, q̃ em nossa moeda he perto de mil cruzados.

Tambem Aristides Thebano foy Pintor insigne, & igual quasi á Apelles, como diz Plinio. Este foy o que de hum certo modo daua vida à pintura, porque nella estaua declarado todos os sentidos. El Rey Attalo teue hũa taboa sua que comprou por çem talentos. E Cesar dictador teue duas taboas do mesmo official, que lhe custaraõ oitenta talentos.

Philip-

Philippe Macedonio,& ſeu filho Alexandre muytas vezes ſe achauão na tenda de Apelles, pela grande recreaçaõ que tinhaõ,em ver pintar,& por tanto floreceo eſta Arte tanto em ſeus tempos. De Apelles diz Plinio, que não lauraua mais,que com quatro cores ſômente,& o meſmo Alexandre Magno mandou,que nenhum Pintor ô ouzaſſe retratar,ſenaõ ſó Apelles. Delle diz Plinio muytas couſas. Não foy menor Thimantes na pintura de Iphigenia, que pintando a todos triſtes, pintou a Agamẽnon pay della com a cabeça virada, pela grande triſteza, que ſe diuizaua mais nelle,que nos outros ſendo aſsi,que a todos pintou triſtiſsimos.

São os Pintores de jure priuiligiados, & pelo conſeguinte nobres. Text. in leg. Archiatros. C. de metatis. lib. 12. E eſta Arte, como tendit ad ornatum Eccleſiæ, ſempre ſe pode exercitar,ainda que aja prohibições, como diz *Bart. in leg. prima. ff. nequid in loco ſacro fiat.*

Valentiniano, Valente, & Graciano Emperadores priuiligiaraõ aos Pintores, *leg. Pictura. C. Theod. de excuſat. artificum libr. 13. Picturæ proffeſſores, ſimodo ingenui ſunt, placuit nec ſui capitis cenſeantur, nec vxorum aut liberorum nomine tributis eſſe munificos, & nec ſeruos quidem barbaros in cenſuali adſcriptione profiteri, &c.*

Os profeſſores da Pintura, ſendo liures, & filhos de liures,auemos conſtituydo, que naõ ſejaõ empadroados por ſua cabeça,nem que em nome de ſuas molheres, & filhos eſtejaõ ſogeitos aos tributos, que não ſejaõ obrigados a regiſtar ſeus eſcrauos barbaros no regiſto cenſual, &c.

De tudo o que eſta dito, ſe proua claramente ſer eſta Arte numerada entre as liberais, porque ſe começarmos pela diffiniçaõ, Artes liberais ſe chamaõ, por ſerem Artes com que ſe exercita o entendimento, que he a parte

liure & ſuperior do homem, ou artes dignas de homens liures,& tambem liberais,porque ſó ſe permitiaõ a homens liures.E ſe ellas ſe chamão liberais, porque nellas ſe exercita o entendimento;aonde entra mais o entendimento com todas ſuas operaçõis aprehender, cõpor, julgar & deſcorrer,que na pintura he em todo Architectonica,porq̃ ſe eſtende à ſignificar perfeitiſsimamente, & dar rezaõ de todas as obras que faz̃ todas as outras artes & officios.E ſe ſe chamão liberais,porque ſó ſe permitião a homens liures, ſabemos que entre os Romanos lhes era prohibido aos nobres vzarem de Artes mechanicas,& deſta vzauaõ publicamente;logo ſe fora mecanica não ſe vzara,& q̃ ſe vzaſe publicamente proua a Hiſtoria de Fabio Pictor jà referida: E ſabemos que a vzou tambem o Emperador Alexandro Seuero de quem foy tutor, & Meſtre o meſmo Vulpiano Iuriſcõſulto autor deſta meſma ley,& a vzaraõ outros muytos. E ſe ſe chamão liberais,porque ſaõ artes de entendimẽto, nenhũa das outras tem tanto que aprender, como a pintura, porque as outras em breue tempo ſe chega a ter conhecimento perfeito dellas:mas a Pintura por mais que ſe trate & curſe nella,jamais ſe chega a penetrar todos os ſegredos della,como diz Quintiliano Orat.inſtit.lib.12. cap.10. E iſto ſignificaõ os Pintores quãdo poem ao pè das figuras, *faciebat*, *ou pingebat*, vzando deſte preterito imperfeito,porque nenhum pode chegar ao preterito perfeito,porque ſempre ha que fazer, & que ſaber. Donde vejo o prouerbio Latino, *præſtat medicum eſſe, quam pictorem*, melhor he ſer Medico que Pintor. Diſerão iſto pela grande prolixidade que tem eſta Arte conſigo,& tambem porque as faltas na Pintura logo ſe derxão ver,& na Medicina não, porque ſe hũ Medico acerta a cura he louuado por iſſo,mas ſe a erra,& mata hum homem,

homem a terra cobre tudo, & não aparecem seus defeitos.

Donde parece que he mais que a Medecina, porque alem das rezoins ditas, se he necessario conhecer as eruas, pedras, plantas, muito mais he necessario à pintura, pois as ha de pintar ao natural para se conhecerem, & nisto depende tambem a Medecina da pintura, & se não vejaõ a Dioscorides, que lhe aproueitara tratar de eruas & plantas para a Medecina se a Pintura não mostrara ao olho, o que a pena por si sò não podia. E o mesmo digo da Arismethica, Geometria, & Perspectiua, que parece que todas se encluem nella, & lhe saõ sub alternadas, nisto que he formar figuras, & dar a conhecer os pẽsamentos, pois tudo vay por demonstrações, & essas não se podem fazer sem dibuxo & pintura, donde se infere, que ellas saõ como rudimenta, & principios, pera se conseguir perfeitamente o fim da pintura. Dõde Plinio. lib. 35. cap. 10. diz assi falando do Pintor Pamfilo. *Primus in pictura omnibus literis eruditus præcipue Arithmetice, & Geometrice, sine quibus negat artem perfici.* E assi os Egypcios, como refere Cornelio Tacito, libr. 11. Annal. primeiro declararão seus cõceitos, por meyo da pintura de animais, mas por ser cousa mais facil para todos, vieraõ a vzar do debuxo & caracteres de letras.

Conforme ao costume de Espanha he liberal esta Arte, porque estando estabelicido por ley del Rey dõ Ioaõ segundo de Castella, que os Caualeiros armados pera gozar de seus preuilegios não vzassem de officios baixos, & particularizando todos, não nomea a pintura. l. 3. tit 1. lib. 6. nouæ recop E nas prematicas sobre trazer sedas, lib. 2. tit. 12 li. 7. torna a contar os officiaes que a não podem trazer, & não conta entre elles aos Pintores. Logo se proua bem que he contada entre as liberais, &

que seja nobre naõ ha duuida nenhũa, porq̃ o he por todas as tres nobrezas: pela natural, porque produz grandes effeitos de virtude (porque quem ha, que vendo hũ Christo crucificado, se não compunya? O q̃ esta prouado assima de S. Gregorio Nisseno) pela nobr eza Theologica & diuina, porque produz effeitos sobrenaturais, & diuinos de piedade, caridade & religiaõ: pela nobreza politica esta tão claro que não tem necessidade de proua. Plinio chama aos professores desta arte nobres Pintores, o qual epiteto não se concede aos que vzaõ as artes mechanicas. Chamase nobre, porque ajuda com sua arte a encender os animos, para ganhar nobreza, nome & fama, como ja fica prouado. Galeno in exercit. ad bonas artes. Diz que se pode ajuntar às liberais. Seneca, lib. de studijs liberalibus, dà a entender que se tinha por liberal em seu tempo. Alexandro 8. polit. c. 1. & sequent. Plutarc. lib de audient. poet. & lib. de gloria Athen. & in vita Arat. Quem quizer ver mais louuores da pintura, veja Plinio nos lugares allegados. Veja F. Patricio de laude Pictorum, & Textor in officina cap. pictores diuersi, & Budæo, & muytos outros, & entre os modernos ao Lecenciado Gaspar Guterres de los Rios na sua noticia geral, lib. 3. & ao Padre frey Hieronymo na sua Repub. Gentilica, & Thomas Garçon na sua Pratica vniuersal. disc. 90. com outros, que ahy cita.

Principios da Perspectiua necessarios pera a Pintura.

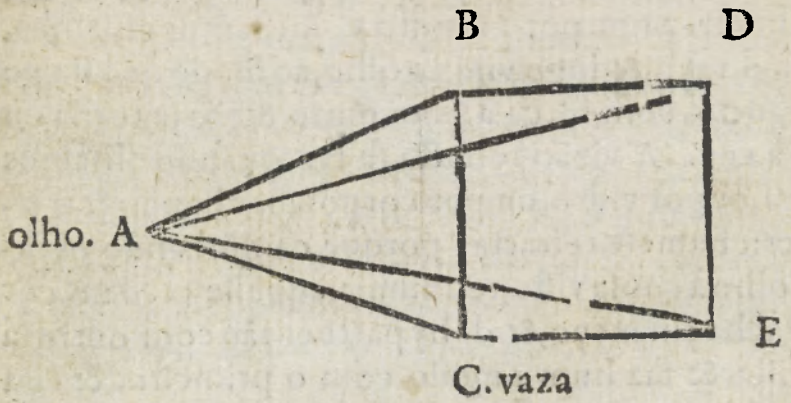
PRimeiro que tratemos da Pintura, auemos de presupor alguns principios da Perspectiua, como cousa muyto necessaria para a Pintura. O sogeito da Perspectiua

tiua saõ as linhas visuaes,& destas hâ duas spécies. A primeira he pelas quais procedem os rayos direitos sem se quebrar, por meyo dos quais se faz a vizaõ direita. A segunda he daquellas linhas, pelas quais caminhão os rayos, que se quebrão, ou se dobrão, por meyo dos quais se vem as cousas obliquamente. Daqui nascem duas partes da Perspectiua, segundo que ella se considera com estas duas spécies de linhas visuaes,& a primeira se chama Optica, como abaixo diremos. E a segunda se chama Specularia, da qual não he nosso intento tratar.

O modo de ver he de tres sortes, por vizaõ direita, ou reflexa, ou refracta. A vizão direita he, quando o rayo viziuel do olho à cousa vista he perpendicular, ou seja dessima, ou de baixo, ou das ilhargas, de sorte que seja o olho o centro, em respeito das mais partes: mas note se, que com hũa sò vizaõ naõ se podem ver muytas partes juntas. A vizão reflexa se faz nos corpos lizos & polidos ou por natureza, ou por arte, assi como saõ os espelhos, onde dà o rayo,& logo vira ao olho, ao modo de hũa pella, que lançais com força a hum muro,& ella se torna outra vez a voz. A vizão refracta se faz quando olhamos por agoa, ou por vidro, ou por corpos diaphanos,& trãsparentes: chama se refracta, porque caminhando os rayos do olho à cousa vista, termina se aquelle rayo no corpo que acha em meyo,& da hy parte então com outro á cousa vista, & faz hum angulo com o primeiro, & esta declinação que faz o rayo do seu direito curso se chama vizão refracta.

Deuemos logo imaginar, que a cousa que queremos ver he hũa vaza de hum pyramide, a qual se forma dos rayos do ver, os quaes partem do olho, como de centro até a superficie & contorno da cousa vista. E assi por estes rayos se fazem os angulos no centro do olho, pelas quaes

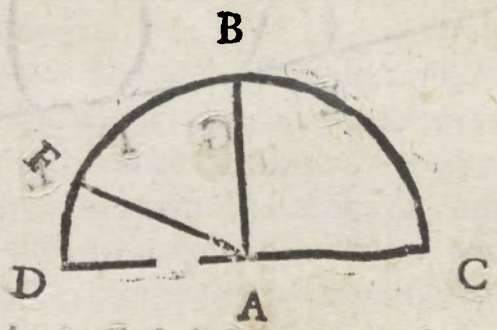
quaes saõ as cousas differentemente reprezentadas. E chamão os Latinos a este ver, deste modo Prospecto, dõde vẽ perspectiua, & os Gregos lhe chamão Optica por ser hum ver conciderado: porque o ver simplex mente, não he outra cousa mais que receber naturalmente na virtude do ver a forma & semelhança da cousa vista: mas o ver do Perspectiuo he hum ver conciderado, & aduertido, porque não somente vè naturalmente, como o simplex ver, mas concidera, & busqua o modo como se vé, & assi vè que da cousa vista vem os rayos ao olho de todas as suas partes que saõ vistas, porque não se podendo ella toda ver, mal podem de toda ella vir estes rayos ao olho, de sorte que este ver he por linhas direitas. E nenhũa cousa viziuel se vè toda juntamente, como se vè no exemplo que não vè o olho juntamẽte, B. C. D. E. E assi serue tambẽ de proua para o mais que jà està dito.



Segundo principio.

Neste segundo principio se trata da medida dos angulos que disemos faziaõ os rayos vindo da cousa vista ao olho. E digo que a medida dos angulos se tira das partes

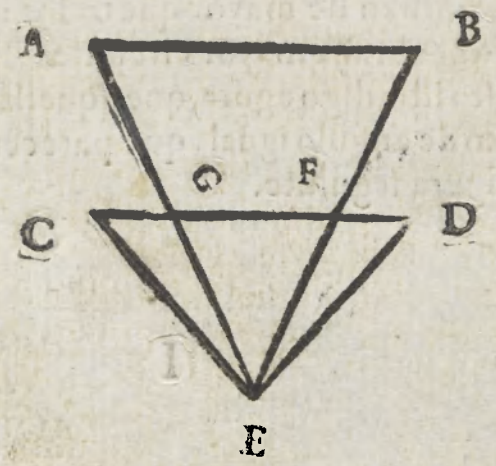
partes da circunferencia, que saõ comprendidas, daquellas linhas que fazem os angulos. Exemplo.



As linhas que fazem o angulo B A C. o qual he angulo recto, abraçaõ mayor roda do meyo circulo D B C. do que abraça o angulo estreito B A F. por onde o angulo B A C. he mayor que o angulo, B A F & cõseguintemente muito mayor que o angulo, F A D. & ambos saõ angulos estreitos. Mas o angulo, F A C. que he angulo largo, ou obruzo he mayor que todos os mais, & a rezão he, porque abraça mayor circunferẽcia que os outros. Presupposto isto, digo agora, que aquellas cousas que se vem debaixo de angulo igual, que parecem iguais, o que se vé na figura seguinte.

O olho he o A. os rayos saõ A B. & A C. os quaes fazem o angulo. B A C. & as grandezas diuerças saõ D E F G H I k L. as quaes saõ differentes & desiguaes, & porque saõ vistas em hum mesmo angulo, que igualmente serue a todas, parecem iguaes.

Outro principio. Aquellas cousas que se vem debaixo de angulo mayor aparecem mayores, o que se declara na figura seguinte.



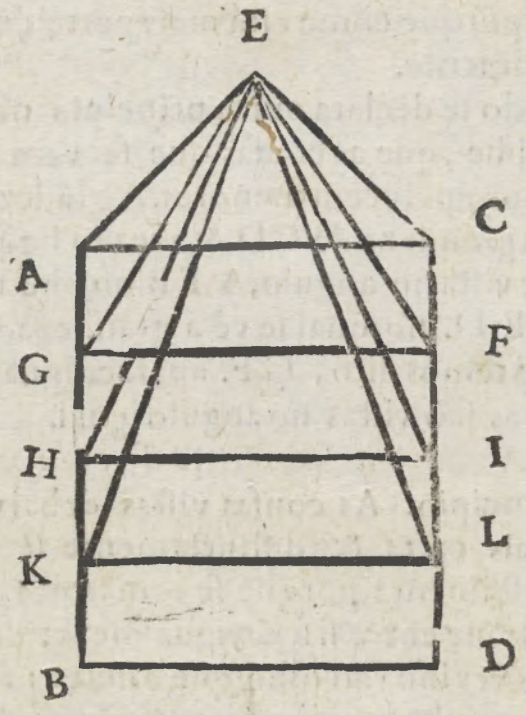
Vedes

Vedes duas grandezas iguaes, A B. & C D. em diuerſos angulos, das quaes hũa apareſcerà mayor que a outra, como C D. aparecerà mayor que A B. porque o angulo de baixo, no qual ſe vè. C D E. he mayor que o angulo, A B E. porque como eſtá mais perto do olho ſe vè mais deſtintamente.

Deſte modo ſe declara outro principio neſta meſma figura, o qual he, que as couſas que ſe vem debaixo do angulo menor aparecem menores. A grãdeza, A B. parece menor da grandeza de C D. & a rezão he, porq̃ a grandeza, A B. he viſta no angulo, A E B. que he menor que o angulo, C E D. no qual ſe vè a grandeza, C D. & polo que aſsima temos dito, G F. aparece igual ao, A B. porque ambas ſaõ viſtas no angulo igual.

Outro principio. As couſas viſtas debaixo de mais angulos, mais certa & diſtinctamente ſe vem. Iſto ſe vê manifeſtamente, porque ſe tomarmos duas grandezas iguaes, que entre ſi ſejão igualmente diſtantes, & hũa ſeja mais vezinha ao olho que a outra: aquella que eſtiuer mais vezinha ſe verà em angulo mayor, que aquella que eſta mais longe. Mas o angulo mayor podeco partir em mais partes, que o angulo menor. Aſsi que a grandeza mais vezinha ſe verà em mayor angulo, que a que eſtà longe, & porque o eixo, ou ponto da pyramido viziua, a qual chega a ſuperficiè da couſa viſta, he mais breue nas couſas mais vezinhas ao olho, que o ponto da pyramide que chega âs couſas viſtas mais longe, por iſſo ſe ſegue, que as couſas viſtas em mais angulos, ſe vejão mais diſtinctas, & mais certas.

Exemplo.



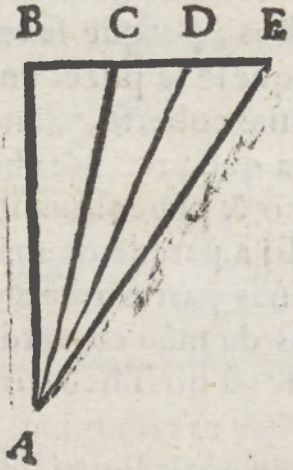
Depois disto se deue aduertir, que as linhas ou outra quantidade igualmente distante, ou alta, ou baixa, ou de lados que seja, pareceraõ ao olho, que querem correr jũtamente, & vnirse quanto mais longe estão do olho. Vede o exemplo na figura atras, aonde não só os lados, A B. & C D. pareceraõ auezinharense, hum ao outro, cõ as partes mais remotas do olho. E. mas antes as linhas. A C. G F. H I. K L. & B D. faraõ o mesmo, assi que o B D. parescera mais vezinho ao k L. que o k L. ao H I. & o H I. mais vezinho ao G F. que o G F. ao A C. porque o B D. se vè em menor angulo, que o k L. & o k L. do H I.

H I. E aſsi o reſtante. Do meſmo modo as partes da linha A B. &, C D. que eſtaraõ mais longe do olho pareceraõ auezinhar ſe mais, que as mais vezinhas, porque os eſpaços que eſtão entre as partes mais remotas, pareceraõ mais vezinhos, porque ſe vem em angulo menor. Donde vem, que ſe ſe puzer em perſpectiua hum clauſtro com columnas cuberto, eſtando o olho no meyo do edeficio, parecera que o tecto ſe abaixa, & o pauimẽto ſe aleuanta, pouco, & pouco: quanto mais ſe vay alongando do olho, & aſsi a parede da mão direita parecera, que ſe auezinha nas partes remotas às columnas da mão eſquerda, & as da mão eſquerda ſe auezinhão â mão direita, como ſe vé no Theorema. 12. de Euclides. E aſsi os eſpaços entre as columnas, pareceraõ mais pequenos, por eſtarem mais longe do olho, de modo, q̃ as couſas altas pareceraõ abaixar ſe, & as baixas aleuantar ſe, tudo iſto naſce dos angulos, com que ſe vem as couſas.

Donde, quando fizerdes algũa Architectura em algum paynel, aueis de tomar o ponto do meyo da quadratura, ou circunferencia, ſendo redondo, & da hy aueis de lançar as linhas direitas às partes de fora, & por onde ellas bornearem, por ahy ficaraõ lançados os filetes, aſsi dos frizos altos, como dos pedaſtaes baixos, entendo os das ilhargas, & não os fronteiros, que eſſes ſe lançõ á vontade de quem faz à Architectura. Mas notay, que eſte ponto muytas vezes he neceſſario que ſe ponha a hũa ilharga do paynel, ou aonde melhor eſteja, mas as linhas ſempre borneaõ delle, & o vaõ buſcar.

Outro principio. Entre as diſtancias iguaes poſtas ſobre hũa meſma linea recta, as que ſe virem de mais longe parecerão menores.

Exemplo.



Sejaõ as diſtãcias iguaes BC. CD. DE. & o olho ſeja A. do qual ſayão os rayos vizuaes A B. A C. A D. A E. & eſteja A B. em angulos rectos ſobre B E. & porq̃ no triãgulo rectangulo A B E. ſaõ iguaes, B C. C D. D E. ſerà o angulo B A C. mayor que o angulo, C A D. & o angulo C A D. mayor que o angulo D A E. logo mayor parecerà B C. que C D. & C D. que D E.

Outro principio. As grandezas iguaes, que poſtas em hũa meſma linea recta, eſtão entre ſi apartadas, parecẽ deſiguaes.

Exem-

Exemplo.

Sejão as grandezas iguaes B C. D E. & o olho seja A do qual sayão os rayos vizuaes A B. A C. A D. A E. & seja recto o angulo, B E A. logo mayor he o angulo E A D. que o angulo, B A C. & por isto E D. parecerâ mayor que B C. donde se segue que as grandezas B C. D E. parecem desiguaes.

E pera que melhor se tenhão estes principios na memoria os epilogey, no modo seguinte, depois de jà estarem prouados.

1 Os rayos que saem do olho vão por linha direita, á cousa vista, & entre si estaõ apartados com algũa distancia.

Aquellas cousas se vẽ donde chegão os rayos vizuais: & aquellas se não vem donde elles não chegão.

As cousas que se vem debaixo de mayor angulo parecem mayores: & as que se vem debaixo de menor angulo parecem menores.

As

As couſas que ſe vem debaixo de igual angulo parecem iguaes.

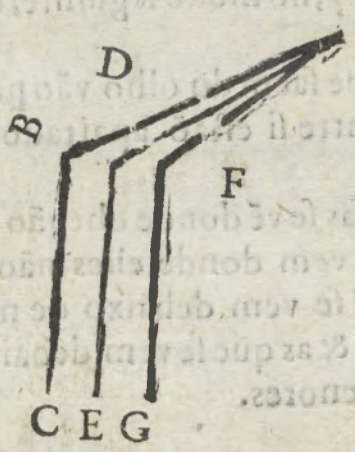
As couſas que ſe vem debaixo de rayos mais altos parecem mais altas: & as que ſe vẽ debaixo de rayos mais baixos, parecem mais baixas.

As couſas que ſe vem com rayos, que dobraõ mais à mão direita, parecem mais direitas. E as couſas que ſe vẽ com rayos que dobrão mais à mão eſquerda, parecem mais eſquerdas.

As couſas que ſe vem debaixo de mais angulos ſe vem mais diſtinctamente.

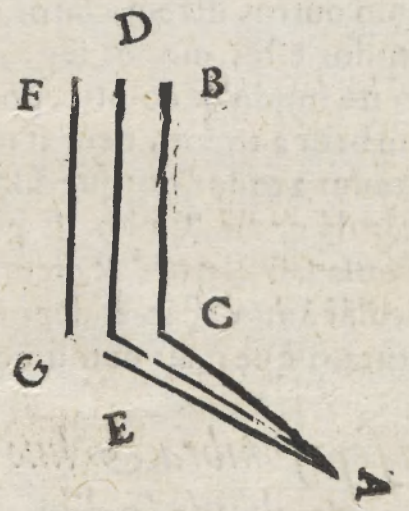
Outro Principio.

Sejão as grandezas iguaes B C, D E, F G, as quaes eſtejão poſtas debaixo do olho, A. & doolho A. ſayão os rayos vizuaes A B. A D. A F. & porque A B. eſta mais alto que os mais rayos vizuaes, logo tambem o ponto B. eſtara mais alto que os pontos D F. & pelo conſeguinte tambem B C. eſtarà mais alto que D E. & D E. mais q̃ F G. pelo que entre as grandezas iguaes poſtas debaixo do olho, as que eſtão mais apartadas parecem mais altas.



Outro Principio.

Entre as grandezas iguaes, poſtas ſobre o olho, as que eſtão mais apartadas pareſcem mais baixas. Sejão as grãdezas iguaes, B C. D E. F G. as quaes eſtejaõ poſtas enſima do olho A. & do olho A. ſayão os rayos vizuaes A C A E. A G. & porque A G. eſtà mais baixo que os mais rayos viſuaes, logo o ponto G. mais baixo eſtará que os mais pontos, & por iſto F G. parecerà mais baixo que D E. & D E. mais que B C.



K AR.

ARTE DA PINTVRA.

PIntura, comc diz Plinio, he huã repreſentação da forma de algũa couſa, lançadas certas linhas, & traças. Eſta ſe tratarmos do modo de colorir, & tratar as cores, tem tres partes, conuẽ aſaber, pintura á olio, pintura à tempera, pintura em pergaminho, quechamão illuminação, & ainda a pintura á tempera ſe diuide em pintura a freſco. Mas ſe tratarmos, quanto aos liniamẽtos & traças, he hũa ſó couſa, porque em todos eſtes modos ſe guardão os meſmos claros, eſcuros & meios eſcuros, ou como outros dizem, claros, mea tinta, & eſcuros, & em todos eſtes modos ſe guarda o meſmo dibuxo, ſô varião no modo de colorir, porque nem todas as cores ſeruem bem a todos, nem o modo com que ſe acentaõ he comum a todos, porque differente he o olio, da cola, & a cola da goma, & olio. E porque melhor ſe entenda, que couſa ſaõ claros, & eſcuros, & mea tinta, façamos particular annotação, & depois trataremos dos modos da pintura, o que mais comũmente ſe vza.

Que couſa ſeja ſombra, & lux na Pintura, & donde ſe dão.

Daniel Barbaro, tratando eſte ponto diz, que as ſombras na pintura naõ ſaõ outra couſa mais, que falta de luz, porque aonde a luz dà & fere, ſempre alli eſtà mais claro, & aonde ella vay faltando, logo as ſombras ſe vão ſeguindo, pouco, & pouco. E pera melhor ſe iſto deixar entender, ſe aduirta, que todo o Pintor, que quizer acertar, ha de ver primeiro de tudo, donde dá a luz na figura,

ſe

ſe vem da janella, ſe vem de ſima, ſe vem de baixo, ſe he fronteira, ſe he de candea, & ſe ſaõ mais luzes, porque então a mayor luz he a que ſe guarda. E vendo primeiro donde he a luz, verà que todos os altos da figura ſaõ claros, & neſtes ao colorir, ſe ha de pôr a cor mais clara, & logo a mea tinta, que ſerà eſtà clara com algũa outra que à aſombre, & nos eſcuros ſeruirà a meſma mea tinta com outra, que a eſcureça mais, & ſe for neceſſaria outra mais eſcura, para os mais fortes, aonde de todo falta a luz, tambem ſe lhe aplicará: & para que iſto melhor ſe entenda da luz, ſe pode fazer experiencia de noite á candea, aonde ſe verà claramente o que he luz, & o que he eſcuro: & ſe o Pintor guardar eſta ordẽ, em breue tempo alcançarà o que há neſta arte, pera ſaber releuar bem huã figura, & que pareça ſendo pintada, que he de vulto.

Tem eſta regra hũa exceição, que nos corpos eſphericos, & redondos naõ ha luz de todo clara em todos elles, bate ſò em hum ponto, & logo ſe vay deminuindo. aſsi como ſe vay fazendo o redondo, até que bate em hum forte, & eſcuro muito eſcuro; & a rezaõ he, porque como he eſpherico vay logo a luz faltando a hũa, & outra parte quando he fronreyra: mas ſe he de hũa ilharga, daquella donde dá a luz ſempre he mais clara, & dõde falta, mais eſcura. E porque diſemos, que a pintura conſtaua de certas linhas, & traças, ſerà bẽ dizer do liniamento de hum corpo humano, para ſe verificar a definição.

SYMMETRIA.

Das partes, em que se deuide hum corpo humano, na Pintura, & Escultura.

SYmmetria nome Grego, quer dizer porpossaõ conueniente, que há nas partes, & membros humanos. Autor della (como diz Plinio, *lib.* 32. *cap.* 8. foy Polycleto. Trataraõ desta arte Alberto Dureiro, em quatro liuros que compos de Symmetria. Ioaõ Darfe no liuro que fez de Geometria, Daniel Barbaro na oitaua parte de sua prespectiua, *cap* 1. Vitruuio, *lib.* 3. *cap.* 1. E o que delles tirey mais necessario, he o seguinte.

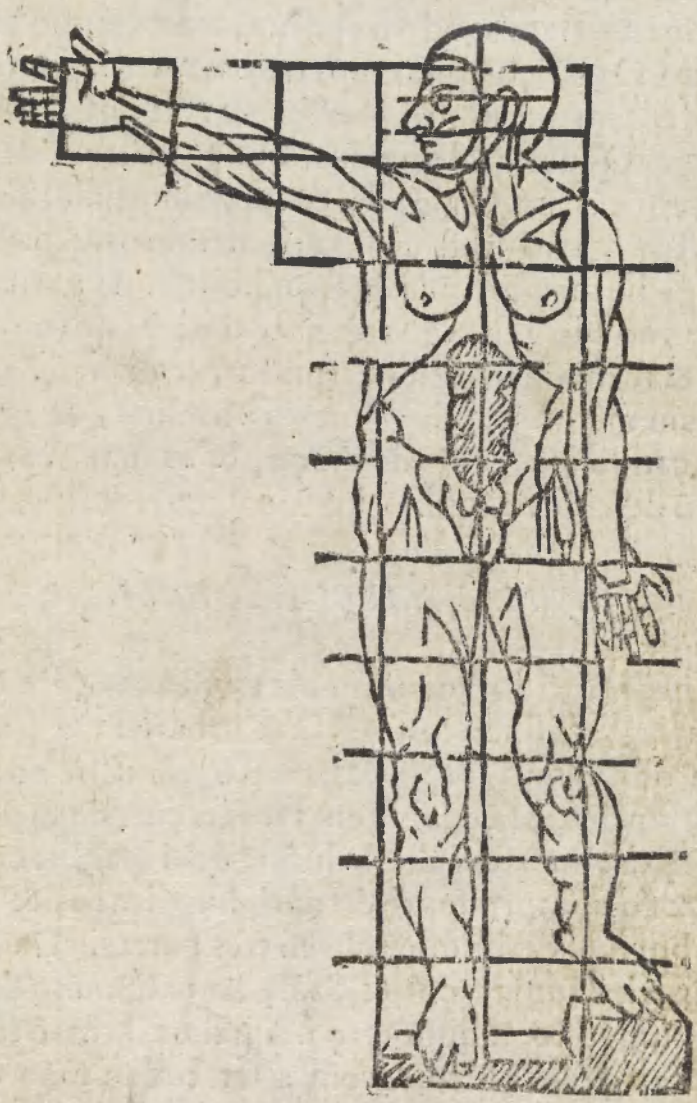
Symmetria de Ioão Darfe.

Terà toda a figura dez rostos. O rosto se entende, do nascimento do cabelo da testa, atè a ponta da barba, & não se conta mais hum terço que vay por sima da testa. Destes dez rostos, os sinco primeiros chegaõ atè o nascimento das pernas, & os outros sinco vaõ atè a planta do pè. De largo tem dous rostos de costado a costado, & saem os hombros de cada parte hum terço. Cada braço tem de cõprido quatro rostos até a ponta do dedo mayor, começando do souaco, por onde fica, que estendidos os braços ficaõ os dez rostos, com os dous que hà de costado a costado. Do imbigo atè a ponta do dedo do braço estirado, vem a fazer na ponta do dedo polegar do pè hum redondo perfeito. O pescoço tem dous terços de rosto em largo, & em comprido hum terço, des da orelha atè a gargauta. A orelha tem a altura do naris. Da ponta do cabello atè a sobrançelha tem hum sexto. Da sobrançelha até a maçã do rosto tem hum

sexto,

ſexto, que tem de alto cada olho, & neſte direito fica o ouuido. Do naris à boca hà hum terço de terço. Da boca á barba hà dous terços de terço.

Exemplo.



Nos roſtos, & porporçaõ das molheres ſe guarda a meſma medida, que nos homens (diz o meſmo Autor) tirado, q̃ a teſta ſerá deſcuberta, & liza, & os olhos mais deſuiados, de maneira, que hajá entre hum & outro hum ſexto atè os lagrimais. Seraõ grandes, mas não muy abertos, & as ſobrançelhas não muito largas. O naris não ſeja delgado, nem agudo na ponta, nem rombo, ſe não em meio. Os beiços apertados ſem fazer força. As faces redondas, ſem que moſtrem oſſo. O roſto mais cõprido que largo. Os peitos deſuiados, que entre hum & outro fique hum eſpaço. O alto do corpo, comojá diſſe, tem dez roſtos, & não moſtra oſſo nos membros. As ancas & a barriga he mais crecida que nos homẽs. As pernas groſſas que vaõ adelgaçando atè fazer o pè pequeno, cujos dedos & forma haõ de ſer carnudos, & os braços, nem mais nem menos groſſos, a par do hombro, & que vão adelgaçando até o colo do braço, & as mãos carnoſas, que naõ deſcubraõ oſſo.

Symmetria dos Meninos.

A porproçaõ dos meninos de tres annos (diz o meſmo Autor) tem ſinco roſtos. Hum da barba até o alto da cabeça, os dous no corpo, & os outros dous nas pernas. Cada hum deſtes ſe deuide em tres terços; da ſuperficie da cabeça à ponta do cabello hum: dahi ás ſobrançelhas outro, & ao comprimento do naris hum ſexto, & outro ſe dà â boca, & barba diuidido en tres partes. Da barba aos peitos há dous terços, & da hy ao naſcimẽto das pernas há hum roſto, & hum terço. A palma da maõ tẽ hum ſexto, & os dedos outro, & vem a ſer toda a mão de hũ terço. Do colo do braço ao cotouelo ha dous terços, & da hy outros dous ao ſouaco. As coixas de largo tem hũ

terço

terço & ſexto. A carne ſerà roliça & branda, & não moſtra oſſo nenhum, ſenão hũas arrugas fundas, & pelo alto muito carnoſas, & deſtas eſtà hũa em cada coixa ao primeiro terço debaixo das nadegas, & outra na curua, & outra na garganta do pè. Nos braços tem outras arrugas nos collos, & nos coteuelos, & giolhos fazem huns buracos em que muito mal ſe detrimina no meyo delles os oſſos daquellas partes O peſcoço he de ſô duas arrugas, huã que vay por junto das orelhas, & outra hum quarto de terço, mais abaixo. Eſtes membros ſaõ todos redondos, & faciles de mouer. Exemplo.

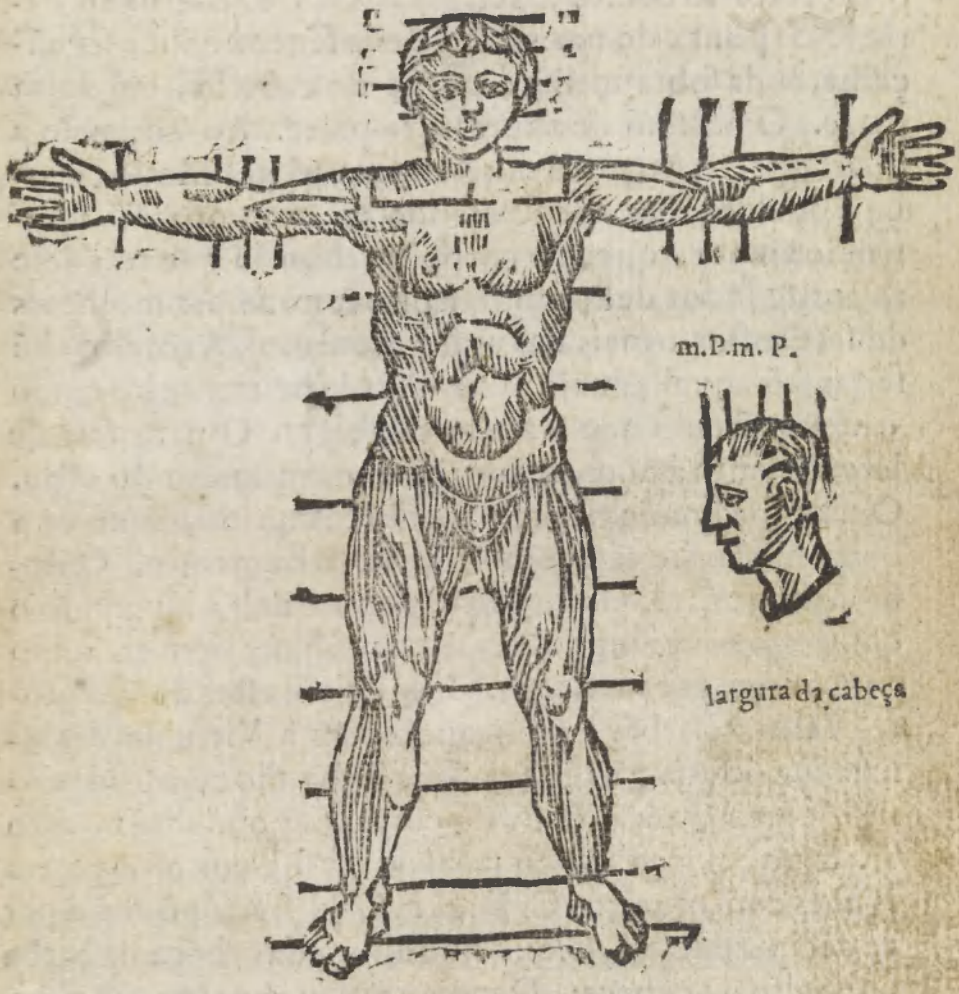
Syme-

Symmetria de Daniel Barbaro.

Daniel Barbaro no lugar aſima alegado, vza de outro modo de liniamentos do corpo humano, & mais faciles & ſaõ os ſeguintes. Hum roſto reparteo em quatro dedos polegares, chama dedo polegar, da ponta da vnha do polegar atè o nó do naſcimento do meſmo dedo. Deſtes dâ hum ao cabello, do alto atè o deſcobrir da teſta. Dahy outro atè o alto das ſobrançelhas: Dahy outro até a ponta do naris, & dahy outro atè a ponta da barba. Dahy até o naſcer das tetas da hum roſto. Dahy ao alto do imbigo outro roſto. Dahy ao meyo das coixas outro roſto. Dahy ao meyo das rodelas dos giolhos outro roſto. Dahy ao meyo das canellas outro roſto. Dahy ao alto do tornezelo outro roſto. Dahy atè a plãta dous dedos polegares. Depois vindo aos braços, faz de eſpadoa a eſpadoa, aonde jogão os braços dous roſtos, & dahy hum roſto, & hum dedo polegar ao jugar do cotoue lo, & dahy ao jugar da mão outro roſto & polegar, & dahy à ponta do dedo do meyo outro roſto. A largura da cabeça tem tres polegares na forma que eſtà eſtampada.

Exem-

Exemplo.

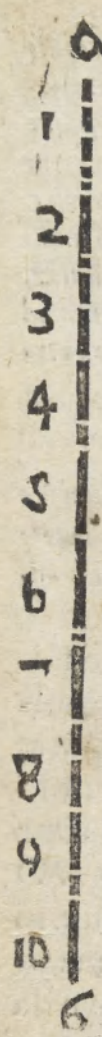


Symmetria de Vitruuio.

Vitruuio, *lib.3.cap.1.* Diz que de tal modo he cõposto o corpo humano, que da ponta da barba até onde feneçẽ os cabellos he a decima parte do corpo. Do alto do peito onde feneçe o pescoço

atè o cabello he a ſexta parte. Da ponta da barba até o alto da cabeça oitaua parte. E da meſma ponta da barba até o mais alto do cabello a quarta parte. O comprimẽto do roſto ſe deuide em tres partes. ſ. Da barba ao naris,& da ponta do naris aonde elle fenece com a ſobrãçelha,& da ſobrançelha à ponta do cabello, em outra parte. O pé tem de altura ſexta parte. Ao coteuelo a quarta parte. Ao peito outra quarta parte. Mario Equicola de alueto lib. 2. declarando em ſerta ocazião a Vitruuio ajunta, que ſe o corpo he robuſto que terà ſete roſtos,& ſe for delicado terà oito & noue. As molheres de ſete roſtos o mais das vezes,& atè oito. As orelhas bẽ feitas ſaõ aquellas cujo meyo circulo he tamanho como o meyo circulo que faz a boca aberta. O naris ſerá de largura junto á boca, quanto he o comprimẽto do olho. O naris ordinariamente ſe faz tão comprido, como he a boca. A mão he tão comprida como hum roſto. O imbigo he o centro do homem, porque dahy lançando o compaço aos braços abertos, vem a fazer hum redondo com os peis eſcanchados. Iſto dizem eſtes dous Autores. Daniel Barbaro explicando mais a Vitruuio, diz aſſi na ſua octaua parte. Seja hũa linha tão comprida como quereis fazer a altura do corpo, & pondelhe no alto A. & no baixo B. Logo parti eſta linha em oito partes iguaes com os põtos C. D. E. F. G H I. & ſopõde q̃ á parte decima entre A. C. que he a altura da cabeça, da barba atè o alto da cabeça: Depois tornay a partir a meſma linha em dez partes iguaes cõ ſeus numeros, 1. 2. 3. &c. Depois abri o compaſſo, quãto he adeſima parte da linha deuidida em dez partes,& pondo o pê no ponto C. aonde he a barba,& voltando o outro pé para onde eſtà o A. faço o ponto O. aſsi que o eſpaço que fica entre C. O. he a decima parte de todo o corpo, & he o eſpa-

ço



ço da barba atè a raiz do cabello, donde he o alto da testa. Depois parti a linha A.B. em seis partes iguais, & tornay hũa dellas do ponto O. para a parte do B. & ahy notay k. aonde se acha o alto do peito, & desta ao alto da testa aonde está o ponto O. será a quinta parte da altura do corpo, & assi se compoẽ o texto de Vitruuio, q̃ diz a quarta parte. Alem disto parti o espaço entre o põto C. & o ponto O. em tres partes iguaes, & a decima day à testa, á do meyo ao naris, a debaixo do naris à barba, & assi se reparte o corpo humano. O pè he a sexta parte da altura: & o cotouelo a quarta, põdo o comprimento da mão. O peito cõseguintemente a quarta, comprendendo o peito debaixo, porque da altura do peito donde está o ponto k. a altura da cabeça donde está o ponto A. he a quinta parte, & assi deste modo diuide Vitruuio o corpo humano. Atè aqui he de Daniel Barbaro.

Symmetria de Alberto Dureiro.

Alberto Dureiro no primeiro liuro de sua Symmetria na figura B. segunda, me pareceo mais conueniẽte, & melhor que todas as mais que vza. A sua repartição não se deixa bem entender, & porque claramente se veja, a porey em latim assi como está na sua tradução de lingoa Todesca em latim, & he a seguinte.

Ita longitudinem membrorum metieris. A syncipite quod breꝙma dicitur vsque ad medij iuguli summitatem vna pars esto decima, & vna vndecima. Ad summos humeros duæ partes. 11. *Ad imum mentum vna pars.* 7. *Summitas*

verticis media est inter sinciput, & frontem. A mento vsque ad radices capilli vna decima Hanc si partitus fueris intria aqualia spatia, primum frontem, secundum oculos & nasum, tertium os & mentum designabit. A iugulo vsque ad summum pectus vna. 30. sub alas vna. 3. Ad mammas vna. 10. Infra mamas vna [illegible] duæ. 11. A lumbis ad vmbelicum vna. 40 Sinus coxarum vna. 30. imas coxendices vna. 10. Pudenda vna. 8. extremam glandam vna. 6. imas nates vna decima & vna 11. Ab imis natibus vbi vsque fœminaquasi sulcantur, id est, ad medium femur vna. 18 A planta ad imum talem vnr. 28. A planta ad montem pedis vna. 10. E genu medio vsque supra illud esto vna. 21. Infra vero vna. 40. Ad imam suram exterius duæ junto. 19. Interius vna. 8.

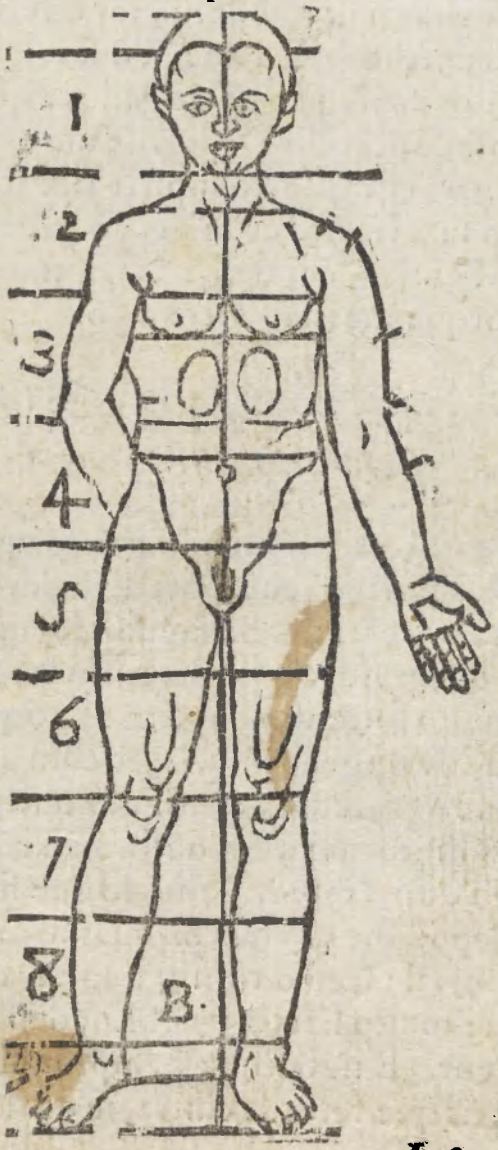
Mensura brachij.

Ab humero enim vbi illius caput ad iugulum annectitur ad cubitum vsque, duæ. 11. Cæterum ab humero ad imos masculos vna. 10. A cubito ad extremos vsque digitos vna 4. Ab extremis digitis retio ad extremam manum vna. 10 Etsi in vnam 9 produci non est inconcinnum si cui forte ita libeat.

Ate aqui he de Alberto dureiro. Mas eu vzando da licença que elle dá aos que quizerem repartir as suas figuras de outro modo reparto assi a sua segunda figura. Faço a figura toda em noue rostos. O primeiro da ponta do cabello a ponta da barba. O segundo da ponta da barba ao souaco. O terceiro do souaco ao alto do imbigo. O quarto do alto do imbigo ao baixo da barriga. O quinto do baixo da barriga ao meyo das coixas. O sexto do meyo das coixas ao giolho. O septimo do giolho ao meyo da barriga da perna. O oitauo do meyo da barriga da perna ao alto do tornezelo. O nono do alto do tornezelo à planta, com hum terço que ficou por sima do cabello fazem os noue rostos. De largura de hombro a hombro pelo perfil defora tem dous rostos. O rosto reparto assi, como o reparte Ioão Darfe. Depois dou ao pescoço hũ terço. E do alto das mamas ao baixo dellas outro terço. Da cintura ao nascer das coixas hum terço. Do alto do tornezello ao mais baixo delle meyo terço. E dahy â planta hum terço. Depois vindo ao braço lhe dou tres

rostos

roſtos atè o colo da mão: & o roſto que fica em meyo re parto em duas partes, & o meyo dellas he o cotouelo, & dou a metade para ſima, & a metade para baixo. A mão tẽ hũ roſto, & aſsi reparto tãbẽ as molheres cõ as aduertẽcias de Ioão Darfe jà referidas. Não ponho aqui a repartição que faz dos meninos, porque melhor he a de Ioão Darfe. Exemplo.



Synciput ſummũ
vertex
frons
oculos.
naſus
os
mentum
ſummi humeri
juguli
pectus
ala
mamma
infra mamas

lubi vbi cingimur
vmbelicus
ſinus coxarum
coxendices
pubes
extrema glãs
extrema nates
medium femur

ſupra genu
medium genu

imũſura exteriora

imũſura interioris

mons pedis
imũ tali exterioris
planta.

Nomes

Nomes das tintas que ſe laurão a olio.

As tintas que ſe vzaõ a olio ſaõ eſtas. Aluayade, Vermelhão, Verdete, Zarquão, Sinopera, Genolī, ou como outros dizem, Machim, Maſicote, Sombra de cintra, ou de oſſo queimado, Cinzas, Ocre claro, Eſmalte, Ocre eſcuro, Lacra, Coconilha, pretode Frãdes, ou Carmim, Verdacho, terra roxa, Almagra, Ialde. Todas eſtas ſe moem na pedra, ſaluo os azuis que ſaõ delgados, que na paleta com o olio ſe concertão. Depois de moydas para eſtarem freſcas, para em todo o tempo ſe laurarem, ſe poraõ na agoa em ſuas vieyras cubertas cõ papel o Aluayade, Zarquaõ, Maſicote, Vermelhão, as outras ſe cubrirão muito bem, porque lhes não entre o pò.

Modo pera aparelhar pano, & madeira pera a pintura.

Primeiramente, os payneis de pao ſe aparelhão na forma ſeguinte. Tomaraõ cola feita de baldreu, que he pelle de luuas, os retalhos dellas coſidos muito bem, a agoa que fica delles depois de deſfeitos he a cola, eſta que não ſeja muito forte day duas mãos no paynel. Depois de enxuta, tomay geſſo moydo, & com a cola fazey hũa lauadura, ou agoarelha, & aſsi day outra mão, depois de enxuta lhe tornay a dar outra mão cõ mais geſſo, depois de enxuto o raſpay, de modo que fique muito lizo & igual, depois lhe day hũa ou duas mãos de imprimidura, & depois de ſeco o tornay a correr com lixa de modo que fique muito lizo, & igual. Logo dibuxay & colori de morte cor. E notay que a imprimidura não he outra couſa mais que terra de cintra, ou qualquer outra

cor

cor baixa moyda com olio & leuarà ſeu ſequante: & que couſa ſeja ſecante ſe dirà em ſeu lugar. Os panos ſe aparelhaõ aſsi. Tomay hũa grade & nella eſtiray o pano muito bem & o pregay, depois lhe day hũa mão de cola fraca, & depois de enxuto ſe for neceſſario outra mão de cola para tapar melhor, tambem ſe lhe pode dar. Depois tomay a imprimidura, & cõ a faca, ou com hũa colher de pedreiro pequenina a yde acentãdo, mas melhor he com a faca, porque leua diante de ſi todas as areſtas que tem o pano, depois de enxuta lhe day outra mão que fique bem cuberto o pano, & depois de enxuto, o correi com hũa pedra pomes de modo que fique muito lizo, & ſem nòs, logo debuxay & colori de morte cor. Chamaſe morte cor a primeira cor que ſe dà na figura, porque ſempre morrẽ as cores, & aſsi he neceſſario darlhe depois de bem enxuto auiua cor, com cores bẽ moydas & boas. Outros aparelhaõ os panos difer entemẽte mas eſte he o melhor modo porque não quebra, nem eſcaſca a pintura como fazem os Romaniſcos que à conta de os Pintores pintarem muito mimoſo fazem muito grã de codea, & logo o pano eſcaſca com qualquer mao trato.

De todo o modo de ſecante.

O ſecante ſe faz de muitos modos, & alguns não ſeruẽ ſenão a certas tintas. O ſecante de pedra hume he ſó para o jalde quando ſe vza a olio, & façe deſte modo. Tomay a pedra hume & queimaya em hũa telha, & depois de queimada tomay aquelle pò, & miſturay o com o jalde & ſeja de modo que não faça perder a cor do jalde, & conforme a quantidade da cor podeis tomar a pedra hume. Outro ſecante ha para o preto, eſte he o verdete ſomente

ſòmente moydo & miſturado com o preto na paleta. Outro ſecante ha de vidro que ſerue para a lacra, faſſe deſte modo. Tomay o vidro em pedaços & botayo no fogo até que ſe faça bem vermelho, & ſe queime bem, depois quando moerdes a lacra depois de terdes tira da toda a lacra com o colhedor da pedra naquella que ficar ſem alimpardes a pedra botay o vidro jà queimado & moei muito bem, & ficará jà de algũ modo parecẽ do lacra, eſte miſturay na paleta com a lacra, & he muito bom ſequante. Tambem na lacra he bom ſequante hũa pontaſinha de zarquão. Ha outro ſecante de fezes de ouro para todas as cores, que he o melhor, & faſe deſte modo. Tomay as fezes douro moydas, & atayas em hum paninho, & logo ponde o olio em hum pucaro a feruer & lhe metey dentro as fezes aſsi no pano, como der hũa feruura tiray o olio, & de dentro o pano, & o olio que fique he o ſequante limpo, eſte quando laurais molhai o pincel, ou miſturay, & he bom ſequante. E ſe não quizerdes cozer o olio tomay as fezes douro moydas, & à noite botay em hũa vieira o olio que aueis de gaſtar ao outro dia, & nele botay hũs pôs das fezes, & fica eſte olio pela manhã muito bom ſequante & muito limpo. E não façais muito, porque logo ſe faz graxo.

Modo de vzar o jalde a olio.

Tomay o jalde que tenha boa cor bẽ amarela, & dourada, & mocloeis com agoa clara muito bem moydo, depois de enxuto. o tornay a moer a olio, & vzay delle tal nos claros com ſeu ſequante como fica dito. E para as ſombras vzay delle deſte modo. Tomay o jalde em pedra aſsi como o comprais, & queimayo no fogo em hum colher de ferro, ou em hum teſtinho, & ſeja ſobre brazas

ſem

sem fumo,& como fizer fio como mel então está jà queimado,depois o moei muito bem com agoa,& depois de enxuto o vzay com olio por sombra do outro jalde, & se quizerdes asombrar mais, misturay lhe terra roxa, que tambem a sofre,& Lacra,& preto para os fortes.

Modo de vzar o Espalto.

Tomay o Espalto & põdeo em hum pequeno de olio ao fogo,& como estiuer brando dailhe quatro voltas na pedra & fica moydo. Este se vza nos escuros dos encarnados depois da figura enxuta,como quem regraxa.

Modo de fazer verdes.

De Verdete & Aluayade se faz verde,& na paleta se concerta para os claros & escuros,& mea tinta. Outro se faz de Cinzas,& Masiquote. Outro se faz de Verdete, & Machim,ou Masiquote,& na paleta podeis fazer os claros & mea tinta,& escuros,ou ajudando com Aluayade os claros,ou com preto os escuros. Os verdes para tẽpera,& illuminação se dirão em seu lugar.

Modo de vzar o Aluayade,& Cinzas.

O Aluayade se moe primeiro muito bem com agoa clara,& depois de enxuto se moe a olio de nozes. As Cinzas se vzão com o mesmo olio,& para boas se hão de lauar primeiro,como diremos na illuminação aonde se ha de ensinar a lauar as cores.

As mezclas das cores como se fazem.

Primeiramente,o Rosado se faz de Aluayade & Lacra.

O Pombinho se faz de Aluayade & Lacra,& Cinzas, & na paleta se vay fazendo a vontade. A purpura se faz deste Põbinho,& depois lhe misturão mais Cinzas.Dos verdes já fica dito.O encarnado se faz de Aluayade, & hũa ponta de Vermelhão.Os encarnados rusticos se fazem com Aluayade,& Zarquão,& hũa ponta de sombra de cintra.O pardo se faz de Ocre claro, & sombra de cintra.Todas estas cores serão concertadas na paleta à vontade do que as laura.

Sombras pera os rostos.

Osso queimado & moydo com agoa,& depois de seco moydo a olio he sombra para rostos mimozos. Tambem para rostos mimozos se faz sombra com Cinzas & a mesma encarnação. Tambem se faz outra sombra com Ocre claro & preto de Frandes.Tambẽ Verdacho faz muito boa sombra. Pera os rostos rusticos sombra de cintra com a encarnação que já fica dita assima. Tambẽ o preto Lapis com a encarnação faz hũa sombra graciosa para rostos mimosos.

Pera fazer olio graxo.

O olio graxo serue para polimento,& para mordente,& fasse assi Ponde o olio ao sol atè que engrosse, & faça fio como mel,& logo então está graxo, porque o ser graxo não he outra cousa senão engrosarce.Pera se fazer com breuidade,tomay o olio & pondeo ao sol em vazos pequenos para que sendo pouca cantidade mais depreça o penetre o sol, & antes de o por lhe botay fezes de ouro em pó,ou hum pequeno de Zarquão moydo, & logo se faz graxo,& ao tirar não venha misturado o Zarquão

quão senão o olio limpo,& assi o vzay no polimento.

Como se faz o polimento.

Tomay o Aluayade muito bem moydo com agoa, & depois de enxuto o moey com olio graxo muito bem moydo,& logo na pedra podeis fazer o encarnado como vos parecer. Tereis a figura aparelhada como se custuma,digo engessada pulida & imprimada, & os encarnados dados cõ encarnação leue, para que depois asente bem o polimento. E quando asentardes o polimento que ficarà sobre o grosso como maça o asentay cõ hũa brocha assi rudemente, depois para o pulir tereis hũa tes de couro de luuas muito delgado demolho em agoa, & fazendoo a modo de dedo de luua no mesmo dedo, ireis estendendo a tinta ou polimento,& assi o ireys polindo,& quando o couro pegar molhay com cospinho leuemente,& com o mesmo olio tereis moydo o Vermelhão com hũa ponta de Lacra para dar nas faces, & na boca, mas aduerti que sempre o beiço de sima ha de ser mais vermelho. Depois abri os olhos ao pinzel, & as sobrançelhas.

Para purificar olio de linhaça pera o Aluayade, & azuis.

Tomay olio de Linhaça, & pela manhã lhe day hum olho de sol,& logo lhe botay hum pequeno de Aluayade moydo & deixayo assi estar atè o outro dia,& entaõ o vzay. De outro modo. Tomay hum vazo que seja furado por baixo com hum torno delicado que se possa tapar & destapar,botailhe o olio com agoa da fonte,& batey isto

muito bem & deixay aſentar o olio q̃e fique por cima como azeite, depois leuemente tiray o torno que ſaya a agoa, & tanto que comeſſar a ſayr o olio fechay, & iſto fa..ey tres ou quatro vezes & ficarà o olio muito purificado, & que ſe poſſa vzar muito bem. Quando quizerdes fazer Aluayade que ſe poſſa vzar como com olio de nozes, moei o Aluayade na pedra muito bem com agoa & depois lhe botay o olio de Linhaça, & vereis, que indo moendo, a agoa ſe vay ſaindo para fora, & fica o Aluaya deſtô com o olio que pareçe purificado.

Modo de regraxar.

O que quizerdes regraxar fareis primeiro com branco & preto, mas os altos ſejão bem brancos, & os pretos bem pretos. Depois de enxuto & ſeco tomay o Verdete muito bem peneirado & moydo a olio, & podeis regraxar deſte modo. Tomay hũ pano de linho muito brando, & pondelhe hũ pequeno de algodaõ, & depois fazey hũ modo de pinzel de ſorte que fique o algodaõ de dentro do pano, & que não roſſe a pintura, & aſsi ide eſtendendo o Verdete, que logo vereis os claros em verde claro, & os eſcuros em verde eſcuro. O meſmo ſe faz tambem com a Lacra. Mas aduirti que leue ſeu ſequante para que enxuge depreſſa. Podeis tambem aſentar a tinta ao pinzel, que ſeja algum tanto rala, & depois com hũa brocha grande ſoluer tudo muito bem que fique bem vnido.

Modo de fazer Cambiantes.

Os Cambiantes ſe fazem de muitos modos. Hum deſles he fazer os altos de Maſicote, & a mea tinta de roza-

do,

do,& os escuros de Lacra. Doutro modo. Os altos de rozado,& a mea tinta de purpura clara, & os escuros de purpura escura. Outro modo. Os altos de rozado, & a mea tinta de verde claro,& os escuros de verde escuro? & assi se podem fazer quantos quizerem com duas tintas,a mais clara nos altos , & a mais escura fazela clara para mea tinta,& deixar essa mesma escura para os escuros.

Azul Vltramarino como se laura.

O azul Vltramarino , como he tão caro não se vza muito,& por tanto se não sabe o vzo delle tão facilmẽte. Quem o quizer vzar ha de laurar primeiro as roupas, ou o que quizer com azuis de Castella,Cinzas & depois de enxuto ha de laurar por sima o Vltramarino, que como he muito delgado se se vza sò não cobre bem,porque não tem corpo.

Como se faz mordente para dourar.

Tomay as cores baixas que quizerdes muito bẽ moydas a olio,& depois tomay em hũa colher , ou pucaro o olio conforme á quantidade que quereis fazer,& botãdo dentro as tintas muito bem moydas poreis ao fogo o pucaro atè que se cosa bem , & se lhe botardes hum pequeno de vernis tanto melhor, depois o guarday , que quanto mais velho melhor he. Tambem se faz das sobras das tintas da paleta,& daquellas peles feruidas em olio & coado por hum pano grosso. Quando tratarmos dos modos de dourar , la trataremos como se poem o Mordente,& aonde.

Pera perfilar.

Depois de terdes debuxado o que quereis, coſtumaſe a perfilar, principalmẽte os encarnados cõ sõbra, & hũa migalha de preto, & outra de Lacra ou Cochonilha.

Quando ſe ouuer de fazer algum paſſamane que pareça de ouro ſe perfilara primeiro todo o debuxo cõ Almagra & Zarquão, & depois de enxuto ò retocarão cõ Maſiquote dourado nos altos, & aonde dà a luz.

Pera fazer hum veo branco que cubra cabellos, ou o que quizerem depois da figura enxuta a banhay cõ olio & alimpay brandamente, depois ide perfilando o veo cõ branco, & com hum pincel ſeco ide ſoluendo, & aonde for neceſſario retocar com mais branco ſe pode logo retocar.

Pintura á tempera.

A Pintura à tempera não ſe differença da Pintura de olio mais que em ſer a cola, & em algũas cores que ſe não vzão a olio, como he verde bexiga, & outro verde eſcuro de Anil, & Ialde, & ainda o montanha. Differençaſe tambem no aparelho, porque não leua imprimadura, & para que ſe veja o modo de vzar as cores ponhamos o aparelho que ſe coſtuma a vzar.

Como ſe aparelha o pano, ou madeira.

Tomay o pano, & pregayo em hũa grade muito bem eſtirado, depois lhe day hũa mão de cola, naõ forte, nẽ muito branda ſe não que cubra dalgum modo, & ſe leuar

hum

hum pequeno de aluayade, como lauadura, ou aguarella ficara melhor, logo debuxay & colori com as cores que quizerdes. A madeira se conserta, nem mais, nem menos assi como diçemos para pintar a olio, senaõ que naõ leua imprimidura senaõ sobre o branco se debuxa, & quando colorirdes o pano aduerti, que se depois de enxuto for necessario realçar, que para o pano tomar bem a cor que lhe tornais a por, que o molheis leuemente pelas costas, que entaõ se vne hũa cor com a outra muito bẽ: assi como tambem quando pintais a olio, & quereis por algũa cor que fique melhor aueis de esfregar à parte que quereis realçar com hum pequeno de olio, porque tambem assi fica vnido.

Modo que se ha de guardar no campir do paynel.

Primeiramente depois de coloridas as figuras que ouuerem de estar no paynel se começaraõ os pertos, & logo os longes, & logo o Orizonte, & os ceos. Nesta forma. O primeiro monte, que saõ os pertos se custumão a fazer com branco & Ocre, escuricidos com roxo, ou sombra de cintra, os fortes mais escuros com sombra de osso, os altos se podem realçar com Masiquote misturado com branco aonde dá a luz. As cidades encarnadas realçadas com branco aonde dá a luz: escurecidas com preto. ou pardo, & roxo misturado tudo.

O segundo monte será de verde claro escurecido cõ verde mais escuro, ou com purpura, que he a Sinopera misturada com azul, & branco. As aruores do segundo monte seraõ azuis, os realços verde claro. As cazas de purpura clara escurecidas cõ outra mais escura. As janellas & portas de purpura bem escura.

O ter-

O terceiro monte ſerá de azul & branco realçado cõ algum verde bem claro, eſcurecido cõ purpura clara, as aruores ſeraõ de azul & branco muito claras, & aſsi hão de ſer as cazas bem realçadas com branco.

Nos ceos ſerà o Orizonte de Maſicote, & branco, ou com Sinopera & branco bem claro, logo azul claro tudo banhado como que naçe do Orizonte, logo outro azul mais eſcuro, que naça hum do outro. E as nuues ſeraõ de branco, & cõ purpura eſcurecidas. Iſto he o mais comũ: agora fica ao aluedrio do Pintor pintar as nuues, & tudo o mais como melhor lhe parecer.

As aruores do primeiro monte ſe hão de meter primeiro de preto eſcuro, & logo ſuas folhas eſcuras pela banda de fora com verde & ſombra de oſſo, outras folhas ſecas de Machim por fora com roxo almagra. Depois deſta aruore ſeca ſerá banhada toda com verde, & logo lhe faraõ hũas manchas nos altos com verde & brãco, & enſima deſte verde & branco vaõ abrindo as folhas com branco, ou Maſicote, ou cõ outro verde & brãco mais claro. E iſto he o comum.

Modo do colorir em comum.

A ordem que ſe guarda ordinariamente he eſta. As encarnações, branco com hũa ponta de Vermelhaõ, & outra de Lacra, as ſombras à meſma encarnaçaõ cõ qual quer das ſombras que jà ficão ditas em ſeu lugar, & aonde ouuer de ſer eſcuro a meſma ſombra ſerue ao aluedrio do Pintor. As encarnações robuſtas Zarquaõ & brãco, ou roxo & branco, as ſombras todas ſaõ hũas. Os cabellos Machim & branco eſcuricidos cõ ſombra de oſſo & Sinopera, realçados com a meſma encarnaçaõ, ou tambem pretos & realçados cõ a meſma encarnação,

ou

ou de sombra ou de Ocre escuro, conforme à figura que se pintar, porque os cabellos huns saõ mais dourados outros menos, outros pardos, &c.

As roupas vermelhas, branco & Sinopera escuricidas com Sinopera tal, os mais escuros com Sinopera, & sombra de osso tudo misturado. As roupas azuis com Cinzas & branco os claros & escurecidos com azul, & os mais escuros com purpura tal. As roupas amarelas, os claros com Masicote & branco escuricidas com Rosado, & os mais escuros com Lacra tal, como se vio jà na anotação dos cambiantes. A cola com que se vzarem estas cores não seja muito forte, nem tambem tão fraca que tudo se despegue senão em meyo. E este modo de colorir serue tambem para todo o modo de pintura.

PINTVRA A FRESCO.

A pintura a fresco não se differença dos outros modos mais que em não se vzarem nella todas as cores, & mais no modo de as acentar. As cores que nella se vzão, saõ Ocre claro, & Ocre escuro, sombra de cintra, terra roxa, Almagra, pretos ordinarios de Lapis, Esmaltes, Verdemontanha, Verdacho, de sorte que se não vzão mais que as cores que saõ de terra, ou de area, ou vidro, mas as compostas não. Todas estas cores ao acentar não leuão cola, nem goma, nem algũa liga, somente a cal sobre que se acenta, isto se entende nas tintas que não vão aclaradas, senão assi como se moem, porque quãdo vaõ aclaradas serue então a mesma cal muito bem moyda, & se vza della como se fora Aluayade, & ella he a mesma liga: & que cal seja esta que serue, se dirà logo a baixo em seu lugar. O esmalte quando vay sô, & o Verdemontanha, concertanse cõ leite de cabras, ou outro qualquer;

& ſe vão aclarados leuaõ cal & não tem neceſsidade entaõ de leite.

A pintura ſe faz em acabando logo de guarnecer a parede em freſco: & as cores ſe acentão muitas vezes atè que fartem bem a cal. E notay que ſe não ha de guarnecer a parede mais que aquillo que podeis pintar antes que ella ſe ſeque, & ſe não poderdes pintar tudo o que eſtà guarnecido, & ſe ha de ſequar, aueis de botar a baixo tudo o que ſe não puder pintar em freſco, & depois tornalo a guarnecer quando ouuer tempo para acabar a pintura.

Os encarnados, fazenſe da meſma cal & Almagra ou terra roxa. O roxo ſe faz de Eſmalte & terra roxa. A cor do Maſicote ſe faz de Ocre claro, & a meſma cal, & aſsi todas as meſcras que ſe cuſtumão nas outras pinturas. A cal que ſeruir por Aluayade ha de ſer moyda. O debuxo ha ſe primeiro de fazer em hum papel do tamanho do paynel, & então ſe ha de piquar para ſe eſtrezir, que ſe faça a pintura mais certa & com mais breuidade. Os pinçeis hão de ſer de ſedas compridas, & pouquo atadas para que não desflorem a cal: & para as couſas mais delicadas ſe vzaõ os outros comuns.

A cal da pintura a freſco ha de ſer velha de dous ou tres annos ou mais; & ha de eſtar todo eſte tempo ſempre em agoa, como ſe faz a que ſerue no eſtuque. E ha de leuar area de rio, ou de agoa doce peneirada. E a agoa com que ſe amaçar ha de ſer agoa de fonte que não ſeja ſalobra nem ſalgada, & ſerà tanto de cal como de area, ou duas partes de area & hũa de cal. A outra cal da primeira guarnição do imboçar, ſerá da outra cal comũa com area, ainda que ſeja mais groſſa, & tambem meada, & depois do imbocar ſe poem logo a primeira cal de q̃ falamos ao modo de eſtuque, & ſe ficar parda algũ tãto

ou

ou almecegada, aſsi ficará melhor: acabado iſto ſe poem o papel picado, & ſe bota o pó de caruaõ, & pelo debuxo que fica ſe vay perfilando, & logo pintando: & notay que he neceſſario deixar a pintura ſobre o eſcuro, porq logo em ſe ſecando aclara muito.

Tambem cuſtumão fazer a freſco de raſcunho em paredes, figuras & lacarias & tudo o que querem como ſe vè em muitas quintas, & fazem deſte modo. Guarnecem a parede de cal com preto, & depois de ſeca & feita toda preta dãolhe outra mão de cal a colher, ao modo de eſtuque, & quando ſe quer ir ſecando, ou logo em freſco vaõ abrindo o debuxo com hum prego, ou eſtilo duro, & vaõ raſcunhando o que querem, fazendo com o raſcunho amiudado os eſcuros como quem raſcunha, & fica então aparecendo o debuxo em preto do preto que eſtaua por baixo. As mais lembranças que podera fazer para a pintura de freſco com o vzo ſe podẽ alcançar.

PINTVRA DE ILLVMINAÇÃO.

A pintura de illuminação ſe faz em purgaminho, & o melhor he o de Frandes reſpanſado, q̃ o de Caſtella não he bom. Nella ſe guarda a meſma ordem que temos dito da pintura à tempera, tirado que nos encarnados, nos altos delles ha de ficar o purgaminho tal & aquelle meſmo branco, porque de tal modo ſe vay apalpando com a Lacra & ſombra que ſempre o purgaminho fique ſeruindo com a ſua meſma cor.

Nomes das tintas que ſeruem pera a illuminação.

As tintas que ſeruem & ſaõ melhores, ſaõ as ſeguintes. Branco Genuiſco he o melhor. Vermelhaõ o de feuera mais comprida he o melhor. Verde terra, o da cor mais fermoſa he o melhor, & ſeja bem delgado. Verde montanha he hum verde azulado mais delgado que o Verde terra. Azul de cabeça. Cinzas tambem azul. Ocre claro, Lacra. Verde bexiga. Ocre eſcuro. Cataſol. Anil ò de tauoleta he o melhor. Braſil. Ienolim, ou Maſicote, ò de pains he o melhor. Bollo Armenico. Zarquão em torroins he o melhor. Ferrugem. Maquim. Sinopera. Carmim.

Modo como ſe lauaõ as tintas.

As tintas que ſe lauaõ & apuraõ ſem ſe moer, ſaõ eſtas. Cinzas. Maſicote. Aluayade. Zarquão. Tomaraõ goma Arabica de molho, & eſpeza como mel, & tomarão as tintas hũa por hũa, & em hũa altamia, ou qualquer tigela vidrada, & com o dedo polegar moeraõ a cor muito bem com eſta goma. E depois lançarlheaõ agoa clara pouqua & pouqua, & iraõ desfazendo a goma atè ſer muito ſolta. Depois em quanto ſe dis hum Credo a deixem acentar, & logo vazem a agoa em outra porſolana, & deixena eſtar hum quarto, logo a vazaraõ em outra, a qual eſtarà compondoſe hũa noite toda & noteſe que o pé deſtas tintas he o que ſerue, tirado do branco, & Maſicote, & Zarquaõ, que não preſtaõ

mais que para Pintores. Depois tomay eſtas porſolanas & tiraylhe leuemente as cores, & guardaias, porque hũas ſaõ mais claras, & outras mais eſcuras.

As cores que ſe moem lauaõ & apuraõ, ſaõ eſtas. Azul de cabeça. Vermelhaõ. Verde terra. Depois de moydas ſe lauaõ, como jà diſe das outras, mas ſejão muito bem moydas na pedra.

As cores que ſe moem com agoa de goma ſem mais purificaçaõ, ſaõ Ocre claro. Anil. Bolo Armenico. Ferrugem peneirada & bem ſeca.

Ocre eſcuro. Lacra, Sinopera ſe moem tambem com goma, & depois lhe lançaõ hũa pouqua dagoa com hũ dedo de mel, pouqua couſa, ou aſucre candil.

O Machim teloaõ primeiro de molho em ourina de moço virgem, ou ſumo de lima, & com ella o moeraõ em lugar de agoa, & com goma ſe vzarà. Verde bexiga com agoa tal ſe contenta.

Como ſe fazem as mezclas das cores.

As mezclas ſe fazem aſsi. O Roſado com Lacra & branco, & conforme a miſtura que ſe fizer aſsi ficarà claro ou eſcuro. Pombinho ſe faz aſsi. Tomay Lacra & braco & Cinzas, & ide compondo o Pombinho. A purpura ſe faz deſte Põbinho, como fica dito, & lhe lançaraõ das Cinzas mais azuladas & hum pouco de braſil. Verde terra ſe miſtura com Verde bexiga, & faz hũa cor eſcura ſerue para campos de letras. E miſturado o Verde terra com Maſicote faz hum verde gracioſo. Tambem Verde terta com Machim faz outro verde gracioſo.

As meſclas das molduras ſaõ differentes, tomay Ocre claro com Zarquão, ou Vermelhão & ſerue para os claros, & os eſcuros ſeraõ de Lacra ou ferrugem, & os realços de ouro.

Outro modo, Ocre eſcuro, & Vermelhão com hum pouquo de ouro do mais baixo miſturado tudo & acentado, depois de ſeco ſe burnirá com o dente, & ſe pode aſombrar com Lacra fina, & realçar com ouro.

Outro modo, Ocre claro com Vermelhaõ & ferrugẽ, & tudo mexido fica hũa mezcla boa, os riſcos ſerão pretos & ſobre elles outros de ouro, ou prata, ou branco.

Como ſe aſombraõ as cores.

Toda a cor ſe aſombra com a ſua contraria. O verde Maſicote, Maquin, ſe aſombrão com verde bexiga, ou Lacra.

O Azul, Zarquão, Roſado, Ocre claro ſe eſcurece cõ Lacra. Ouro com ferrugem, ou Ocre eſcuro. A prata ou branco, ſe aſombra com anil, ou ferrugem. A Lacra ſe aſombra com ferrugem, & realça com branco, Maſicote com azul, ou anil, ou verde bexiga. As ſombras de ouro ou prata ſeraõ ferrugem, ou Ocre eſcuro.

Os campos ſe enchem duas vezes, a primeira ves fraca a cor, & depois forte & groſa. O campo de ouro ſerá primeiro com Ocre claro, naõ muito forte, & logo o ouro por ſima depois da cor enxuta, & depois ſe burne põ dolhe hum papel por ſima, por ſe não desflorar.

Outro modo das ſombras, & realços.

Vermelhão ſe aſombra com Lacra, & ſe realça com Zar-

Zarquaõ. Azul ſe eſcurece com Lacra,& ſe realça com Aluayade. Verde terra ſe eſcurece com verde bexiga,& o realço he Aluayade,ou Maſicote. Ocre claro ſe eſcurece com Ocre eſcuro,& ſe realça com ouro. Zarquão ſe eſcurece com Lacra & ſe realça com Aluayade. O Roſado ſe eſcurece com Lacra delgada , & ſe realça com Aluayade. Maſicote he realço do Ocre claro.

Goma, como ſe concerta pera illuminar.

Tomaraõ a goma Arabica (que a outra de Ethiopia, que he vermelha naõ preſta para illuminar) & pizada hum pouquo a botaraõ em agoa que a cubra , & eſtará aſsi dous dias, depois coarſeà por hum pano, & a groſſa ſerà para moer as tintas , & a delgada para illuminar.

Pera moer ouro pera a illuminação.

Tomarão hum pequeno de ſal cozido com forme ao ouro que ſe ouuer de moer , & moeloaõ em hũa pedra muito bem moydo , depois lhe iraõ lançando os pains douro pouquo & pouquo,& indo ſempre moendo por eſpaço de hũa hora com força. E para ſaber ſe eſta jà moydo tomaraõ hum pequeno & poloaõ na borda da altamia em agoa , & alli quando ſe desfaz ſe vè ſe eſta jà bem moydo. Depois diſto tomaraõ eſte ouro todo, & botaloaõ em hũa porſolana lauandoo ſempre com agoa clara atè que a que deitar naõ tenha ſabor do ſal que ſe moeo a principio. Depois de muito bem lauado ſe porà em hũa vieira ao ar do lume a enxugar em brazas ſem fumo,& depois de enxuto vzeſe com agoa de goma , & do meſmo modo ſe faz à prata.

Pera fazer cor Roſeta.

Tomem pao do Braſil,& raſpado com hum vidro tomarão as raſpaduras,& botalas hão em hũa panella vidrada,& a hũa onça de Brazil botarão ſeis de vinho brã co,& eſteja aſsi de molho vinte & quatro horas, & logo ſe porà ao fogo & feruerà atè que mingue a terça parte, & tirarſeá logo fora a panella & lancenlhe mea onça de pedra hume moyda, & para ſe afinar mais lancenlhe mea onça de cal virgem, ou grã em graõ,& mea onça de goma Arabica & depois de coada ſe pode vzar.

Pera Braſil.

Tomaraõ pao do Braſil que ſeja doce na lingoa & faloaõ em rachas miudas,& botarlheão agoa em cantidade que fique tres dedos cuberto o pao, & eſtarà aſsi de molho hum dia & hũa noite, & depois feruerà atè que gaſte quaſi ametade,& depois de frio lancẽ o pao a hũa parte que fique a agoa ſô, na qual botaraõ hũa pequena de goma Arabica & hũa pequena de agoa ardente, & eſteja aſsi atè que a goma ſe derreta mexendoa cada dia duas ou tres vezes,& como for derretida ponhaſe outra ves ao fogo brando & em começando de feruer lhe bo tem pedra hume bem pizada pouqua & pouqua atè que faça a agoa muita vermelha,& quando já eſtiuer (prouãdoa na vnha) em cor de carmeſim, botenlhe hũa peque na de pimenta machucada,& como feruer tireſe do fogo,& coeſe & guardeſe em hum vidro & vzeſſe.

Pera cataſol.

Tomem lirio muito bem pizado, & ponhaſe em hũa eſcudela

eſcudela,& eſteja aquella maça aſsi ſeis dias,& acabados deitenlhe pedra hume como quem ſalga , & eſteja aſsi dous dias,& acabados eſtes dias eſpremaſe & molhem panos naquelle ſumo & enxugenſe ao ar atè que façaõ corpo , & quando quizerem obrar ſeja com agoa de goma.

Pera fazer verde Bexiga.

Tomarão as ſementes dos eſpargos em Setembro, as quaes tem muita ſemelhança com manjarona , & eſta ſemente ſerà muito bem machucada,& depois tomarão pedra hume, & hũa pouca de ourina de carneiro , & eſpremido tudo iſto aſsi junto por hum pano lanſaraõ o ſumo em hũa bexiga de carneiro, & porſeá ao fumo atè que todo eſte ſumo ſe ſeque & faça hum corpo , & depois cortay a bexiga & tiray o verde & vzayo. Outro ſe faz de arruda,& erua moura pizada , & o ſumo botado com fel de cabrito em hũa bexiga ao fumo.

Pera fazer verde Lirio.

Colhenſe as flores do Lirio até chegar ao amarelo, & machucadas em hum gral,lhe poraõ hũa pequena de pedra hume quanto ſeja hũa caſca de nôs , & tudo iſto aſsi ſerà pizado, & depois eſprimido por hum pano. E neſte licor botay panos , & os tornay a enxugar muitas vezes para podouros , & eſte verde ſe vza ſobre o verde Bexiga,& faz miſtura tambem com o Verde terra.

Vermelhaõ,como ſe conſerta & faz.

Vermelhão he pedra que ſe acha em mineraes. Mas

o ordinario he feito por artificio,com enxofre,& azouge,& fogo. Tomaſe hum pucaro nouo, & nelle ſe bota o enxofre,& o azouge partes igũaes,& depois ſe barra muito bem que não ſaya o bafo fora,& poſto ao fogo até que ſe encorpore hũa couſa com outra por eſpaço de ſinco ou ſeis horas.

Conſertaſe aſsi. Tomem o Vermelhão & muito moydo com agoa o deixem ſecar, & lançen-lhe hũa feura de açafraõ,& quando o quizerem vzar tomem o que quizerem,& desfaçano com agoa de goma,& com leyte de figueira. E ſe for para rabiſcar lauẽno como o azul, & tẽ peremno com goma,& leyte de figueira,& quando não quizer correr deitenlhe vinho branco, ou vinagre, ou hum pouco de mel, & quando fizer eſcuma botenlhe hũa pequena de cera da orelha.

De outro modo ſe faz. Tomaraõ a clara do ouo em hũa tigela vidrada,& eſteja atè que ſe ſeque, & depois de ſequa ſe desfaça com agoa limpa,& botemna no Vermelhaõ moydo,& vzeſſe.

Goma pera o azul.

Tomaraõ hum quartilho de vinho branco em hũa vazilha vidrada,& lançarlheão duas onças de goma Arabica,& logo ſe cozerà pouco & pouco,até que mingue de quatro partes hũa,& depois coarteà, & quando quizerem vzar o azul, vzarão deſta agoa para o desfazer.

Como ſe deſtempera o azul.

Tomaraõ o azul em pó,& deitaloão em hũa concha com cantidade de agoa que ſe amaçe, & tomem agoa gomada

gomada que não seja muito fraca, nem muito forte, & lancemna no azul pouca & pouca, & da hi a hum pedaço podem laurar com elle.

Verdete, como se faz & se vza.

Laguna inteprete de Dioscorides ensina a fazer Verdete, a que chama raspado nesta forma. Tomay hũa vazilha de vinagre muito forte, & pondelhe na boca (que não chegue ao vinagre) hũas laminas de cobre, & tapay logo a panella que não fique por onde respirar, & deixava estar dez dias, depois tiray as laminas, & raspay o verdete, & tornay a fazer o mesmo. Outros tomaõ as limaduras do cobre, & com vinagre bem forte, & tapaõ a panella muito bem sem respirar, & a poem ao sol no estio, & no inuerno sobre fornos, atè que se componha hũa cousa & outra.

Piamontes o ensina a fazer deste modo. Tomaraõ vinagre forte, & de laminas de arame limpo de todo o pô, & ferrugem, oito onças de sal comum, quatro onças de rasuras de vinho tinto, duas onças de sal Armenico, meia onça, & tres onças de agoa forte & destemperada com o vinagre, & estaraõ às outras cousas todas em pò, o vinagre seja sem medida, & quanto mais quanto melhor, porque se fica sempre he bom. Tudo isto poraõ em hũa panella vidrada, & tapalaaõ muito bem & barrada, que naõ respire. Depois põdea debaixo do esterco por quinze dias, depois tiraya & esbarraya, & tiraylhe o vinagre pouco & pouco, tomay então o Verdete que fica em hũa caixa de pao, & tapandoa muito bem a tornaya por debaixo do esterco por oito dias, & entaõ o tiray & o vzareis deste modo.

Tomay o Verdete & desfazeyo com sumo de limão

deitalhe hũa feuera de açafraõ, & vzay delle.

Doutro modo. Tomay o Verdete & botayo em ſumo de limão por oito dias, & botaylhe hũa migalha de goma, & depois vzay delle que fica muito bom. Os mais modos jà ſe diſeraõ na pintura de olio.

Como ſe faz o Aluayade.

O meſmo Laguna enſinando como ſe faz o Aluayade a que chama Ceruſa, diz que ſe faz nem mais, nẽ menos, como diſemos do Verdete na ſua anotação primeira, ſe não que as laminas hão de ſer de chumbo. E depois dos dez dias ſe deſtapa a vazilha, & ſe tira o vinagre limpo, & o pè que fica, que he o Aluayade ſe moe na pedra depois de ſeco, & ſe peneira, & o que ſay primeiro he o melhor, depois ſe compoem em pains com vinagre, & tudo muito bem moydo ſe ſecará ao ſol, o chũbo que ſe não acabou de conſumir ſe torna outra vez ao vinagre.

Como ſe faz o Zarquaõ.

O Zarquão, diz o meſmo Laguna que ſe faz aſsi. Tomay hũas laminas de chumbo muito delgadas, & pondeas em hũa panella noua hũa cama de laminas, & outra de enxofre moydo, & aſsi continuando atè encher a panella, & logo pola ao fogo meneando tudo com hũa vara de ferro, mas tende os narizes tapados, porque he o vapor muito danoſo. Outros em lugar de enxofre poẽ Aluayade, & tapão a vazilha muito bem, & ſò lhe deixão hum buraco pequeno, por onde reſpire, & a poem no forno (& iſto he o melhor) atè que ſe queime muito bem.

Pera acentar ouro em ſeda, ou papel, ou purgaminho.

Tomarão clara de ouo bem quebrada, de ſinco, ou ſeis dias que ſeja bem podre, & bollo Armenico, & guis mate, conuem a ſaber, tres partes de guis, ou geſſo, & o bollo ſeja quanto lhe dè hũa pequena de cor, & partido aſsi deitẽno na pedra, & depois de muito bem moydo com a clara que lheiraõ botando pouco & pouco, lhe lancem juntamente hum pequeno de aſucre candil, ou hũa gota de mel, & hũa pequena de cera da orelha. E aduirtaõ, que não ſeja muito baſto, nem muito ralo ſe não em meyo, & cõ eſta tinta fação as letras, & depois de enxutas bafejenlhe, & ponhãolhe o ouro & burnão logo.

Outro modo para ſeda. Tomay algũa tinta concertada â tempera, & com ella lauray as letras na ſeda, & depois de enxutas ponde o mordẽte pelos meſmos riſcos jà eſcritos á tempera, & como eſtiuer em cezaõ podeis dourar. E notay que não ſayais com o mordente fora do que eſtà eſcrito, porque logo repaſſa.

Outro modo. Tomay leite do pê de figueira em hũa concha, & deitaylhe hũa feuera de açafraõ, desfazẽdoo no leite, & cõ elle eſcreuey, & depois de enxuto bafejaylhe, & acentay o ouro, & alimpay com algodão.

Outro modo. Tomay geſſo mate tres partes, & hũa de bollo Armenico, & goma Arabica, & depois de tudo encorporado eſcreuey, & eſtando rezente para ſeco acentay o ouro & burni.

Pera aſentar ouro em pedra, pao & vidro, & couro.

Pera aſentar ouro em pedra, ſe ha de guardar a ordem ſeguinte. Primeiramente ſe ha de imprimar, & depois de ſeca a imprimadura ſe lhe hà de pôr o mordẽte, & como eſtiuer em cezaõ, dourar: mas deſte modo cõ a humidade da pedra, nos dias de chuua naõ tem luſtro o ouro, & para que a humidade o naõ penetre ſe fará deſte modo. Depois de imprimada a pedra & poſto o mordente, lhe acentay folhas de eſtanho ao modo de quando dourais, & depois de aſsi eſtanhada lhe ponde outra vez outra imprimadura, & outro mordente, & podeis dourar, que entaõ fica o dourado com luſtro, & fora de humidade, & de pois ſe quizerdes perfilar algũa couſa ſobre o ouro, perfilay com Ocre eſcuro, ou com ſombra.

O pao ſe doura de dous modos: a hum delles chamão ouro mate, como he o que fica aſsima dito, q̃ aſsi ſerue tambem no pao como na pedra, & o outro ſe chama ouro burnido. O ouro mate ſe acenta ſobre o pao aparelhado como dizemos na pintura atè ſer imprimada, & depois ſe lhe poem o mordente; & quando eſtá jà quaſi ſeco ſe lhe acenta o ouro com algodaõ. E ſe quizerdes fazer hum ouro muito fermoſo que pareça ouro burnido, fazey que o mordente ſeja pulimento de Ocre claro, ou eſcuro, & depois de eſtar muito polido & lizo (que niſto eſtâ ſayr o ouro bom) depois de enxuto lhe acentay o ouro que ficarà muito fermoſo, & tão bom como ſe fora burnido.

O ouro burnido ſe faz aſsi. Depois de eſtar o pao encolado

encolado lhe day hũa mão de geſſo comum, & ſeja ao modo de lauadura delgado, & ſe na cola lhe botardes hũa cabeça de alhos ſerue para que não ſalte, depois lhe day tres ou quatro mãos de geſſo mate, o qual ſe faz aſsi. Tomaſe o geſſo comũ, & depois de moydo & peneirado ſe bota em hũa panella chea de agoa clara, & cada dia ſe lhe muda & ſe bate duas ou tres vezes, & aos dez dias fica geſſo mate entaõ o tiray & ſequay, & vzay delle. Depois de dardes eſtas mãos que digo, lhe dareis duas de bollo comum, & depois outras duas de bollo fino, & ſejaõ todas eſtas mãos dadas com cola quente, depois de enxuto quando quereis dourar molhareis muito bem, & ſobre o molhado com agoa clara acentay o ouro & depois de ſeco burni com o bornidor, que ſe faz de pederneira muito lizo & ficará o ouro muito fermoſo.

Pera ſe dourar o caderno de hum liuro ſe ha de guardar eſta ordem. Tomarão hũa clara de ouo & botarlheaõ hũa gota de agoa, & depois bateraõ tanto eſta clara atè que ſe faça em eſcuma, depois a agoa que ſayr deſta eſcuma he a que ſerue. Com eſta agoa cubriraõ tudo o que ſe ouuer de dourar, & depois de enxuta ſe lhe porà por ſima hum toque de azeite, & logo o ouro por ſima, depois com o ferro quente em forma que poſſa aquentar a clara do ouo, que já eſtà ſeca, & depois de impreſſos os lauores que quizerdes alimpay com algodaõ, & ſó ficarà o ouro aonde carregaſtes com o ferro. Iſto ſe pode fazer tambem em borzeguins, & em çapatos, & em todo o couro que quizerdes.

E ſe quiſerdes dourar as folhas do liuro guarday eſta ordem. Tomay o liuro, & pondeo na emprença muito bem apertado, depois o raſpay com hũa faca muito bẽ, depois de bẽ cortado, & logo depois de raſpado o burni, & acabado de burnir lhe day hũa mão cõ a clara de ouo,

como

como fica dito,& eſtando a clara ainda freſca, tomay hũ pequeno de bollo Armenico moydo , & com o dedo o ide pondo ſobre a clara,& esfregando até que as folhas fiquem da cor do bollo Armenico. Depois de enxuto lhe tornay a dar com a clara outra mão,& eſtando em cezão, & quaſi enxuta lhe põde o ouro,& depois de enxuto burni com o dente & lhe imprimi com o ferro os lauores que quizerdes.

E ſe quizerdes fazer as folhas de ouro ſobre cores, guarday eſta ordem. Tomay a meſma clara & cõ ella con ſertay o verde ou azul. O verde ſeja montanha, ou o que ſe faz de anil,& Ialde,& o azul, ou Aluayade & anil , ou de Orchilha,& depois de enxuto o burni muito bem: tornaylhe a dar logo com outra maõ da clara de ouo, como fica dito,& tanto que eſtiuer enxuta lhe ponde o ouro & logo com o ferro quente ide laurando, & ſô ficarà o ouro aonde o ferro imprimir, & alimpay com o algodam.

Pera dourar o vidro ſe ha de fazer o mordente liquido que corra pela paleta,& ha de ſer de Ocre eſcuro para bom, ou dourado. E com elle lauray no vidro o que quizerdes, depois de reſente para ſeco lhe acentay o ouro,& como o ouro pegar em todo o vidro com o meſmo algodão tocado no cuſpinho alimpay, & ficarà ſô o ouro pegado no mordente.

Pera dourar hũa rodela, ou bandeija ao modo da China notay que ſe ha de aparelhar como diſemos da outra madeira, & depois da imprimadura lhe dareis a cor que quizerdes a olio tambẽ, ou preta, ou vermelha, &c. Depois de muito bem enxuta que não pegue nella o ouro debuxay com o mordente de que tratamos no dourar do vidro, & de pois que eſtiuer em cezão acentay o ouro, & depois de dourado, & muito bem enxuto enuer-

nizay

nizay toda a rodela,ou taboleiro com vernis de eſpique, que he muito ſequante, & depois podeſe lauar cõ agoa quando eſtiuer ſuja porque ſe não desflora nada.

Pera eſtofar hũa figura.

O eſtofo de figuras,ou de roupas,ou tudo o que quizerem eſtofar não ſe faz ſenão ſobre ouro burnido, & guardaſe eſta ordem. Primeiramente ſobre o ouro que quereis eſtofar aueis de dar hũa mão,ou duas de Aluaya deconcertado com gema de ouo, o qual ſe concerta aſsi. Tomay a gema ſem clara,& botaylhe hũa põta de agoa,& depois bateya muito bem,& com eſta compoſiçõ aueis de conſertar as cores como ſe fora cola, ou goma. Depois de dadas eſtas mãos de Aluayade que fique a figura muito alua,ide então colorindo o damaſco, ou tella,ou ramos,ou paſſarinhos, ou o que quizerdes, que então ſeruem aqui as cores da illuminaçâo com eſta compoſiçaõ da gema de ouo,& ſeruem os realços todos,depois de tudo laurado ao pinzel,& enxuto ide então riſquando,& abrindo a pintura com hum eſtilo de pao,ou de prata,ou hum ponteiro duro do que quizerdes, & ficareis deſcubrindo o ouro aonde vos parecer bem, & para ſe fazerem hũs alcachofres como tem o brocado fazey hum ferro como punção em que eſteja aberto o modo que melhor vos parecer,& com elle pũçay. E quando o ouro não tomar bem a cor do Aluayade primeira,miſturaylhe hũa ponta de fel.

Pera fazer hum paynel com tres figuras, que hũa ſò apareça â viſta.

Pera ſe fazer hum paynel de tres figuras,que cada qual

ſe veja por ſi, & não todas juntas, ſe farà aſsi. Fazey hũa grade do tamanho que quereis o paynel, & na regra do alto da cabeca, & na de baixo dos peis aueis de dar hũas cerraduras com hũa cerra delgada até quanto ſeja o cõprimento de hũa vnha, & quanto tiuer de altura a cerradura tanto ha de ter de largura de hũa a outra, & aſsi irão cerrando eſtas duas regras igualmente, depois de cerradas acentareis nas coſtas da grade hum paynel que jà eſtarà feito, nem mais nem menos, como ſe a grade fora feita ſô para elle.

Depois tereis já dous payneis pintados do tamanho da grade, os quais fareis em tiras da largura das cerraduras, & grudareis eſtas tiras de hum paynel com as do outro paynel, por eſta ordem, que a primeira deſte ſe grudarà com a derradeira do outro cõ as coſtas hũ para outro, & logo a ſegunda cõ a antepenultima, & logo as ide acentando começãdo na primeira cerradura da mão eſquerda do paynel, & aſsi quando por eſta ordem as fordes grudando & acentando quando puzerdes o paynel na parede, vereis a figura fronteira ſem que vejais as outras, & depois quando vos puzerdes da ilharga eſquerda vereis outro ſomente, & da ilharga direita outra ſomente. E ſe quizerdes fazer iſto mais facilmente tomay hũas taboletas de faya donde fazem as bainhas de eſpadas, & eſtas ordenadas como paynel pintay nellas, & depois as viray hũa & hũa, & nas coſtas pintay a outra figura & depois as encaixilhay nas cerraduras como fica dito.

Pera fazer hum paynel do meſmo modo com duas figuras.

Tomay hũa taboa- & nella manday fazer o payne do tamanho que quizerdes, & ſeja groſſa para que nella

ſe

ſe poſſaõ abrir huns canais que venhão os altos a ſer como as duas faces de triangulo direito, & que vão todos iguais tão largos huns como os outros, como ſe vè neſte exemplo.

Tereis então já pintados os dous payneis, & cortalos eis tambem em tiras tão largas, como he hũa da banda doscanais, ou triangulos, & por ordem ireis acentando a primeira tira de hum paynel na primeira face do triangulo, & logo no ſegundo a ſegunda, & aſsi as outras do primeiro paynel. Depois tomay as outras tiras do outro paynel, & ponde a derradeira nas coſtas do triangulo dõ de puzeſtes a outra primeira, & logo a penultima põdea nas coſtas do triangulo donde puzeſtes a ſegũda tira do primeiro paynel, & aſsi ide pondo as outras por eſta meſma ordem, & ficareis então fazendo hum paynel que tenha duas figuras, hũa que ſe veja da ilharga eſquerda, & a outra da ilharga direita.

Outra inuenção deſtas figuras.

Eſta taboa aſsi feita em triangulos, como fica dito, ſe deſta ſorte quiſerdes fazer hum paynel corioſo, fareis que os triangulos fiquem atraueſſados da mão eſquerda para a direita, & aſsi lhe poreis as figuras, nem

mais,nẽ menos,como fica dito no paynel de duas figuras. Mas a figura deſima lhe poreis os peis para ſima, & a cabeça para baixo,depois ponde hum espelho por ſima ao modo de guarda pó,& pondo o retablo em lugar de altura boa de hum homem vereis hũa figura fronteira,& a outra figura ficarſeà vendo no eſpelho. E ſe lhe puzerdes cortina quando tiuerdes cuberto o retablo tãbem não vereis nada no eſpelho,& quando o deſcubrirdes então vereys a do eſpelho,& a outra fronteira.

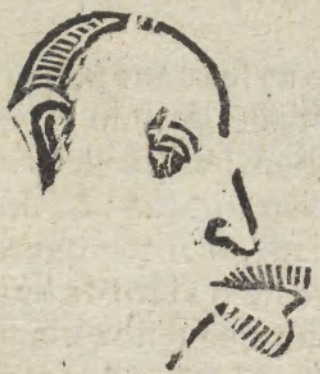
Outra inuençaõ deſtas figuras.

Daniel Barbaro enſina a fazer hũa figura ,demodo q̃ viſta a meſma figura de hũa ilharga pareça outra couſa differente do que parece defronte. E dis aſsi na ſua quinta parte cap.1.& cap.2. de ſua perſpectiua. Tomay hũa folha de papel na qual debuxareis duas cabeças humanas,ou o que quizerdes depois piquay eſtas figuras que debuxaſtes com hum alfinete groſſo,que fiquem os buracos grandes,depois tomay a taboa aparelhada aonde quereis pintar as meſmas duas cabeças humanas a qual eſtarà muito plana & polida,tomay depois o papel que eſtà picado & pondeo ſobre a cabeça da taboa que fique o papel juſto com os cantos da taboa,como ſe ella fora hũa parede,& o papel que foſſe taboa,que fique em eſquadria perfeita,depois de terdes iſto aſsi feito , endereitay a taboa com o fio ou talho ao ſol ſegundo ſua altura atè que paſſando os rayos pelos pontos picados do papel,que ſaõ como entreuiſtas ſe veja na taboa que os rayos do ſol eſcreuem as ditas cabeças humanas, & aſsi como as riſquas aparecerem aſsi as debuxareis, as quaes ſerão largas & eſtreitas em forma,que pondouos a hũa parte da taboa não vos parecerão cabeças , mas hũas

linhas

linhas direitas,& outras tortas sem forma algũa, mas se vos puzerdes ao ponto donde vierão os rayos do sol, então vos apparecerão as cabeças assi como estão debuxadas. Mas ha de suprir aqui a abilidade do Pintor perspectiuo, que depois conforme a estes liniamentos que aparecem fora do ponto ha de saber disimular as linhas,& a testa há de fazer que pareça hum rochedo, & do naris ha de fazer hum tronco,& da boca & barba ha de fazer as rayzes, & dos bigodes ha de fazer hũa fonte, ou o que melhor lhe parecer, mas guardando sempre as linhas principais,& dando as cores em as partes que vir que saõ necessarias para não desfazer o debuxo principal,& pode fazer rios,serras,longes,& pertos, em o mais cãpo da taboa que fiquẽ vendose, não da ilharga donde leue a figura, senão da vista fronteira,& para isto não tem necessidade de vzar de papel picado, senão pintar á vontade pera desimular a figura principal. E notese, que tambem os rayos da candea podem seruir como seruem os do sol. O mesmo Autor na sua nona parte tras hum instrumento do modo de por as cousas em perspectiua que tomou de Alberto Dureiro, quem o quizer saber nestes dous Autores o pode ver.

Exemplo do sobredito.



Modo facil para copiar hũa cidade, ou qualquer couſa.

Pera com facilidade poderdes copiar hũa cidade fazey hum quadrado do tamanho que quereis copiar a cidade,& pondelhe hũa rede eſtirada de modo que fiquẽ as malhas todas direitas na ſua porpoſſaõ. Depois no papel, ou taboa em que quereis copiar fazey a meſma rede de riſquas com outras tantas malhas. Depois pondeuos de paragem donde deſcubrais a cidade, & donde vos ſique melhor,& ponde o olho em hum ponto para que não perquais a viſta perfeita do perfil, & aſsi podeis facilmente copiar.porque a torre que fica em hũa malha da rede,buſcay nas riſcas a malha que lhe reſponde, & alli ponde a torre. E na outra malha aonde aparece a aruore, pondea tambem na outra que lhe reſponde no papel,& aſsi pouco & pouco podeis copiar a cidade, ou o que quizerdes.

E ſe o que quereis copiar he couſa de pintura tambem ſe pode copiar fazendo hũa grade na pintura que reſpõda às ditas malhas.E outra no papel, ou paynel em que quereis copiar, & aſsi podeis ir pelas malhas copiando pouco & pouco.

Daniel Barbaro na ſua nona parte cap.5. enſina outro modo de copiar cidades,& tudo o mais que quizerem, & dis aſsi. Fazey hum buraco detras de hũa janella da banda de dentro,na porpoçaõ, & diſtancia donde vos fica fronteira a cidade,ou o que quereis ver,& o buraco ſeja tamanho como he o vidro de hum oculo. E tomay hum oculo de velho que tenha algum tanto de corpo no meyo, & não ſeja concauo como os oculos de moços

ços que tem a vista curta,& encaixay este vidro no buraco determinado,serray depois toda a janella,& as portas da estancia donde quereis fazer isto, de modo que não tenhais mais luz,que aquella que vem do vidro.

Tomay depois hũa folha de papel, & pondea descõtra o vidro tanto apartado, que vejaes miudamente na folha de papel tudo aquillo que esta fora de casa, o que se faz em hũa determinada distancia, mais distintamente: o que achareis encostando,ou apartando a folha de papel do vidro atè q̃ acheis o sitio conueniente. E assi vereis no papel as cousas que quereis na forma em que ellas estaõ, mas importa fazer isto em dia claro & com o sol muito fermoso:& fazendo experiencia vereis que vidro melhor representa,& o que representar ireis perfilando estando firme o papel que se não perca o perfil.

Outro modo.

Pera copiar hũa cidade,ou o que quizerdes em breue espaço,tomay hum espelho,ou hũ vidro claro cristalino do tamanho que quizerdes,& pondeo em paragẽ donde possais nelle bem ver o que quereis copiar, & então na representação que vos fizer ireis com o pincel lançando as linhas principais, & o perfil do que quereis copiar,& seja com algũa tinta de olio. Depois que dentro no espelho,ou vidro tiuerdes escrito & perfilado tudo, tomay outro tamanho papel limpo, & pondeo sobre os perfis que estão jà no espelho, ou vidro para que o papel os receba em si. Depois de enxutos no papel o podeis picar muito meudo,& depois esterzilo às direitas, porque no espelho fica as auessas, & pelos perfis cerros podeis ir colorindo do mesmo modo que as cousas vos aparecem,a muralha,a torre,as casas,&c.

Outro

Outro modo de copiar.

Pera fazer hum retrato do tamanho do viuo ſe ha de guardar eſta ordem para que depois ſe poſſa fazer bem ao viuo, & Iconico. Tomay hum vidro do tamanho do roſto que quereis retratar,& pondelho no roſto que tome todo o perfil que melhor vos parecer perfilay, & o perfil ſerà com tinta de olio aſsi como diſemos aſsima. Depois tomay hũa folha de papel, & ponde ſobre os perfis que jà eſtão no vidro para que os receba,& depois o picay muito bẽ,& por elle aſsi picado podeis eſterzir, & ficara âs direitas,porque o perfil tambem foy às direitas. Depois podeis ir colorindo tendo diante a peſſoa que retratais,porque como o perfil eſtà ao certo, muito facil ſerá a quem ſabe, depois imitar o viuo.

Pera fazer vernis.

Pera ſe fazer vernis que vzão os officiaes de gadamexins,ſe faz neſta forma. Tomay a graxa que quizerdes, & olio de linhaça igual parte,& ponde a feruer aſsi a graxa como o olio cada hũ em ſeu pucaro, & para ſaber quando eſtão em cezão,a graxa ſe meneará com hum pao, & como não tiuer grã que desfazer,então eſtà jà em cezão: & o olio para ſe ſaber quando eſtà feruido meteilhe hũa pena dentro,& ſe eſtalar jà eſtà cozido. Depois miſturay hũa couſa com a outra aſsi em quente, & quando o quizerdes vzar aquentayo ao ſol,ou ao fogo,& eſtẽdey muito bem achareis que tem luſtro baſtante,& he ſequante, mas no branco ſe não dè, porque não faz obra boa,mas nas mais cores ſi.

Outro modo.

Outro modo de fazer vernis he para madeira,& se faz assi. Tomay duas partes de almecega, & trementina de beta hũa parte,fezes douro as que quizerdes , hum ou dous dentes de alho,& de olio quatro partes, feruase o olio,& logo na feruura se lança a almecega,& logo as outras cousas, & se quereis que seja cheiroso, botaylhe o cheiro que quizerdes,& pondeo a curar ao sol. E quãdo o quizerdes vzar seja quente,& estendey bem.

Pera fazer betume de imbutir que pareça marchetado.

Para fazer betume para imbutir, se fará deste modo. Tomay Lacre pizado,& pez,ou resina, & feruido tudo, mas não muito feruido,porque se faz leuado, deitaylhe a cor que quizerdes moyda muito bem, & depois botay este betume assi quente nos debuxos que tiuerdes laurados,& depois de seco lauray com a garlopa ,& ficará muito bem imbutido que pareça marchetado.

Pera fazer tinta preta para pergaminho.

Pera hũa canada de vinho branco,& se for vinho brãco verde, tanto melhor, lançay quatro onças de galhas partidas,& estejão de molho dez ou doze dias,mexẽdoas duas ou tres vezes cada dia,& depois destes dias coay este vinho & pondeo aó lume atè que queira começar a feruer,& entaõ o tiray fora do lume,& lhe lançay tres

onças de caparroſa, mexendo por eſpaço de quatro credos, & iſto feito eſtarão preſtes tres onças de goma liquida como termentina, que tereis jà feita em agoa, & botandoa no vinho a meixey outro tanto. Depois deixai iſto aſsi dous ou tres dias mexendo cada dia duas ou tres vezes, depois coay eſta tinta & vzay della, ſerue tambem para pergaminho.

Outro modo.

Pera hũa canada de tinta, tomay ſinco [illegible]as de galhas & quatro de caparroſa, & tres onças de g[illegible]ma & quatro quartilhos de vinho branco, o qual ſe repartirà pelos materiaes, que cada hum por ſi ſe farà em hũas porſolanas quebrando primeiro os materiais : eſtejaõ aſsi quatro ou ſinco dias, mexendoos cada dia. Deſpois deſte tempo tomay as galhas, & ferуaõ em duas ou tres feruuras, & depois de coadas por hum pano eſtãdo aſsi quente lhe lançay a goma, & caparroſa, & eſteja quatro dias aſsi, mexendoſe cada dia duas vezes, depois tornay a coar & eſteja dous dias até que ſe acente, & logo ſe pode vzar.

Outro modo para pergaminho.

Perà hũa canada de tinta tomarão tres quartilhos de agoa doce, & hum quartilho de vinagre em hũa panella noua, & deitarlheão dentro quatro onças de galhas, & quatro onças de caparroſa, & quatro de goma Arabica, as galhas ſerão machucadas, & a caparroſa ſerá moyda, & tudo iſto junto eſtara de molho dez ou doze dias, & cada dia o meixerão, & depois deſte tempo, poraõ a panella

nella ao fogo a ferver hum bom pedaço, & depois se ponha a esfriar, & coada por hum pano de linho, logo se pode escreuer com ella, & he a melhor para pergaminho.

Outro modo.

Tomarão seis onças de galhas de Frándes, & quatro de caparrosa, & tres onças de goma Arabica, & hũa canada de agoa de cisterna, & poraõ esta agoa com as galhas machucadas ao sol mexendoas com hum pao de figueira, & [illegible] dous dias lhe botaraõ a caparrosa, & acabados outros dous dias lhe botaraõ a goma, & depois se porà ao fogo que de hũa feruura, & depois coarseà por hum pano de linho, & vzesse.

Outro modo, & mais comum.

Tomarão para hũa canada de tinta preta, hũa canada de agoa de cisterna, ou de chuua, & quatro onças de galhas miudas & crespas, & estaraõ de molho dez ou doze dias com as partirem primeiro em tres ou quatro partes, & meixelas cada dia, & acabado este tempo lhe botaraõ dentro na panella, que sera vidrada tres onças de caparrosa moyda, & estarà assi cõ as galhas dous dias, depois destes dias tomay tres onças de goma Arabica bem pizada, ou liquida como mel, & estarà assi outros dous dias, & acabado este tempo poraõ a panella ao fogo & feruera duas feruuras, & depois a coaraõ por hum pano, & logo se pode vzar. E se quizerem que seja mais preta botenlhe menos agoa de cisterna do que digo no principio.

Tinta pera pergaminho.

Tomaraõ de vinho branco ſobre o verde mea canada & tres onças de galhas, & duas de caparroſa, & duas de goma, & farão como qualquer das outras tintas, aduirto, que no cozimento ſe lhe podem botar folhas de louro, ou caſcas de romam, ou de nogueira, & pedra hume, depois muito bem tapada ſe porà ao ſereno por alguns dias, & vzarſeà.

EM LISBOA.

Com as licenças neceſſarias, & priuilegio,
Por Pedro Crasbeeck.

ANNO 1615.

FIM.